IPHAN

{ Toque dos Sinos e o Ofício de Sineiro em Minas Gerais }



DOSSIÊ IPHAN 16

Toque dos Sinos e o Ofício de Sineiro em Minas Gerais

tendo como referência as cidades de São João del-Rei, Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes



DOSSIÊ IPHAN 16

Toque dos Sinos e o Ofício de Sineiro em Minas Gerais

tendo como referência as cidades de São João del-Rei, Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes



Paixão e Fé
Tavinho Moura e Fernando Brant

Já bate o sino, bate na catedral
E o som penetra todos os portais
A igreja está chamando seus fiéis
Para rezar por seu Senhor
Para cantar a ressureição

E sai o povo pelas ruas a cobrir
De areia e flores as pedras do chão
Nas varandas vejo as moças e os lençóis
Enquanto passa a procissão
Louvando as coisas da fé

Velejar, velejei
No mar do Senhor
Lá eu vi a fé e a paixão
Lá eu vi a agonia da barca dos homens

Já bate o sino, bate no coração
E o povo põe de lado a sua dor
Pelas ruas capistranas de toda cor
Esquece a sua paixão
Para viver a do Senhor

PRESIDENTA DA REPÚBLICA
Dilma Rousseff

MINISTRO DA CULTURA
João Luiz Silva Ferreira (Juca Ferreira)

PRESIDENTA DO IPHAN
Jurema de Sousa Machado

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO IMATERIAL
Vanderlei dos Santos Catalão (TT Catalão)

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE ARTICULAÇÃO E FOMENTO
Luiz Philippe Peres Torelly

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO MATERIAL
Andrey Rosenthal Schlee

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO
Marcos José Silva Rêgo

DIRETOR DO PAC CIDADES HISTÓRICAS
Robson Antônio de Almeida

SUPERINTENDENTE DO IPHAN EM MINAS GERAIS
Célia Maria Corsino

ESCRITÓRIO TÉCNICO DO IPHAN EM SÃO JOÃO DEL-REI
Vanessa Taveira de Souza

Departamento de Patrimônio Imaterial

COORDENAÇÃO-GERAL DE IDENTIFICAÇÃO E REGISTRO
Mônia Luciana Silvestrin

COORDENAÇÃO-GERAL DE SALVAGUARDA
Rívia Ryker Bandeira de Alencar

COORDENAÇÃO-GERAL DE IDENTIFICAÇÃO
Sara Santos Morais

COORDENAÇÃO-GERAL DE REGISTRO
Diana Dianovsky

COORDENAÇÃO-GERAL DE APOIO À SUSTENTABILIDADE
Natália Guerra Brayner

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR (CNFCP)
Cláudia Márcia Ferreira

15 anos Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL
SEPS Quadra 713/913, Bloco D,
Edifício IPHAN, 4º andar
CEP 70.390-135 Brasília – DF
Telefone: (061) 2024-5401
E-mail: dpi@iphan.gov.br

IPHAN 80 ANOS 1937 2017

Ministério da **Cultura**

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

Instrução Técnica do Processo de Registro do Toque dos Sinos e do Ofício de Sineiro em Minas Gerais, tendo como referência as cidades de São João del-Rei, Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes

Supervisão técnica

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO IMATERIAL
Ana Cláudia Lima Alves
Ana Lúcia de Abreu Gomes

COORDENAÇÃO DE PESQUISA
Superintendência do Iphan em Minas Gerais

EQUIPE DE PESQUISA
Superintendência do Iphan em Minas Gerais

Primeira etapa: Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei (Funrei)
- Cláudia Resende (coordenação)
- Fernando Antônio da Conceição
- Maria da Luz Coelho

Segunda etapa: Santa Rosa Bureau Cultural
- Alessandra Oliveira (coordenação)
- Eleonora Santa Rosa (coordenação)
- Francisco de Assis Gonzaga da Silva
- Josanne Guerra Simões
- Liliane de Castro Vieira

Terceira etapa: Núcleo Brasileiro de Percussão (NBP)
- Juliana Araújo (coordenação)
- Ana Flávia Macedo
- Cid Knippel
- Cristina Leme
- Djalma Corrêa
- Juliana Araújo
- Pablo Lobato

TEXTO
Ana Lúcia de Abreu Gomes

Edição do Dossiê Interpretativo

COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO
Yêda Barbosa

EDIÇÃO DE TEXTO E COPIDESQUE
Maria das Dores Freire

REVISÃO DE TEXTOS
Grace Elizabeth
Rosalina Gouveia

FOTOGRAFIAS
Cristina Leme
Djalma Corrêa
João Ramalho Neto
Pedro David
Ricardo dos Santos Gonçalves
Acervo Técnico Iphan

PROJETO GRÁFICO
Victor Burton

DIAGRAMAÇÃO
Inara Vieira

Registro do Toque dos Sinos e o Ofício de Sineiro em Minas Gerais

Processo nº 01450.011821/2009-82

PROPONENTE
Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais

DADOS DO PROCESSO
Pedido de registro aprovado na 62ª reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, em 3 de dezembro de 2009.

Toque dos Sinos em Minas Gerais
Inscrição no Livro de Registro das Formas de Expressão em 3 de dezembro de 2009

Ofício de Sineiro
Inscrição no Livro de Registro dos Saberes em 3 de dezembro de 2009

CAPA
DETALHE DO TOQUE DO SINO NA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO CARMO, OURO PRETO.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

PÁGINA 2
DETALHE DO SINO DA CAPELA DE SANTANA, MARIANA.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

PÁGINA 4
VISTA PARCIAL DE SÃO JOÃO DEL-REI COM DESTAQUE DAS IGREJAS DE NOSSA SENHORA DO PILAR E NOSSA SENHORA DAS MERCÊS.
FOTO: RICARDO DOS SANTOS GONÇALVES, 2014.

PÁGINA 8
IGREJA DE SANTA QUITÉRIA, CATAS ALTAS.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.



SUMÁRIO

10 **APRESENTAÇÃO**

12 **INTRODUÇÃO**

30 **IDENTIFICAÇÃO**
31 O sineiro, o sino e o toque: trindade mediadora entre o humano e o divino
35 O sineiro e seu ofício
45 Os toques, seus segredos e suas mensagens
46 Toques com o sino paralisado
48 Toques com o sino em movimento
50 Os sinos
52 O processo de produção dos sinos
63 Recorte territorial da pesquisa: do sertão dos Cataguases às cidades de Minas
69 O surgimento das irmandades religiosas

76 **OS BENS CULTURAIS COMO OBJETO DE REGISTRO**

106 **RECOMENDAÇÕES DE SALVAGUARDA**

116 **NOTAS**

128 **FONTES BIBLIOGRÁFICAS**

ANEXOS
132 Anexo 1 - Parecer do Relator
140 Anexo 2 - Certidão de Registro do Toque dos Sinos
142 Anexo 3 - Certidão de Registro do Ofício de Sineiro
144 Anexo 4 - Modalidades de Toques em São João del-Rei
148 Anexo 5 - Afinação do Sino



APRESENTAÇÃO

VISTA A PARTIR DA TORRE DO SINO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA, PASSAGEM DE MARIANA.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

A *Coleção Dossiê dos Bens Culturais Registrados* destina-se a tornar amplamente conhecidos e valorizados como Patrimônio Cultural do Brasil os bens de natureza imaterial Registrados pelo Iphan.

O Registro foi instituído a partir do Decreto nº 3.551/2000, que também cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial. Ele é realizado pela inscrição dos bens em algum dos quatro Livros do Registro: das Celebrações, dos Lugares, das Formas de Expressão e dos Saberes. Os Dossiês publicados têm por base os estudos que fundamentaram o Registro do Bem Cultural e refletem as etapas de pesquisa, análise e reconhecimento desse patrimônio.

A divulgação dos processos de Registro e dos resultados do trabalho institucional contribui para o reconhecimento desse patrimônio pela sociedade brasileira e favorece condições de sua permanência. São apresentados nos Dossiês elementos que definem a identidade dos detentores dos bens culturais e dos grupos sociais envolvidos em sua realização, seu universo de ocorrência, e as práticas e saberes a eles inerentes.

Este 16º volume desta Coleção apresenta o **Registro do Ofício de Sineiros**, inscrito no Livro de Registro dos Saberes e o **Toque dos Sinos** tendo como referência **São João del-Rei** e as cidades de **Ouro Preto**, **Mariana**, **Catas Altas**, **Congonhas do Campo**, **Diamantina**, **Sabará**, **Serro** e **Tiradentes**, inscrito no Livro das Formas de Expressão.

Estes bens revelam diversidade e especificidade sociocultural presentes nestas comunidades mineiras. Ao Toque dos Sinos são atribuídos significados que estabelecem diálogos e transmitem mensagens de alegria e tristeza, de chamamentos, de marcação de tempo que se gravam no cotidiano das pessoas e na paisagem da região.

A tradição do Toque dos Sinos só se mantém viva pela perícia e sentimento daqueles que os badalam, os Sineiros.

A salvaguarda desses Bens Culturais Registrados respeita seus atuais e diferenciados significados atribuídos pela comunidade envolvida, para a continuidade dessa manifestação cultural. ■

Jurema Machado
Presidenta do Iphan



INTRODUÇÃO

VISTA PARCIAL DE SÃO JOÃO DEL-REI, COM A IGREJA NOSSA SENHORA DAS MERCÊS EM DESTAQUE.
FOTO: RICARDO DOS SANTOS GONÇALVES, 2014.

BAIXO
TAPETE DA PROCISSÃO DA SEMANA SANTA, SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: JOÃO RAMALHO NETO, 2009.

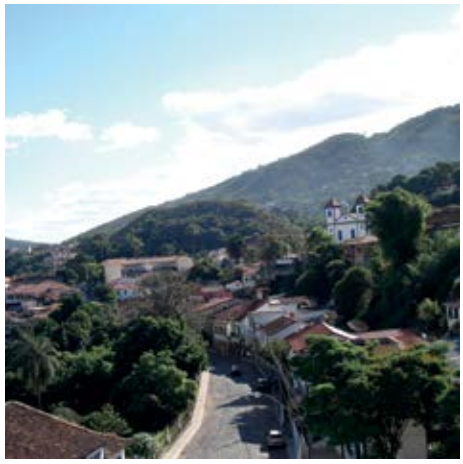
E minha aldeia é formada por sinos,
igrejas barrocas e as imagens da
infância em São João del-Rei
Otto Lara Resende



Em Minas, todos sabem: a voz dos sinos faz parte da sua paisagem urbana, desde tempos muito antigos, assim como o traçado tortuoso das ruas, o casario encarapitado nos morros, e as torres das igrejas onde ficam abrigados os "bronzes" que comunicam, convocam, celebram a vida e choram a morte. O toque mágico – sabe-se também – vem de mãos ágeis e hábeis de detentores de um saber com raízes plantadas na nossa ancestralidade europeia, cristã e africana de muitas crenças e ritmos. Os sinos falam diretamente à alma mineira e a traduzem para os "de fora", seja em badaladas solitárias, tristes e graves; seja nos repiques alegres, ligeiros, misturados aos batuques do congado e a outros sons que se propagam em festas religiosas. Vale dizer que isso não se dá de forma homogênea nem com a mesma intensidade em todos os lugares; há diferenças nas características, nas relações e nas condições de vitalidade da arte de fazer falar os sinos nas muitas cidades das Gerais. Dentre elas, nos dias de hoje, destaca-se, sem dúvida, São João del-Rei. Lá, como em nenhuma outra, o toque dos sinos vem sendo cultivado e renovado como arte, ofício e devoção, sustentado por uma teia de relações que une irmandades religiosas e gerações de sineiros a diferentes segmentos da sociedade local, através de séculos.

Não por acaso, foi de São João del-Rei que partiu a iniciativa para o registro de "o toque dos sinos" na cidade, como patrimônio cultural brasileiro, em 2001.

A demanda da comunidade são-joanense manifestou-se por ocasião de conferência sobre o toque dos sinos de São João del-Rei,[1] proferida pelo então secretário de Cultura de Minas Gerais e membro do Conselho Consultivo do Patrimônio







Cultural do Iphan, Ângelo Oswaldo de Araújo Santos. A formalização do pedido foi encaminhada pela Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais[2] ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em 13 de agosto de 2001 e, naquela ocasião, dizia respeito ao registro dessa forma de expressão na cidade de São João del-Rei exclusivamente.

Em 12 de novembro de 2001, o então Departamento de Identificação e Documentação do Iphan informou à Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais e à Superintendência do Iphan[3] em Minas Gerais sobre o acolhimento do pedido e a abertura do Dossiê de Estudos R-05[4], dando início à instrução técnica do processo do toque dos sinos naquela localidade. A coordenação do processo foi assumida pela Superintendência Regional do Iphan em Minas Gerais sob a responsabilidade de Jairo Braga Machado, historiador do quadro do Iphan, lotado no Museu Regional de São João del-Rei à época.

A pesquisa teve início em 2002, com pesquisadores e consultor especialmente contratados com o apoio da Fundação de Pesquisa da Universidade Federal de São João del-Rei (Funrei)[5], mas, em virtude de várias mudanças institucionais, foi interrompida; a equipe constituída e treinada na metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC[6] foi desmobilizada no final daquele ano.

A despeito de sua interrupção, o trabalho iniciado em São João del-Rei permitiu que se reunissem referências bibliográficas e documentais fundamentais para a pesquisa sobre a linguagem dos sinos de São João del-Rei, que até então se encontravam dispersas[7]. O material – entregue a título de produto parcial – reúne textos basilares sobre o tema: o artigo de Maria do Carmo Vendramini, "Sobre o sino nas igrejas brasileiras", publicado em 1981 no anuário alemão *Musices Aptatio*[8]; o texto do arquiteto, estudioso do toque dos sinos e consultor do projeto de pesquisa, André Guilherme Dornelles Dangelo, "Os sinos da Quaresma, mensageiros da alma barroca mineira"[9]; o texto de Aluízio José Viegas, "A linguagem dos sinos de São João del-Rei", transcrição de uma palestra proferida pelo autor em 1990 na Escola de Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto, mas nunca publicado; e o texto do Sr. Alfredo Pereira de Carvalho, membro do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, também intitulado "A linguagem dos sinos de São João del-Rei", que apresenta uma codificação preciosa dos toques de sinos[10].

PÁGINA AO LADO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA
VISTA GERAL DE SABARÁ.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007.

VISTA GERAL DE CONGONHAS.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007.

VISTA GERAL DE CATAS ALTAS.
FOTO: JASON BARROSO SANTA ROSA, 2006.

DIREITA
VISTA GERAL DE OURO PRETO.
FOTO: JASON BARROSO SANTA ROSA, 2006.



Igualmente, as entrevistas com André Dangelo e Aluízio Viegas, constantes desse material, são fontes fundamentais para o tema tratado. Da mesma forma, as entrevistas realizadas e a mobilização provocada pela pesquisa de campo na comunidade são-joanense foram importantes para estabelecer que essa forma de expressão não fosse exclusiva de São João del-Rei, apesar de a cidade guardar especificidades e singularidades no que se refere a essa prática.

Tornou-se claro, portanto, que o território a ser pesquisado necessitaria de uma ampliação, tendo em vista as inúmeras referências à constituição de repertórios de toques de sinos em outras cidades mineiras. A inexistência de informações sistematizadas sobre o tema em outras localidades instou a instituição a decidir pela necessidade de um estudo circunstanciado sobre essa forma de expressão em um *território cultural* ampliado. Afinal, assim como toda e qualquer prática cultural, o toque dos sinos extrapola, especialmente por sua dimensão sonora, quaisquer fronteiras político-administrativas estabelecidas arbitrariamente pelos homens. Os próprios são-joanenses têm consciência de que para além da Serra de São José, há um repertório de toques a ser apreendido, preservado e, em alguns casos, recuperado. Repertório esse que, com certeza, concorreu para a formação e conformação do extenso conjunto de toques que São João del-Rei tem hoje, resultado de um processo histórico de criação, apropriação e reapropriação de significados no seio dessas comunidades.

Essa decisão acerca da ampliação do sítio a ser inventariado foi tomada



de forma a atender, também, um dos objetivos precípuos da política de salvaguarda do patrimônio cultural de natureza imaterial, qual seja, a de documentação, a mais completa possível, das diferentes versões e expressões de determinada referência cultural, sem pretender, pela própria dinamicidade dos processos sociais, dar a temática como esgotada[II].

Esse objetivo de documentar o bem se encontra formalizado no § 2º do art. 3º do decreto 3.551/2000 assim como no inciso I do art. 6º que trata de assegurar a mais ampla documentação possível acerca do bem em questão, no caso, o toque dos sinos.

É necessário destacar que, na época do início da instrução deste processo, a publicação do decreto 3.551/2000 era recente e cabia testar os procedimentos administrativos e técnicos desse instrumento, conforme ressalta a justificativa do projeto básico que fundamentou a contratação dos serviços técnicos especializados para a instrução do processo de registro em tela.

Foram definidas, assim, além de São João del-Rei, outras oito cidades, cujas referências a sineiros e a toques de sinos, assim como a histórias e lendas em torno deles foram identificadas durante a primeira etapa de pesquisa, quais

PÁGINA AO LADO
VISTA PARCIAL DE DIAMANTINA.
FOTO: DJALMA CORRÊA, 2009.

DA ESQUERDA PARA A DIREITA
CONCERTO NA SEMANA SANTA, SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: JOÃO RAMALHO, 2009.

CONCERTO AO AR LIVRE NA SEMANA SANTA, SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: JOÃO RAMALHO, 2009.





sejam: Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes. Dessas, apenas Catas Altas não tem o seu sítio urbano tombado pelo Iphan, mas é detentora de monumentos isolados reconhecidos como patrimônio nacional: a Igreja de Nossa Senhora da Conceição e o Conjunto Arquitetônico do Colégio do Caraça[12].

Em comum a essas nove cidades, temos (1) seu processo de constituição que remonta à atividade mineradora desenvolvida durante o período colonial naquela região, associada à forte presença, nesse mesmo período histórico, (2) da mão de obra escrava o que se constitui num dos elementos conformadores daquela sociedade e da expressão dos toques dos sinos[13]. Outro elemento comum às cidades inventariadas, mas não exclusivo, é o (3) estabelecimento de associações religiosas formadas por leigos nessas vilas, que se responsabilizaram pelos ofícios litúrgicos oferecidos à população e, dentre esses ofícios, o de tocar os sinos; esses sodalícios foram e permanecem hoje, em algumas dessas cidades, como os responsáveis pela manutenção da prática sineira[14]. O barroco (4) é igualmente um elemento comum e marcante nas cidades selecionadas, não apenas como estilo artístico, litúrgico e paralitúrgico, mas como visão de mundo. Um último elemento (5) a ser acrescentado é o destaque dado à música nas cidades inventariadas como em tantas outras cidades mineiras. Desnecessário dizer, mas está aqui destacado, que a presença da música nas cidades e vilas coloniais não é um traço característico e específico das regiões mineradoras mineiras. Parcela significativa das cidades e vilas coloniais da América portuguesa tinha uma intensa vida cultural e musical, especialmente se levarmos em consideração a atuação dos mestres de capela, responsáveis pela elaboração de composições musicais e pelo seu ensino[15]. André Dangelo assevera, entretanto, que na teatralidade barroca a música teve papel fundamental.

A monarquia portuguesa e, posteriormente, a brasileira, por meio do padroado[16], mantinha uma estrutura que viabilizava a prática musical nas igrejas de maneira geral e, mais especificamente, nas catedrais. Essa estrutura era formada pelos cargos de subchantre (responsável por dirigir o coro de cantochão dos capelães-cantores), capelães-cantores (responsáveis pelo coro), o mestre de capela (responsável pela música polifônica cuja execução era feita por músicos não eclesiásticos que, muito

SANTUÁRIO DE BOM JESUS DE MATOZINHOS, CONGONHAS DO CAMPO.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007.

comumente, ele mesmo contratava) e o organista[17]. Os mestres de capela compunham com exclusividade para cada sodalício. O viajante Curt Lange nos informa:

> *[...] cada festa religiosa tinha sua música própria, tocada por um grupo musical dirigido por um mestre ligado à Irmandade ou Ordem Terceira por contrato de serviço que valia por determinada temporada, em geral correspondente ao ano fiscal da Mesa diretiva.*[18]

Havia, portanto, nas vilas e cidades mineiras, uma estrutura que se responsabilizava também pela programação musical tanto religiosa quanto profana. Assim, não é de se estranhar que a maior parte da documentação musical de que se tem notícia se refira ao repertório litúrgico e paralitúrgico, tendo sido guardada pelas corporações de músicos dessas cidades. Algumas dessas corporações desapareceram com o tempo, outras se mantêm até hoje como é o caso da Orquestra Ribeiro Bastos, Lira Sanjoanense e a banda Theodoro de Faria em São João del-Rei; a Lira Cecilia na cidade de Prados; a Orquestra Ramalho em Tiradentes; a Banda Santa Cecília e a Orquestra Sacra Santa Cecília, ambas de Sabará. Em Diamantina, temos a centenária Banda de Música do 3º Batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais, a Banda Euterpe Diamantinense, fundada em 1927, a Banda Sinfônica Mirim Prefeito Antônio de Carvalho Cruz, fundada em 1985, e o Conservatório Estadual Lobo de Mesquita, criado em 1994. Há também o coral Regina Pacis, fundado em 1983.

Tendo em vista todas essas circunstâncias e estabelecidos, assim, os entendimentos entre o Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI) e a Superintendência do Iphan em Minas Gerais acerca da ampliação do território a ser inventariado, tratou-se de dar continuidade à instrução técnica do processo, procedendo-se à pesquisa e documentação sobre o toque dos sinos em Mariana, Ouro Preto e Catas Altas, sob a responsabilidade da empresa Santa Rosa Bureau Cultural.

Em 2007 e 2008, o inventário se estendeu até as cidades de Congonhas do Campo, Sabará, Serro e Diamantina, agora a cargo da organização não governamental Núcleo Brasileiro de Percussão. No mesmo período, o inventário na cidade de Tiradentes foi realizado pela Superintendência do Iphan em Minas Gerais.

O material produzido ao longo do inventário nessas cinco cidades, como também o conhecimento sistematizado a partir dos dados produzidos nas pesquisas anteriores



foram consolidados nas fichas do INRC, tudo sendo igualmente incorporado ao processo.
O Núcleo Brasileiro de Percussão (NBP) produziu também um texto multimídia sobre o toque dos sinos, igualmente anexado aos autos.

É importante observar hoje que, paulatinamente, os sinos vêm sendo substituídos por instrumentos eletrônicos, com o aval e aquiescência da própria Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Essa opção se sustenta nas dificuldades para a manutenção de uma estrutura que viabilize o toque dos sinos em diferentes momentos da liturgia católica. Segundo a CNBB, a manutenção dos sinos e de seus toques não é mais condizente com os tempos atuais; o custo de sua manutenção é elevado, pois demanda a disponibilidade de uma ou mais pessoas para tocá-los, sempre que necessário. Além disso, há os casos (e são numericamente significativos) de sinos rachados, sem badalo ou, ainda, sem local apropriado para serem instalados.

Os novos equipamentos eletrônicos possuem uma praticidade mais adequada aos dias atuais, justificam aqueles que optam por sua substituição: podem ser instalados em qualquer lugar, acionados por



VISTA GERAL DE SERRO, A PARTIR DA IGREJA DE SANTA RITA.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007.

qualquer um, programados para tocar em qualquer intervalo de tempo, e com uma diversidade de repertório que pode chegar a 300 músicas diferentes.

Em Fortaleza, por exemplo, na paróquia de Nossa Senhora de Nazaré, há sinos de bronze em suas torres, mas o que toca mesmo é o som eletrônico. O pároco responsável apresenta como outra vantagem do novo equipamento, além dos aspectos já apontados, a possibilidade de reproduzir os sinos do Vaticano, ou os do Mosteiro de São Bento de São Paulo[19].

A pesquisa de campo demonstrou de forma recorrente o pouco envolvimento institucional da Igreja com os sinos e seus toques. Eles efetivamente não são tema de estudos religiosos dos clérigos. Em entrevistas realizadas no Serro e em Sabará por pesquisadores do NBP, houve depoimentos que explicitaram conflitos entre a comunidade e os padres, inclusive no que se refere ao toque dos sinos. Mesmo sem a ocorrência de conflitos explícitos, vários entrevistados, inclusive clérigos nas outras sete cidades inventariadas, deixaram claro que a atividade de tocar os sinos é a menos compartilhada com a Igreja. Os padres ressaltam inclusive que o tema não foi contemplado durante os longos anos de sua formação. A população das cidades concorda em uníssono: os padres não entendem de sinos.

É importante ressaltar que, embora aprovados e apoiados pela maioria das pessoas nas comunidades pesquisadas, desde há muito, os toques dos sinos não são uma unanimidade nas vilas e cidades. O silenciar dos sinos ou, pelo menos, a necessidade de moderação de seus toques, não é uma demanda





DA ESQUERDA PARA A DIREITA
SINEIRO WELLINTON, SABARÁ.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007.

SINEIRO RONALDO, SABARÁ.
FOTO: CRISTINA LEME, 2009.

recente, como poderia parecer a uma análise mais apressada como um resultado automático do processo de secularização do mundo ocidental e de homogeneização cultural[20] característico da pós-modernidade.

O cronista Luiz Edmundo comparava o incômodo causado pelas modernidades que chegavam ao Rio de Janeiro no início do século XX (buzinas de automóvel, apitos de locomotivas ou de fábricas, rádios, vitrolas, dentre outros) ao produzido pelos sinos que, segundo ele

> *[...] durante três longos e impassíveis séculos sobre os [...] ouvidos, como sobre os [...] nervos, malharam incansavelmente, desapiedadamente, falando-lhes num verdadeiro delírio de impertinência e constância, ora de Deus, ora dos próprios homens. O Rio era uma feira barulhenta de badalos. E que badalos! Nem sequer em Lisboa, onde eles à solta, viviam pelas sineiras quais cabras a dançar, tiveram, como aqui, maior função, maior violência e maior prestígio.*[21]

Recuando quase um século dessa notícia de Luiz Edmundo, há relatório da Comissão de Salubridade da Sociedade de Medicina sobre os toques de sinos e os malefícios à saúde deles decorrentes. Tal relatório, datado de 1833, informava:

> *No dia de finados, é melhor deixar-se a cidade aos defuntos que sofrer a tormenta dos sinos desde o meio dia da véspera até o tardanho momento dos últimos ofícios.*

De tal abuso decorriam doenças nervosas e auditivas, uma vez que a população era submetida a mais de cinco minutos ininterruptos de toques.[22] Naquela ocasião, entretanto, o relatório e parecer da Comissão sugeriam a regulamentação dos toques e não a sua supressão.

Uma crônica de Machado de Assis sobre a proibição dessa prática, publicada na *Semana Ilustrada* de 20 de outubro de 1872, mostra que tal regulamentação nunca havia ocorrido efetivamente.

Felipe Augusto Bernardi cita a solicitação feita por vereadores ao Bispado de Diamantina, em 1878, para que se tomassem providências em relação ao sineiro da Sé que não controlava os abusos cometidos pelos meninos da cidade, que tocavam os sinos "sem regra e sem método"[23].

Pode-se observar aqui que as questões recorrentes contra os toques dos sinos na sociedade carioca ou mineira dos séculos XIX e XX não tratavam da sua proibição, mas, sim, de sua moderação.

Atualmente, entretanto, passados praticamente 700 anos desde as primeiras notícias da ascensão dos sinos aos campanários das igrejas europeias, os bronzes não perderam







suas funções *originais* segundo a bibliografia especializada, ou seja, *a comunicação com Deus, com os homens e o controle do tempo*. E é justamente por isso que o pedido para a salvaguarda dessa tradição chama a atenção. Se suas funções *originais* não são mais fundamentais, por que os sinos continuam a tocar?

Sabemos que é próprio da dinâmica social que algumas práticas se atualizem e permaneçam e que outras desapareçam, justamente porque perdem seu lugar social e seus significados. Em São João del-Rei, contudo, essa prática está viva e presente, longe de desaparecer. Nas outras cidades inventariadas encontramos também, em maior ou menor grau, reverberações e ressonâncias muito significativas das expressões sineiras.

O toque dos sinos está presente e sua relação com a população das cidades inventariadas não é, exclusivamente, uma relação de comunicação ou de controle do tempo, como também não o era, de maneira exclusiva, no mundo de outrora. Se considerada uma questão de comunicação *tout court*, como explicar que em São João del-Rei se verifique um repertório de aproximadamente 10 toques diferentes para um mesmo objetivo como, por exemplo, o de comunicar a celebração de uma missa? Esse e outros elementos apontam para a conclusão de que a função comunicativa e também a de controle do tempo[24] persistem; contudo, a relação entre essa prática e a comunidade de indivíduos não é de mera *funcionalidade*, ou melhor, não se trata de investigar a *função* ou ainda a *serventia* dos toques nas cidades inventariadas. Não é essa a questão que se coloca quando o tema é o reconhecimento de uma determinada referência cultural como patrimônio cultural.

Importa avaliar como o toque dos sinos agencia processos de construção de identidades legitimadas socioculturalmente. Assim posta, essa questão aponta para outra, qual seja, a da possibilidade de reconhecimento desse bem como patrimônio.

Como se verá neste dossiê descritivo, e em toda a documentação reunida no processo e arquivada no DPI, a pesquisa demonstrou que o toque dos sinos constitui elemento capaz de revelar a diversidade e a especificidade sociocultural, característica e presente nas comunidades inventariadas. Seus habitantes se reconhecem e se distinguem dos habitantes de outras cidades porque atribuem um significado particular ao toque dos sinos, ao repertório dos toques, ao som diferenciado que plange de

PÁGINA AO LADO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA
PROCISSÃO NA SEMANA SANTA, SABARÁ.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007.

IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO SENDO LEVADA EM PROCISSÃO, SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: JOÃO RAMALHO NETO, 2009.

PROCISSÃO NA SEMANA SANTA, GUARDA ROMANA, DIAMANTINA.
FOTO:: DJALMA CORRÊA, 2008.

DIREITA
VISTA PARCIAL DE TIRADENTES COM DESTAQUE À MATRIZ DE SANTO ANTÔNIO.
FOTO: RICARDO DOS SANTOS GONÇALVES, 2008.



cada um daqueles bronzes. No caso das cidades inventariadas, onde o toque dos sinos não ocorre mais com a mesma densidade e diversidade, como em São João del-Rei, a perspectiva de registrar essa forma de expressão como um patrimônio cultural brasileiro é tida como um elemento a mais no processo de coesão daquelas comunidades. A senhora Maria Renilde, moradora do Serro, nos dá um depoimento muito representativo dessa conformação de identidades pelo silenciar dos bronzes. Ao recordar o toque do sineiro Charrua, ela afirma: "Não há quem bata os sinos mais. Podia voltar, né? Que faz falta".

O Pedido de Registro do Toque dos Sinos apresentado por essas cidades mineiras expressa o sentimento de pertencimento a uma determinada paisagem sonora que lhes atribui uma especificidade, no tempo em que os reinsere nos processos de construção da "identidade nacional", como substrato comum de uma identidade brasileira formada a partir, por exemplo, de elementos de nossa religiosidade.

Assim, a partir da demanda apresentada, o Iphan decidiu perscrutar essa permanência em função de um mundo que vem se secularizando de maneira irreversível. Nesse sentido, chama-se a atenção para a universalidade dessa prática, estabelecida como referência não só para o Brasil, mas para todo o mundo católico e para a singularidade da sua expressão em São João del-Rei e nas demais cidades inventariadas, com graus e escalas diferenciadas.

A questão do catolicismo e da prática e vivência dessa religião é tema de numerosos estudos sobre a religiosidade, especialmente,



IGREJA DO ROSÁRIO NO DISTRITO DE MILHO VERDE, SERRO.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007.

a religiosidade católica no Brasil. Caio Boschi, fornecendo informações que reiteram os aspectos de representação da religiosidade mineira, cita Oliveira Martins:

> *[...] o catolicismo não era então — como o era a religião protestante — uma fé íntima e absorvente: era uma convicção para uns, uma convenção para outros, uma conveniência para muitos, e um desvairamento para os defensores intolerantes da fé. Havia decerto uma afirmação religiosa unânime e violenta; mas desapareceu a unanimidade ingênua e espontânea da crença, que radica as religiões. O catolicismo atravessava uma crise, de que saíra malferido; e a violência com que se impunha estava denunciando que ficara sendo, antes uma expressão da autoridade, do que uma expansão do sentimento popular. Isto fazia com que o povo, sem renegar o catolicismo, fosse caindo num relaxamento; e que, ficando com a religião, deixasse de lhe dar significação ou importância moral. Muita devoção e muita devassidão; eis aí concomitância resultante e universalmente provada pelos costumes das nações católicas depois da Renascença.*[25]

Portanto, pode-se concluir que a religiosidade que se conformou na região (e quiçá em todo o território português na América) era enunciada por signos externos como o gestual, o culto e a devoção aos santos acrescida no conhecimento da doutrina e no aprofundamento da fé. Enfim, uma religiosidade introspectiva, mas também e, sobretudo, expressiva. Expressão essa que se externalizava na participação em procissões e demais rituais católicos. Nesse sentido, essa forma de vivenciar a religião vai ao encontro do estilo barroco de viver a religiosidade no campo e no tempo da "representação"[26] naquilo que se interpreta como pompa barroca. Junia Furtado reitera:

> *A missa dominical era local de expressão cotidiana da fé católica, por isso, segundo o gosto da época, o culto deveria ser uma experiência absorvida por todos os sentidos e para isso seus aspectos exteriores eram extremamente valorizados.*[27]

Acrescente-se a isso, o fato de a estrutura religiosa na região mineradora estar fortemente marcada pela presença dos sodalícios. Segundo determinavam os *compromissos* dessas associações religiosas, a realização de eventos religiosos era uma determinação cujo objetivo era o de divulgar a fé católica. Para tal, no calendário litúrgico e paralitúrgico, essas associações mobilizavam músicos, oradores, pintores, enfim todo um conjunto de profissionais responsáveis por viabilizar tais rituais comemorativos que valorizam os aspectos visíveis da fé. No

IGREJA NOSSA SENHORA DO Ó, SABARÁ.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007.



caso, por exemplo, da cerimônia da transladação do Santíssimo Sacramento para a Igreja do Pilar em Vila Rica em 1733, Simão Machado nos informa:

> *[...] o uso de repiques de sino e de pequenos concertos de música nas ruas aumentava ainda mais a publicidade do evento, pois causava impressão a "estrondosa harmonia dos sinos, a melodia artificiosa das músicas, o estrépito das danças". Conforme anotou um cronista, era tudo "aos olhos sempre vastos (...) e aos ouvidos sonora.*[28]

Como já foi observado, os sinos e seus toques não são uma exclusividade de Minas Gerais e, tampouco, das cidades inventariadas. Entretanto, foi de São João del-Rei que partiu a demanda para o seu reconhecimento e na cidade as condições de produção, circulação e reprodução dessa tradição cultural são peculiares, especiais, sem paralelo nas demais cidades inventariadas ou em tantas outras no próprio estado de Minas Gerais e no restante do país.

É necessário observar que, na bibliografia levantada e analisada, assim como nos depoimentos orais recolhidos, é recorrente o destaque dado a São João del-Rei quando o assunto é a religiosidade que envolve a cidade e, especificamente, o toque dos sinos que é uma de suas principais expressões.

Sobre esse aspecto da religiosidade em São João del-Rei, não há, na literatura especializada, explicações sobre o fato de a cidade não ter aderido à Reforma Litúrgica da Semana Santa, por exemplo. Segundo essa reforma, as celebrações da Semana Santa poderiam passar a ser feitas por ritos simples,

CONJUNTO DAS IGREJAS DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS E NOSSA SENHORA DO CARMO, MARIANA. FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

sem a necessidade de aplicação de ritualística solene, como as missas rezadas em latim, o canto gregoriano ou, ainda, a celebração do Ofício de Trevas[29]. A cidade de São João del-Rei os manteve, sendo, inclusive até há bem pouco tempo, a única cidade que o celebrava. A Orquestra Ribeiro Bastos e a Lira Sanjoanense são contratadas pelas irmandades para a composição de peças, sendo instituições fundamentais para a formação de músicos e reprodução das tradições artísticas e culturais da cidade.

O historiador e coordenador da pesquisa em São João del-Rei, Jairo Braga Machado, reitera que um dos elementos fundamentais para a manutenção dessa prática cultural na cidade é que seus habitantes vivem imersos em uma *cosmogonia barroca*, responsável, segundo ele, pela permanência, dentre outras práticas, do toque dos sinos como a cidade o mantém. O primeiro relatório de pesquisa da equipe responsável pelo inventário em São João del-Rei afirma que o barroco faz parte da "[...] alma do são-joanense, que de geração em geração tem procurado manter vivo esse complexo mundo sagrado". Essa afirmação é endossada por Aluízio Viegas que assevera que a religiosidade de São João del-Rei é famosa desde os tempos coloniais. Ele explica:

> *O modo de ser e viver das pessoas influencia as pessoas próximas e se toda uma comunidade é unânime em certas práticas, elas passam a constituir o modus vivendi de todos. E isso aconteceu em São João del-Rei. As famílias se filiavam às irmandades e, como não podia ser de outra maneira, criou-se em cada irmandade, confraria, ordem terceira, arquiconfraria, associações religiosas, o sentido de partidarismo. A cada solenidade ou festa promovida por uma irmandade, etc. e lá estava toda a família a se dedicar em limpar, organizar e ornamentar a igreja e as imagens, e custeando muitas vezes o aparato que estas festas se revestiam. É só percorrer os livros manuscritos das irmandades e veremos famílias em diversas gerações seguidas participando como irmãos e prestando os seus serviços, nas mais diversificadas ações. Isso influenciava a história e o dia a dia da comunidade.*

André Dangelo, são-joanense estudioso dos sinos e do seu toque, já mencionado, também destaca a existência de uma alma barroca em São João del-Rei ao fazer referência à Semana Santa:

> *[...] Nestes momentos, podemos sentir a alma barroca da cidade revigorada e presente, e descobrimos a cada instante*



de observação que, paralelamente a toda a modernidade que envolve o nosso tempo, a tradição ritualística da alma barroca resiste nas nossas cidades históricas. Assim, quando vemos o som dos sinos das igrejas de Minas se propagando por nossas montanhas durante a Quaresma, parece-nos que eles têm o poder mágico de diminuir o espaço de tempo que separa a Minas de hoje e a do passado. Nestas ocasiões, então, quando chegamos nas nossas cidades históricas, como já disse uma vez um poeta, podemos sentir "nossos mortos mais vivos", e nos sentimos mais perto das nossas raízes.[30]

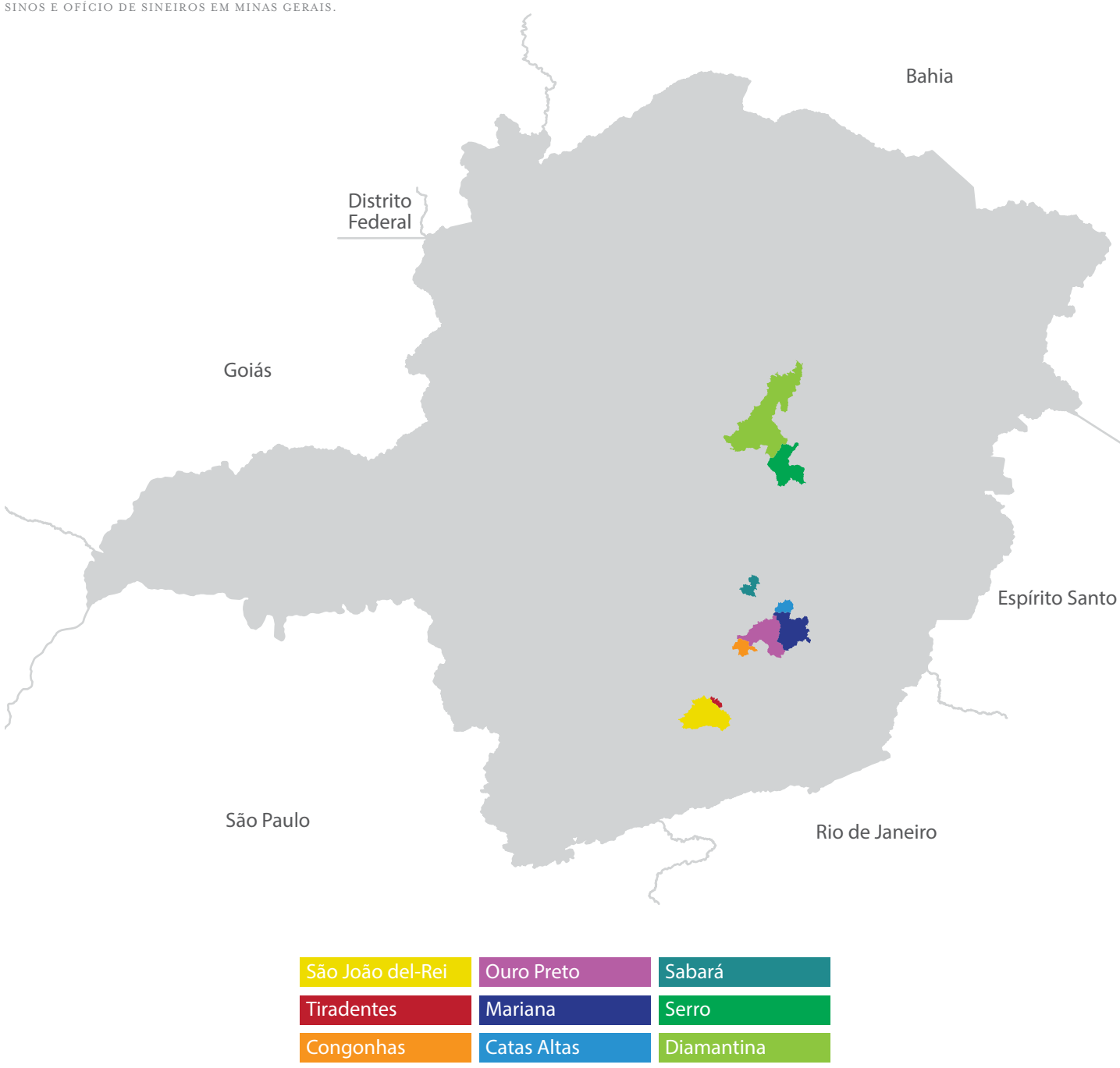
A última observação sobre a pesquisa diz respeito ao uso da palavra "linguagem", recorrente em muitos textos e depoimentos. Seu emprego aqui deriva de uma abordagem semiótica e não linguística. O texto que se segue, associado à documentação audiovisual e bibliográfica levantada e produzida durante a pesquisa, deixa claro que os toques dos sinos comunicam uma série de mensagens que são decodificadas não só pelos moradores das cidades, mas, como reza a tradição, pelo próprio Deus, pois quando um sino toca, Deus escuta a prece com mais atenção.

IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, CATAS ALTAS.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.



Com base no dossiê em pauta e acatando a proposta encaminhada no Parecer Técnico do DPI/ Iphan, o Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, em sua 62ª Reunião, ocorrida no dia 3 de dezembro de 2009, reconheceu o toque dos sinos em Minas Gerais e o ofício de sineiro como patrimônio cultural de todos os brasileiros. A inscrição se fez na mesma data e em dois livros: o Toque dos Sinos em Minas Gerais, tendo como referência São João del-Rei e as cidades de Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes, no Livro das Formas de Expressão. No Livro dos Saberes, inscreveu-se o Ofício de Sineiro, pois é ele, o sineiro, quem domina e transmite o saber e a arte tradicional de fazer falar o sinos. ■

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS CIDADES DE REFERÊNCIA PARA O REGISTRO DO TOQUE DOS SINOS E OFÍCIO DE SINEIROS EM MINAS GERAIS.





IDENTIFICAÇÃO

BATISMO DO SINO DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: RICARDO DOS SANTOS GONÇALVES, 2014.

DIREITA
SINEIRO CARLOS NA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, CATAS ALTAS.



O SINEIRO, O SINO E O TOQUE: TRINDADE MEDIADORA ENTRE O HUMANO E O DIVINO

Retomando as orientações e preocupações de Mário de Andrade ao ponderar que o patrimônio cultural não está exclusivamente nos monumentos de pedra e cal, o toque dos sinos constitui referência cultural representativa da síntese entre a materialidade e a imaterialidade do patrimônio. Nesse caso, a "pedra e cal" das torres e campanários e o bronze dos sinos são elementos materiais fundamentais e indissociáveis do bem imaterial que se deseja salvaguardar. Os sinos – por meio dos sineiros e seus toques – comunicam códigos plenamente compreensíveis pela população nas cidades inventariadas.

Essa população os associa aos fatos da vida cotidiana: nascimento e morte, chamada para missa. Outrora, os partos difíceis[31] e a agonia dos doentes também eram noticiados pelos sinos, de forma que os moradores da cidade pudessem se juntar, em oração, para chamar a intervenção divina. Guerras, incêndios[32] e calamidades eram igualmente veiculados pelos bronzes. Enfim, alegria e dor. Atualmente, esses e outros toques[33] silenciaram por terem perdido função diante de novas práticas e de novos meios de comunicação. O senhor Antônio Pacheco Filho, da cidade de Mariana, afirma que os sinos são um meio de comunicação praticamente desnecessário nos dias atuais porque há o telefone, o rádio, a televisão. Ele destaca, entretanto, que, quando se trata de um fato local, a morte de uma pessoa da cidade, por exemplo, os sinos ainda são a "gazeta" da cidade e o sineiro, o seu repórter. Ele conta que, por muitas vezes, quando o falecimento de um dos irmãos ou irmãs dos sodalícios da cidade não é divulgado por meio dos toques, ele só vem a saber da notícia depois, quando o enterro já ocorreu.

De sua argumentação, podemos inferir duas conclusões: os sinos divulgam as notícias no "calor dos acontecimentos"; nesse sentido, ainda são veículos de comunicação muito eficientes no plano local. A outra conclusão se refere à dimensão do toque

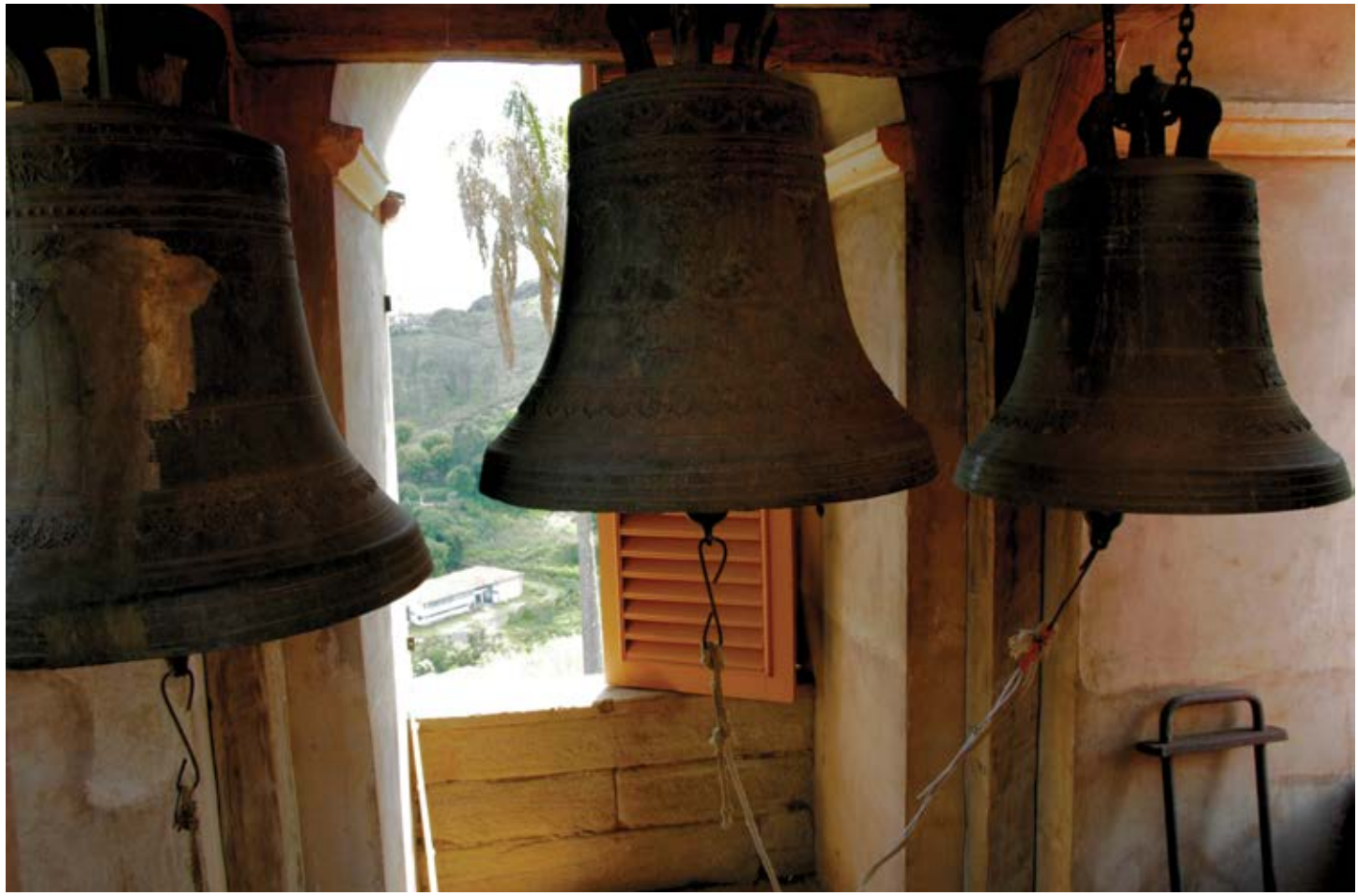
SINOS DA IGREJA DE SÃO PEDRO DOS CLÉRIGOS, MARIANA.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

dos sinos para as pessoas dessas cidades: pois se eles não são mais tão necessários, como as pessoas normalmente constatam, por que a preocupação em salvaguardá-los?

A resposta, com certeza, tem relação com o valor que aquela população atribui aos sinos, ao sineiro e a seus toques. Da mesma forma que a identidade de uma pessoa ou de uma família pode ser definida pela posse de determinados objetos que foram herdados e permanecem ali por gerações constituindo seu patrimônio[34], a população dessas cidades inventariadas se reconhece, se identifica, se diferencia de outras também a partir da prática sineira, dando importância a cada um dos elementos que a estruturam, quais sejam: (1) os sinos como objetos materiais; (2) as práticas sociais desenvolvidas pelos sineiros, portadores e detentores desse saber; (3) e outro conjunto de práticas sociais – com destaque para o agrupamento em irmandades religiosas – referentes à sociedade que se apropria de seus sentidos e significados. É muito comum ouvirmos, nessas cidades, que "só não se bebe no sino porque ele está com a boca pra baixo"[35].

Acrescente-se a essa dimensão de entendimento e apropriação de significados o fato de os moradores das cidades inventariadas diferenciarem as vozes dos "bronzes"; eles sabem, de forma clara, qual sino está tocando. Dessa identificação decorrem outros conhecimentos que atingem níveis altos de sofisticação sobre os vínculos entre a igreja e a irmandade religiosa dona do sino, por exemplo. Falando a partir de São João del-Rei, André Dangelo, afirma que para alcançar tal nível de conhecimento, comum entre os mais velhos e parcelas da população nas cidades inventariadas, há que se distinguir e identificar os timbres. Identificados os timbres, se distinguem sinos, torres e, consequentemente, as irmandades locais. É ele que afirma em entrevista concedida aos pesquisadores em 2002:

> *[...] se você não identificar timbres, não resolve para você, mesmo que você saiba o ritmo dele, você não vai saber onde é que está tocando o sino. Então você tem que criar essa relação com o timbre. Depois que você consegue criar a relação de timbre, aí você já identifica onde é que o sino, porque se você escutar o sino batendo aqui você não vai saber de onde que ele é. Então você tem que identificar pelo timbre. Com o timbre identificado, rapidinho você começa a identificar os toques.*[36]



As informações obtidas durante a pesquisa de campo nas cidades inventariadas nos informam que grande parte da população dessas localidades identifica a sonoridade dos sinos de cada igreja, o que nos leva a considerar não apenas a estrutura dos toques, mas, especialmente, a sonoridade de cada um dos sinos. Entretanto, sonoridade e estrutura se complementam: em Tiradentes, alguns sineiros destacaram a importância da correção da estrutura dos toques, afirmando: "[...] ah, deve ser importante, pois quando os sinos não tocam ou quando tocamos alguma coisa errada, eles vêm sempre reclamar..." Fritz Teixeira de Salles acrescenta:

> *E pelo toque do sino em finados, ao longe, já se sabia que havia falecido um irmão do Rosário ou do Carmo ou do Santíssimo. [...] os sonoros carrilhões eram a música das cidades. A matriz tocava e o Carmo respondia. Conhecia-se o morto pelo repicar do sino. Ao ouvi-lo, diziam: "morreu um irmão das Mercês.*[37]

A pesquisa mostrou também que o toque dos sinos, expressão sonora que confere significado cultural ao território inventariado,







resulta e é indissociável do saber do sineiro, o qual envolve habilidade e conhecimento apurados em séculos de história e dele exige dedicação de devoto ou de profissional. As diferentes experiências pessoais de reconhecimento e apropriação do universo dos sinos asseguram aos habitantes das localidades alcançadas por este estudo um sentimento de pertencimento e lhes confere uma territorialidade específica. Nas palavras de Fabio César Montanheiro:

> *Os sinos, com suas vozes ditosas e falas ligeiras, a repicar freneticamente, comunicando a missa dominical ou a festa da irmandade, ou então, com suas pancadas roucas, intervaladas e graves, ora pontuadas por badaladas agudas, a anunciar a morte de um potentado ou de um pingante, compunham o cenário de identidade do sujeito, inserindo-o temporal e espacialmente em seu meio, lembrando-o a todo instante de sua relação com o Divino e da transitoriedade da vida terrena*[38].

Faz parte do código sineiro a convenção de que não se toca sino fora de hora. Portanto, mesmo aqueles que não decifram todos os códigos sabem que, se o sino está tocando fora de hora, algo extraordinário aconteceu. Há expressivo número de depoimentos nessas cidades comentando que se o sino toca fora de hora, as pessoas ligam para a igreja para saber o que está acontecendo. O mesmo ocorre se o sino não toca quando deveria. Esse controle exercido sobre os toques de sinos recentemente colocou fim a uma brincadeira denominada "combate", desenvolvida entre os sineiros. Tratava-se de disputar quem conseguia fazer girar o sino sobre si mesmo por mais tempo.

PAGINA AO LADO
ALTO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA
COROINHAS TOCANDO O SINO.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

SINEIROS COLOCANDO O SINO A PINO NO INTERIOR DA TORRE DA IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO, OURO PRETO.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

BAIXO
SINO VIRADO NA IGREJA NOSSA SENHORA DAS MERCÊS, OURO PRETO.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.



ESQUERDA
SINEIROS MENINOS, SABARÁ.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007.

PÁGINAS 36 A 39
ALGUNS DOS SINEIROS DE CIDADES DE REFERÊNCIA DO TOQUE DO SINO E OFÍCIO DE SINEIROS.
ACERVO TÉCNICO IPHAN.

O SINEIRO E SEU OFÍCIO

A despeito de alguns pesquisadores terem, nas duas últimas décadas, se dedicado a estabelecer codificações para os diversos toques de sinos, pode-se afirmar, pelos resultados da pesquisa de campo nas cidades inventariadas, que a maior parte desse conhecimento está na memória dos sineiros de Minas Gerais.

Em São João del-Rei, Ouro Preto e Diamantina há todo um movimento em torno dessa prática que leva os jovens às torres sineiras para a aprendizagem dos toques. Em outras cidades, há, sem dúvida, maior dificuldade em manter ou restabelecer a cadeia de transmissão desse saber.

Mas quem foram e quem são os detentores desse saber?

Segundo Aluízio Viegas, há um preceito do século XVI, de São Carlos Barromeu[39], orientando que cabia aos clérigos a tarefa de tanger os sinos. Para tal, eles deveriam usar batina (sotaina) e sobrepeliz (veste branca com ou sem rendas que se sobrepõe à batina) e rezar orações antes e depois dos toques.

O documento *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, datado de 1707, faz referência à prática sineira em três de seus cinco livros. No Livro III, em relação às funções dos sacristãos, consta que uma de suas obrigações era

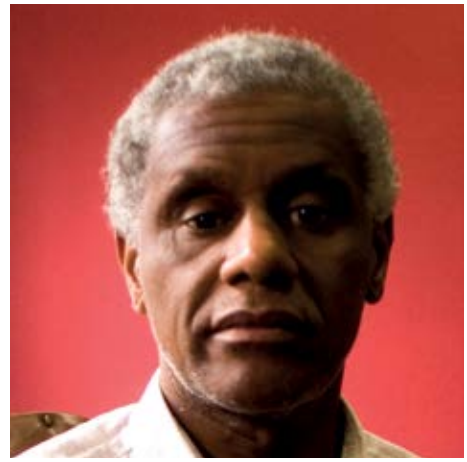
> *[...] tanger os sinos para missas e ofícios às horas competentes; e todos os dias depois do sol posto tangerão as Aves Marias, em memória da Anunciação da Virgem Maria Nossa Senhora. E tudo o mais pertencente aos sinos; como quando se houverem de fazer sinais por defuntos, repicar, dar sinal para se lembrarem das almas que estão no Purgatório, correrá por sua obrigação.*

Em relação aos enterros, o Livro IV indica o número de sinais a serem tangidos nos sinos:

> *E, para que se ponham algum termo certo, mandamos que tanto que falecer algum homem, se fação (sic) três sinais breves, e distintos; e, por mulheres dous; e se forem menores de sete e quatorze anos de idade, se fará um sinal somente, ou seja macho ou fêmea: e por estes sinais de falecimento se não pedirá salário.*





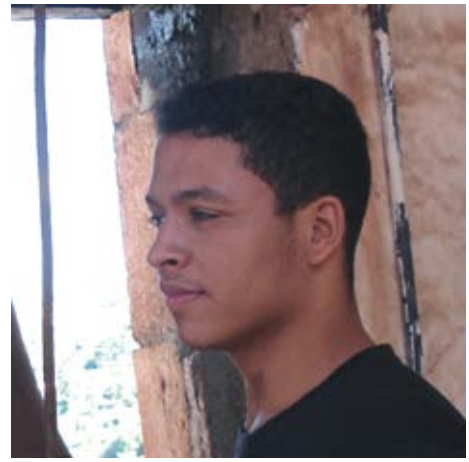



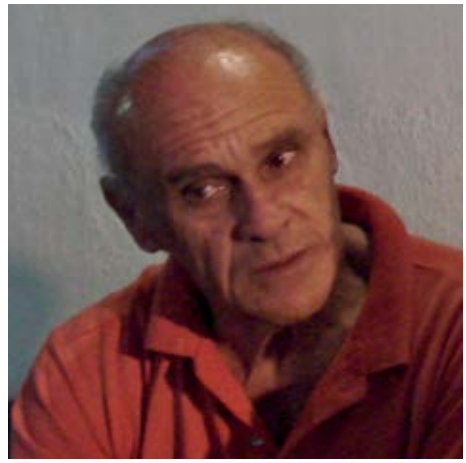



















Esse livro também normatiza o número de sinais para as ocorrências de morte de autoridades eclesiásticas.

Sobre os toques fúnebres, as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* procuram normatizar seu uso, justificando:

> *[...] Justamente se introduziu na Igreja Católica o uso e sinais pelos defuntos. Assim para que os fiéis se lembrem de encomendar suas almas a Deus nosso Senhor, como para que se incite e avive neles a memória da morte, com a qual nos reprimimos e abatemos dos pecados. Porém porque a vaidade humana, e outros menos piedosos respeitos, tem introduzido neste particular alguns excessos; para que daqui a diante os não haja, ordenamos e mandamos que nisso haja alguma moderação, que a prudência Cristã e religiosa pede.*

Pelo que nos indica essa passagem, a normatização dos toques se deu devido aos excessos que se cometiam, especialmente por parte daqueles homens de maior projeção social, econômica e política, cujas famílias mandavam tocar abundantemente para os seus mortos a fim de distingui-los daqueles pertencentes às camadas econômicas mais desfavorecidas.

Embora fosse atribuído ao sacristão o ofício de tocar os sinos, sabemos que o trabalho manual na América portuguesa ficava, na maioria dos casos, a cargo da escravaria. Desse modo, as associações leigas muito provavelmente utilizavam a mão de obra escrava para tanger os sinos. A bibliografia especializada consultada confirma essa inferência e informa que em Recife, até o Oitocentos, a maior parte dos sineiros eram escravos. Na Bahia, há referência ao escravo Mestre Florêncio, sineiro também. Há notícias de que no Rio de Janeiro escravos africanos e mestiços também tangiam os sinos[40].

Se é verdade que no período colonial o toque de sinos ficava a cargo da escravaria, essa forma de expressão sofreu significativa influência de ritmos diversos, especialmente, de matriz africana. Podemos atestar a veracidade dessa ilação nos remetendo às denominações de alguns dos toques de sinos encontrados nas cidades pesquisadas: Barravento – nome homônimo de toques ou ritmos de terreiros de candomblé e capoeira –, Batucada e Batuquinho, por exemplo. No material audiovisual, o consultor Djalma Corrêa, em entrevista com sineiros de Diamantina, conclui que muitos repiques têm marcação similar à síncope do samba de roda.

Igualmente, Mário de Andrade faz referência a inúmeros toques de sinos que



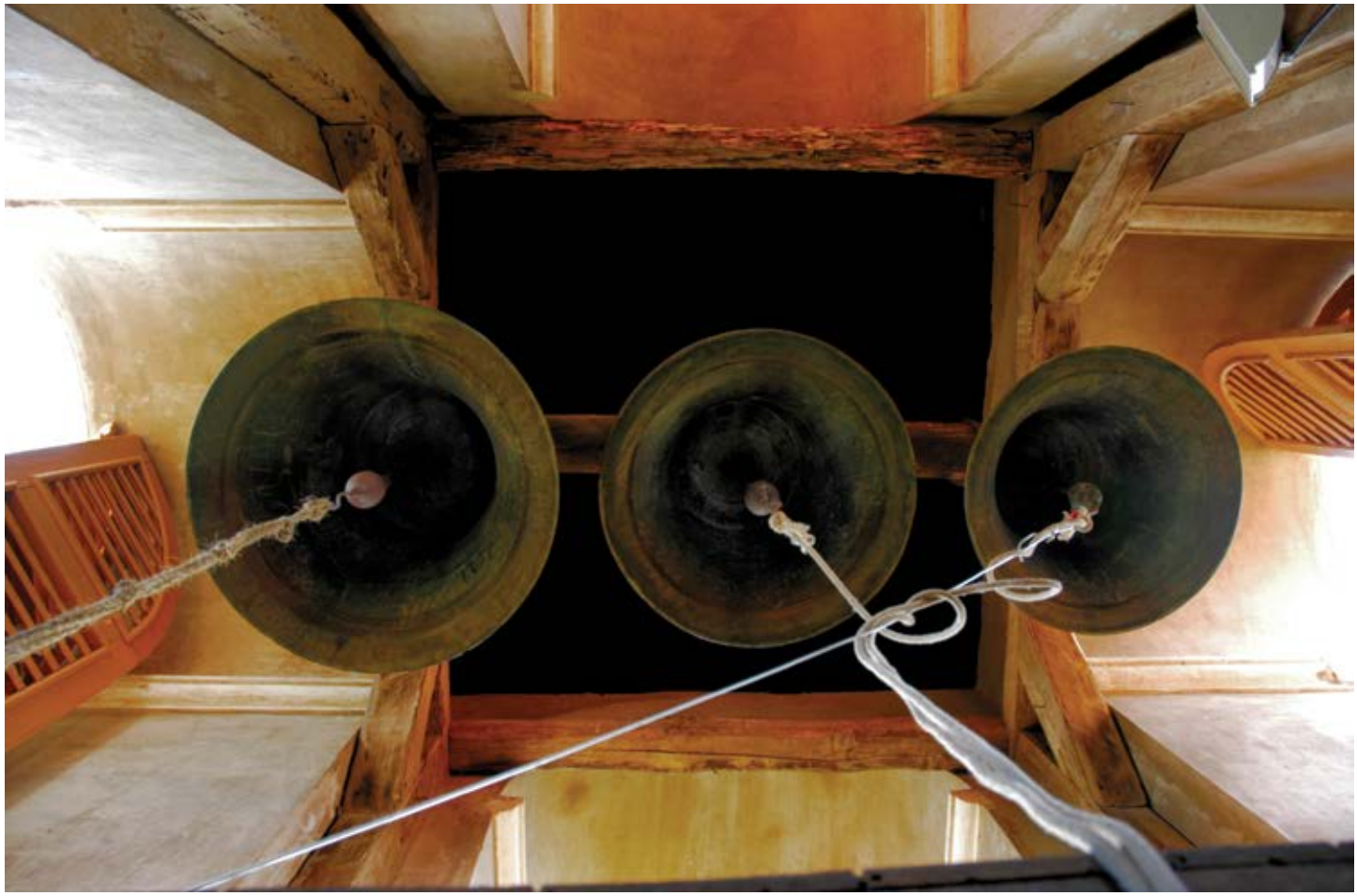




podem ser comprobatórios dessa circularidade: além do Barravento, ele acrescenta outros cujos nomes são de inspiração popular: *chorão*, *feijão com molho*, *mocotó sem sal*. Também no seu *Dicionário Musical Brasileiro*, há um verbete denominado *Repique de cabeça* em que explica: "como são conhecidos os repiques criados por sineiros baianos que acabaram sendo incorporados ao repertório tradicional de toques de sinos. Silva Campos cita os seguintes repiques de cabeça: Joaquim do colégio, Joaquim de quatro, Felipe e Xavier"[41].

Aluízio Viegas reitera a existência de muitos negros, mulatos, pardos e alguns escravos alugados para os serviços do toque dos sinos. Ele citou o caso de Ana Romeira do Sacramento, que alugava um escravo de nome Francisco para tocar os sinos na Matriz do Pilar em São João del-Rei. Segundo ele, depois da abolição, o trabalho de tanger os sinos ficou a cargo das pessoas mais simples que se subordinavam às mesas administrativas dos sodalícios da região. Ainda segundo Aluízio Viegas, o fato desse ofício ser desempenhado por pessoas das camadas mais pobres da população não significa que as torres não fossem frequentadas por pessoas de todas as camadas sociais.
Há referência também que capoeiras e escravos se escondiam nas torres das igrejas onde ninguém ousava subir. Tanto hoje como outrora, os espaços das torres são espaços de liberdade.

Liberdade de criação, inclusive. A pesquisa registrou a referência à criação de um dos repiques, denominado *tencão atravessado*, por um sineiro de São João del-Rei de uma geração anterior. Trata-se de Eli Evangelista da Cruz, o que pode confirmar as inferências feitas de que os toques, na forma como se encontram hoje, tenham sido criados pelos próprios sineiros, ao longo dos tempos. Ainda há a questão de que certos toques têm funções semelhantes, permitindo ao sineiro escolher dentre um repertório de toques. Para tal escolha, leva-se em consideração não só seu gosto pessoal, mas, também, quem são os outros sineiros na torre naquele momento e quais são os toques que eles executam com maior habilidade, pois os sineiros tocam muitas vezes em duplas, trios ou quartetos, dada a necessidade de manipulação de vários sinos. Os sineiros experientes são capazes de tocar três ou quatro sinos ao mesmo tempo sozinhos. Sobre a possibilidade de apropriação dos toques, Fabio César Montanheiro afirma:



Embora observando aquilo que lhe foi transmitido, cada sineiro imprime em seu toque uma marca pessoal, sendo possível aos colegas identificarem, pelo toque, quem está na torre a repicar os sinos. Isso não significa que o toque mude de sineiro para sineiro: essas pequenas mudanças equivaleriam a diferentes sotaques de falantes de uma mesma língua ou, por tão sutis que são, às vozes de cada falante de uma mesma localidade. Contudo, às vezes os jovens sineiros tentam alguma inovação, o que não é bem-vindo.[42]

Na entrevista concedida por André Dornelles Dangelo à equipe de pesquisa que em 2002 inventariou o toque dos sinos em São João del-Rei, há uma observação pertinente: se é verdade que o toque dos sinos é uma atividade manual, isso não significa que seja vista como algo penoso. Se o fosse, não atrairia, como o faz até hoje, muitos jovens para essa tarefa. Tarefa, lembremo-nos, cuja execução requer que se acorde cedo.

André Dangelo acrescenta que não se trata do uso de força bruta. Ele afirma, inclusive, que quanto melhor a manutenção dos sinos, maior a facilidade e segurança de tangê-los: se não há manutenção, os sineiros têm receio em tocá-los e a sua sonoridade fica igualmente prejudicada. André Dangelo ressalta que a boa manutenção

SINOS DA IGREJA SÃO PEDRO DOS CLÉRIGOS, MARIANA.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

dos sinos em São João del-Rei é um elemento facilitador para que a prática sineira se mantenha da forma como é hoje na cidade. As irmandades cuidam dos sinos porque sabem que sua sonoridade e leveza são fundamentais para a beleza de seus toques.[43]
André Dangelo apresenta ainda três elementos que favorecem a beleza do toque dos sinos em São João del-Rei: os sinos bem contrapesados, a existência de um único garfo para sua manipulação e a colocação do gancho em forma de "S" no badalo, que permite a produção de ritmos mais complexos e estruturados.

Poder-se-á observar na documentação audiovisual que acompanha o processo de Registro no Iphan, que há um enorme prazer por parte daqueles que assumem a atividade: há o lúdico, o desafio, a beleza da sonoridade do bronze, a musicalidade. Todas essas dimensões se concretizam naquilo que os próprios sineiros denominam de *via-sacra*: os aprendizes percorrem todas as torres à espera de uma oportunidade de tocar os sinos e isso desde as sete horas da manhã de um domingo, quando não mais cedo. As festas religiosas também são momentos muito aguardados para a prática ou o aprendizado.

Os sineiros entrevistados têm entre 20 e 60 anos e são, em sua maioria, pessoas do sexo masculino. Os próprios sineiros estabelecem uma categorização para aqueles que exercem esse ofício: antigos sineiros, jovens sineiros (praticantes e praticantes usuais), zeladores sineiros e mestres sineiros. Antigos sineiros são aqueles que tocam os sinos esporadicamente. Atuam como uma espécie de consultor na área quando há necessidade de se tocar em solenidade não rotineira. Jovens sineiros são aqueles que exercem a atividade cotidianamente. Zeladores sineiros devem dar condição aos jovens sineiros de executar a sua tarefa. Eventualmente podem tocar os sinos. Mestres sineiros são sineiros já falecidos que se tornaram uma referência desse saber e desse ofício.

A memória dos antigos mestres permanece viva, pois eles também fazem parte da história das localidades. Em Mariana, houve o José Chiringa, ex-sineiro da Sé que, segundo contam, tocou até morrer, porque era o único que sabia todos os toques; os das várias festas e os das cerimônias do Breviário Romano, para as quais se reunia todos os dias o Cabido Metropolitano. O Franci Caiau, único sineiro que tocava







os quatro sinos da Igreja de São Francisco, sozinho: usava as mãos e os pés; o Francisco Lessa, que foi sineiro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário; o Raul, ex-sineiro da Igreja da Arquiconfraria; Agostinho Batista – sineiro da Igreja das Mercês; Lauro Morais, que também tocava com as mãos e o pé; Zé Godoi, que era sacristão da igreja em Monsenhor Horta (Igreja Matriz de São Caetano), e levava uma garrafa de café e bolo de fubá para a torre, quando tinha de tocar sinos por muito tempo; e o Chico Cidade, que subiu embriagado para tocar a Quarenta Horas de Carnaval, levou um golpe do sino e morreu.

Há que se destacar também que a maior parte daqueles que se dedicam a tocar sinos, não só em São João del-Rei, mas em todas as cidades inventariadas, tem alguma relação com as orquestras, liras e bandas das cidades, espaços onde tradicionalmente a música erudita está mais presente, assim como há muitos sineiros que tocam caixa nas Guardas de Marujo que se apresentam por ocasião de folias e congadas, para não falar do Carnaval, momento de espontaneidade, brincadeiras e muita música em todas essas cidades. Deve-se dar um destaque às serestas de Diamantina, outra tradicional manifestação musical. Nas palavras de Ângelo Prazeres "Todo mineiro tem um trem de ferro apitando nas veias, uma montanha brilhando nos olhos e uma banda tocando nos ouvidos"[44]. Nilson José dos Santos, sacristão e sineiro da Igreja de São Francisco em São João del-Rei, conta que ouvia seu pai, Hélio Conceição dos Santos, sineiro também e diretor da escola de samba Largo da Cruz, afirmar que sineiro é como músico. Se alguém toca bem os sinos, toca bem uma bateria. José Geovani da Silva, sineiro da Igreja de Nossa Senhora das Mercês também em São João del-Rei, vaticina: "[...] repique é uma música". Ou seja, a música está presente em outras ocasiões e oportunidades na paisagem sonora desse território, demonstrando que, a exemplo do toque dos sinos, não há fronteiras preestabelecidas ou delimitadas entre uma cultura erudita e outra popular, clivagem essa estabelecida quando ainda se analisavam as sociedades e seus processos a partir de divisões outras, tais como, classes subalternas e classes dominantes. E quando se acreditava que as manifestações da cultura ficavam restritas às chamadas camadas dominantes da população. Como orienta Carlo Ginzburg,

[...] Pode-se ligar essa hipótese àquilo que já foi proposto, em



PÁGINA AO LADO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA
APRESENTAÇÃO DE BANDA EM ESPAÇO PÚBLICO DE SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: JOÃO RAMALHO NETO, 2009.

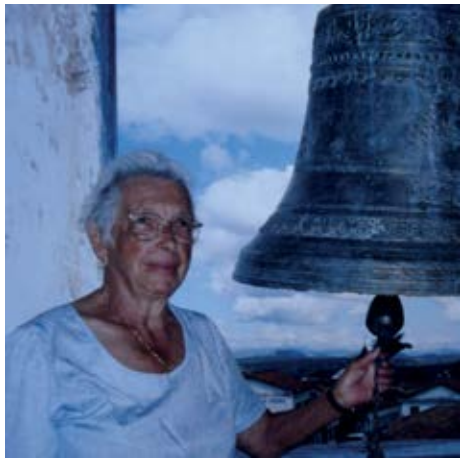
SINEIRO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO Ó, SABARÁ.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007.

SINEIRO JAIR EUSTÁQUIO, SABARÁ.
FOTO CRISTITNA LEME, 2007.

ESQUERDA
TORRE DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: RICARDO DOS SANTOS GONÇALVES, 2014.

termos semelhantes, por Mikhail Bakhtin, e que é possível resumir no termo "circularidade": entre a cultura da classe dominante e a das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo (exatamente o oposto, portanto, do "conceito de absoluta autonomia e continuidade da cultura camponesa" [...]

[...] É bem mais frutífera a hipótese formulada por Bakhtin de uma influência recíproca entre a cultura das classes subalternas e a cultura dominante. [...] Até que ponto os eventuais elementos da cultura hegemônica, encontráveis na cultura popular, são fruto de uma aculturação mais ou menos deliberada ou de uma convergência mais ou menos espontânea e não, ao contrário,



SINEIRA DONA ANGELA, DIAMANTINA.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007.

de uma inconsciente deformação da fonte, obviamente tendendo a conduzir o desconhecido ao conhecido, ao familiar?[45]

Fazer falar ou cantar os sinos é um saber e uma arte que resultam de muitas influências mescladas e recriadas ao longo de séculos. É também um trabalho que exige tempo e esforço de quem a ele se dedica. Em relação ao trabalho dos sineiros, cabe ressaltar a excepcionalidade de São João del-Rei diante das demais cidades inventariadas: lá, como nas outras, não há associação de sineiros, apesar do ofício estar previsto nas atividades regulares das igrejas. A profissão de sineiro não é reconhecida oficialmente no Brasil, mas, em São João del-Rei, a irmandade responsável o contrata como um funcionário, com carteira assinada, identificado como "auxiliar de serviços gerais" ou "sacristão".

Já nas outras cidades, mesmo que não haja uma contratação oficial para a realização dessa tarefa, há quem se responsabilize por tocar os sinos: o sacristão ou um funcionário contratado ou ainda os sineiros de ocasião, todos atuando de maneira voluntária. Outra informação pertinente é que esse é um ofício masculino por excelência. É muito raro que uma mulher toque sinos. Inclusive, dizem que mulher que toca sino não casa.

As pesquisas revelaram que as cidades do Serro, Sabará e Catas Altas são as que apresentam situação mais precária quanto à continuidade das práticas sineiras. Nessas cidades, quem toca os sinos são fiéis que cuidam voluntariamente da igreja. Nelas, pode-se observar nitidamente uma interrupção na cadeia de transmissão do toque dos sinos que se relaciona a vários fatores como envelhecimento, doença ou morte dos sineiros ou ainda, a falta de manutenção dos sinos e das torres em muitas igrejas locais. Esses dois últimos aspectos são muito ressaltados pela população das cidades onde o toque dos sinos não se mantém da mesma maneira que em São João del-Rei, Ouro Preto e Diamantina, por exemplo.

ALTO
TORRES DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE PAULA, OURO PRETO.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

BAIXO
TOQUE DO SINO NA IGREJA SÃO JOSÉ, CONGONHAS DO CAMPO.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007.



OS TOQUES, SEUS SEGREDOS E SUAS MENSAGENS



Os toques dos sinos podem ser classificados a partir de dois critérios não excludentes: "ritmo" e "execução".

No primeiro caso – o **ritmo** –, os toques podem ser divididos em *festivos* ou *fúnebres* (aqueles capazes de, por sua sonoridade e ritmo, evocar a reflexão sobre a conduta dos indivíduos no mundo e a reflexão sobre o julgamento de Deus no momento da morte); no segundo caso – execução –, os toques são obtidos com o sino paralisado – *repiques* e *pancadas* –, ou com o sino em movimento – *dobres*. O dobre é *simples* quando o sino cai pelo lado em que está encostado o badalo, ocasionando uma só pancada em cada movimento. O dobre é *duplo* quando o sino, caindo pelo lado contrário em que está encostado o badalo, provoca duas pancadas em cada movimento[46].

Considerando o grau de complexidade que envolve a forma de **execução** dos toques, dedicamo-nos a uma melhor descrição deles, uma vez que a classificação em festivos ou fúnebres está relacionada à maior ou menor aceleração de **ritmo**, não envolvendo outros elementos. Há outra possibilidade de classificação dos toques que muitos sineiros utilizam: além de classificá-los em festivos e fúnebres, há aqueles que são conhecidos como toques do cotidiano.

Os sineiros destacam que, para a correta **execução** dos toques, é necessário observar a **forma sonora** (a **estrutura do toque**) e a **ocasião**. É essa associação que permite a transmissão de mensagens de maneira apropriada, ou seja, é o que garante a função comunicativa dos sinos.

SINO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO AMPARO COM VISTA DOS TELHADOS AO FUNDO, DIAMANTINA.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007.

TOQUES COM O SINO PARALISADO

A percussão do badalo na bacia do sino paralisado pode ser feita com a própria mão ou através de uma corda.

Essa percussão produz vários tipos de toques de acordo com a quantidade de sinos utilizados para sua obtenção: as *pancadas* ou *badaladas* (executadas em um único sino) e os *repiques* (executados em, no mínimo dois sinos, idealmente, em três). Há uma série de toques que, em sua sequência, se utilizam de pancadas e repiques, descritos a seguir.

Pancadas ou *Badaladas* – percussão do badalo na campânula, provocada pelo movimento do badalo em um único sino. Essa execução deu origem a vários toques, por exemplo, o Toque de Entrada que são de 18 a 80 pancadas espaçadas no sino pequeno da igreja em que se celebrará a missa, seguidas por pancadas mais rápidas e menos espaçadas, cujo número indica quem será o celebrante: padre – três pancadas; pároco – quatro pancadas; bispo – sete pancadas; arcebispo – nove pancadas; papa – 14 pancadas. Outro exemplo é o Toque de Ângelus, um *toque do cotidiano* para chamar os fiéis a rezar em memória da Anunciação à Virgem Maria. Trata-se de três séries de três badaladas/pancadas espaçadas, totalizando nove pancadas espaçadas no sino principal das igrejas, às 12,



18 e 20 horas durante o ano todo, exceto na Sexta-Feira Santa e no Sábado de Aleluia. As pausas entre as séries permitem que se rezem, no intervalo entre cada uma, as três partes da oração do Ângelus (Anjo): a Anunciação feita a Maria, a Aceitação e a Encarnação de Cristo. Cada uma dessas partes é seguida da Ave-Maria.

Repiques – há, igualmente, um vasto repertório de repiques, uma vez que eles podem ser percutidos utilizando-se dois ou mais sinos. Os repiques são frases rítmicas dançantes, tocadas na maioria das vezes em três sinos de maneira articulada. Segundo os sineiros, o sino pequeno (mais agudo) faz a marcação, o médio (denominado pelos sineiros de meião) pergunta, e o grande (mais grave) responde. Essa explicação, que define a estrutura musical dos repiques, é de autoria dos próprios sineiros.

É no interior dessa forma de execução do toque dos sinos que podemos encontrar maior possibilidade de apropriação e interpretação por parte dos sineiros. Há vários repiques com o mesmo objetivo: anunciar novenas e missas, além de exprimir contentamento em ocasiões de festas religiosas ou até mesmo de celebrações civis importantes. Há repiques tocados por ocasião de missas comuns e novenas cuja escolha fica a critério dos sineiros. São eles: Tencão do Rosário, Tencão da Boa Morte, Tanquins, Tens-Tens, Tens-Tolins, Batucada, Batuquinho. Geralmente, o sineiro combina o repique com outros toques, por exemplo, o *principiada* que, como o próprio nome diz, tem a função de introduzir um conjunto de repiques. Constitui-se de pancadinhas iguais dadas no sino pequeno, em seguida no médio e, por último, no grande.

A *terentena* é outro repique utilizado para finalizar um conjunto de repiques e por isso também é designado como repique conclusivo.

Há casos de repiques em desuso: o Clens, o Tens-Tens e a Terentena fúnebre. Eles devem ser acionados por ocasião da morte de uma criança. Atribui-se a sua rara execução a diminuição da taxa de mortalidade infantil em todo o país. Esses são casos raros de *repiques fúnebres* (em geral, como o repique é mais rápido, é comum associá-lo a um momento festivo). Tem a mesma sequência dos repiques só que sua execução é em ritmo lento e pianíssimo. Há sineiros que afirmam que o toque pode ser traduzido na parlenda: "Não chora não, que eu vou pro céu, não chora não que eu vou pro céu..." ou "Pode vir que é muito bom, pode vir que é muito bom" ou, então, "Vem, vem, sozinho sem mais ninguém".

DIREITA
TORRE DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, MARIANA.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

PÁGINA AO LADO
SEQUÊNCIA DO TOQUE DO SINO DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, MARIANA.
FOTOS: PEDRO DAVID, 2004.



TOQUES COM O SINO EM MOVIMENTO

O acionar dos sinos manualmente produz o seu movimento, que pode chegar a provocar a rotação em torno do próprio eixo – são os dobres.

O dobre fúnebre ou festivo é dado quando o sino em movimento provoca a percussão do badalo uma ou duas vezes em cada rotação do sino. Uma vez, dobre simples. Duas vezes, dobre duplo. Para a distinção entre os dobres fúnebres e festivos é determinante o **ritmo** desse movimento.

Há, por exemplo, o dobre fúnebre para mulher que se constitui de duas séries de dobres simples (uma pancada), começando pelo sino menor, depois para o médio e, em seguida, para o maior, descaindo-se os sinos depois de cada série. É executado na igreja sede do sodalício a que pertenceu a mulher. O dobre fúnebre para homem contém três séries ao invés de duas.

Os sineiros de Ouro Preto contam que quando a capital do Estado de Minas Gerais foi transferida para Cidade de Minas, hoje Belo Horizonte, em 1897, os sinos de Ouro Preto dobraram tristemente.

Uma última informação sobre a execução dos dobres.







Para que eles ocorram é necessário "catar" o sino, ou seja, colocá-lo a pique, com a boca para cima, ou ainda, de cabeça para baixo. É uma habilidade conquistada pelos sineiros e motivo de desafio entre eles.

Para se catar o sino é preciso ter prática: fica-se de pé na sineira da torre e leva-se o sino, com uma das mãos para fora, até que ele, pelo próprio balanço e impulso, fique de boca para cima. Não há proteção alguma enquanto o sineiro executa a "catada". A alternativa mais segura é colocá-lo a pique por meio do garfo, mas fazê-lo não constitui desafio para os sineiros. Amarra-se uma corda ao garfo, preso ao cabeçote, e puxa-se o sino até que, pelo seu próprio movimento, ele vire de cabeça para baixo. Apesar de mais segura, essa alternativa requer que o sineiro não enrole a corda na mão. Se ele o fizer, o movimento e o peso do sino podem içá-lo para fora da torre.

> *A equipe de pesquisa responsável pela sistematização dos dados de toda a informação produzida concluiu: É notório que em São João del-Rei os toques de sinos compõem um conjunto muito mais numeroso e complexo se comparado às demais cidades consideradas no inventário. Além disso, em São João del-Rei, os toques têm estrutura bem determinada e, ainda que se permitam pequenas variações ou ornamentos em sua execução, a sua estrutura permanece perfeitamente reconhecível. Assim, em São João del-Rei, há de fato um repertório vasto de toques de sinos, constituídos e mantidos.*

Outros toques são formados por agrupamento de repiques, toques e pancadas assim como por um conjunto de dobres ou pancadas regulares na bacia interna do sino.

Segundo os depoimentos recolhidos ao longo da pesquisa de campo, para uma boa expressão dos toques é necessário que haja em cada torre um mínimo de três sinos, o mais grave (maior), o médio (designado meião) e o agudo (o menor). Só assim é possível executar os repiques de forma completa.

Portanto, há a imaterialidade dessa forma de expressão, sonora e etérea; e há a imaterialidade do "saber tocar" que é o conhecimento dos sineiros, mas há a materialidade das torres, campanários e sinos. Por isso, algumas observações acerca do espaço – torres –, e do bem material – os sinos –, se fazem necessárias.

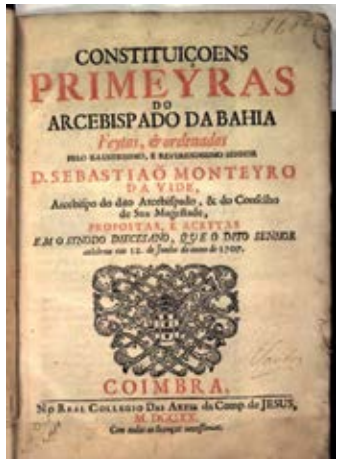
PAGINA AO LADO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA
CAPA DA PUBLICAÇÃO CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS DO ARCEBISPADO DA BAHIA.
FOTO: ACERVO SE-MG IPHAN.

VISTA PARCIAL DO CONJUNTO URBANO DE DIAMANTINA, COM A TORRE DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM DESTAQUE E AO FUNDO SERRA DO ESPINHAÇO.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007.

OS SINOS

A palavra sino vem do latim *signum*, sinal; instrumento de bronze com a figura de um vaso cônico invertido (diz-se obcônico), que produz sons que podem ser mais ou menos fortes, agudos ou graves, afinados em diferentes notas musicais dependendo do diâmetro de sua boca e da espessura de sua bacia. Esses sons podem ser obtidos por intermédio de peça sólida, badalo, quando percutido em sua parte interna, ou por martelo, quando percutido em sua superfície externa; há outras referências na literatura, e em documentos de época, sobre a existência de sinais sem, necessariamente, a referência aos sinos.

É possível encontrar referências históricas dos sinos de bronze no Ocidente e de seu emprego pela Igreja Católica desde o século V da Era Cristã. Paolino de Nola os utilizara em Campânia, na diocese de Nola situada, por sua vez, na província de Nápoles. Alguns afirmam que a designação "campana", como sinônimo de sino e seu correlato, campanário, tem sua origem no fato desse objeto ter sido primeiramente utilizado naquela região. Há referências posteriores de seu uso na Gália, no período da Renascença carolíngia, quando os sinos ascenderam às torres para comunicação e defesa. André Dangelo chama a atenção para que, por questões de defesa, havia sinais codificados pelos habitantes das aldeias que eram alertados pelos sinos[47]. Também há referências de seu emprego em território britânico pelos beneditinos em séculos posteriores. Há informações que no século VIII o sumo pontífice Estevão II dotou a Basílica de São Pedro de três sinos. No século seguinte, seu uso se difundiu em catedrais e paróquias. Com a ampliação de seu emprego, a torre sineira se torna um referencial urbano uma vez que sua verticalização e altura implicavam uma maior capacidade de propagar mensagens sonoras.


CONSTITUIÇOENS
PRIMEYRAS
DO
ARCEBISPADO DA BAHIA
Feytas, & ordenadas
D. SEBASTIAÕ MONTEYRO
DA VIDE,
Propostas, e aceytas
COIMBRA.



Há notícias sobre a presença de sinos nos campanários das igrejas na América portuguesa desde o início da colonização. Tratando-se de uma monarquia católica em que a espada e a fé caminhavam juntas[48], os sinos são uma realidade no território americano, assim como em outras áreas desse império português pluricontinental.

Sabe-se que a Igreja Católica em Portugal decidiu codificar a utilização dos sinos: *A linguagem sineira*, do Cerimonial Seráfico da Ordem Franciscana, editado em Portugal, no início do século XVIII. Nessa obra, foram registrados mais de 50 tipos de toques utilizados nas mais diversas ocasiões e eventos do universo católico.

Há documentos que fazem referência à chegada de D. Pero Sardinha, primeiro bispo a assumir a diocese de Salvador, em 1552. Segundo essa documentação, o bispo trouxera consigo sinos, alfaias para os serviços eclesiásticos e demais ornamentos para o serviço do culto divino[49].

Também nas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, documento já citado neste texto, o arcebispo da Bahia, D. Sebastião Monteiro da Vide, elaborou regulamentação referente às edificações e reparações nas igrejas paroquiais. Há, nessa documentação, referência aos sinos:

> *[...] havendo-se de edificar de novo alguma Igreja paroquial em nosso Arcebispado, se edifique em sítio alto, e lugar decente [...] Terão Pias Batismais de pedra, almarios para os Santos Óleos, pias de agoa santa, um púlpito, confessionários,* **sinos**[50] *e Casa de Sacristia.*[51]

DA ESQUERDA PARA A DIREITA
DETALHE DO SINO DA IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, CONGONHAS DO CAMPO.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007.

DETALHE DO SINO DA IGREJA MATRIZ DE MILHO VERDE, SERRO.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007.

VISTA DO SINO NA IGREJA MATRIZ, SABARÁ.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007.

O PROCESSO DE PRODUÇÃO DOS SINOS

DESCRIÇÃO FÍSICA E DE SUAS ESPECIFICIDADES MUSICAIS (TOM/AFINAÇÃO E ALTURA)

Encontram-se envolvidos no processo de produção de sinos cerca de uma dezena de artesãos e sua fabricação dura, em média, de 30 a 50 dias. A fundição de sinos só ocorre por encomenda, que pode ser da própria Igreja, das associações religiosas laicas ou ainda de um doador[52].

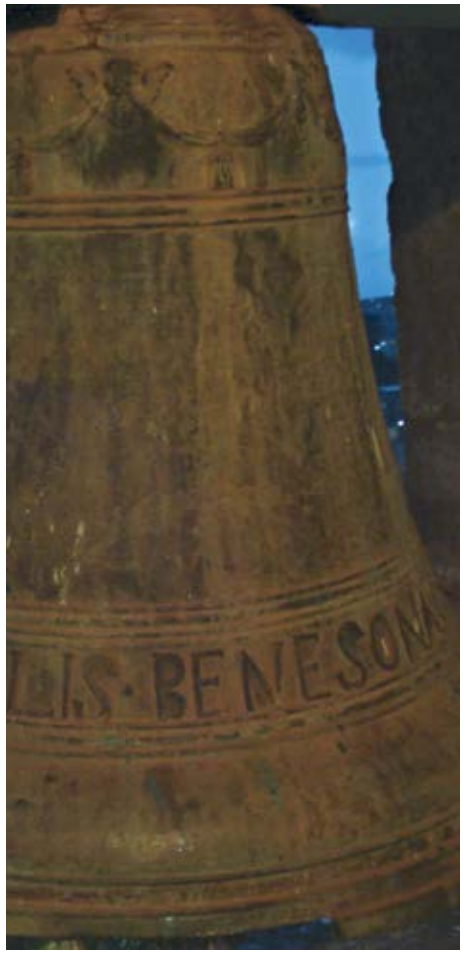
O responsável pela fabricação do sino é um artesão geralmente denominado fundidor, ou ainda mestre fundidor; mas também pode ser chamado de sineiro.
A ele cabe determinar as dimensões, o formato, a sonoridade e demais características do sino. Todos esses elementos incidem sobre a afinação do sino. Cada sino tem sua afinação em uma nota musical que é determinada pelas dimensões, formas geométricas, o diâmetro da boca e a espessura da aba – a boca do sino –, onde o badalo bate, provocando a reverberação do som.

Depois de verificada a viabilidade da encomenda, as etapas de fabricação são praticamente as mesmas desde o século VII da Era Cristã. Constitui um processo que se reproduz há 1.400 anos.

As etapas de fabricação são: primeiro, faz-se o cálculo da "costela" do sino. Faz-se uma base de alvenaria sobre a qual se molda com barro (solo de massapé e esterco de animais) o chamado sino falso ou macho. O barro adquire a forma do sino por meio de um molde de madeira denominado torno, bandeira, costela ou chapelona que é passado sucessivas vezes sobre o barro até que a superfície fique lisa, dando o formato característico do sino.

Após o alisamento dessa superfície de barro, passa-se o unto, que corresponde a uma mistura de água e cinza ou, ainda, o luto, quando a mistura é à base de clara de ovo, manteiga, pelo de cavalo e argila. Sobre um ou outro serão fixados os elementos de ornamentação do sino.

Nesse momento, o mestre fundidor prende, na superfície, os frisos, desenhos, frases, textos e demais elementos







decorativos que lhe foram encomendados e que foram esculpidos previamente em cera.

Terminada essa etapa, o sino é coberto com outra mistura feita com pelos de animais e outros materiais adequados para que o sino não trinque. Em seguida, recebe outra camada de argila. Esse molde é enterrado.

Quando o bronze liquefeito é derramado entre os moldes, ele preenche o lugar da cera (por isso a denominação do processo: cera perdida) e o espaço do sino falso. Há informações de que quando o bronze liquefeito começa a correr para os moldes, o fundidor recita uma oração (transmitida pela pessoa que lhe ensinou os segredos da fundição do sino).

Em casos de sinos destinados a igrejas, há alguns sineiros que, na composição da liga que forma o bronze, acrescentam uma determinada quantidade de palha benta moída para evitar que o sinto trinque durante a fundição. Essa prática decorre da crença de que os demônios destroem os sinos não consagrados. Seriam sinos com a alma pesada ou sem alma, o que é muito pior.

Depois da etapa de esfriamento, que leva no mínimo 24 horas dependendo de seu tamanho, os sinos são desenterrados, os moldes quebrados e inicia-se a limpeza e polimento da campânula com esmeril, lima e talhadeira.

Por último, fixa-se o badalo que é fundido separadamente. Anteriormente, os badalos eram fixados com cordas de couro, hoje a maior parte utiliza o sisal.

O sino, também chamado de campana, é composto, *grosso modo*, de três partes (A) coroa ou asa, (B, C e D) bacia e (E) badalo. A bacia é a parte de metal que tem a forma obcônica característica do sino. A sua parte inferior é denominada "boca" (D). O tamanho de seu diâmetro tem relação com o tom e a afinação do sino[53].

A coroa ou asa é a parte superior do sino, formada por alças por meio das quais o sino é preso ao cabeçote (peça de madeira) e ao eixo que lhe dá sustentação. Seu formato tem se modificado



para se adequar ao formato dos carrilhões. Essa peça – a coroa ou asa –, segundo consta, não interfere no som dos sinos. Em caso de sinos mais leves, há duas hastes em cada lado da coroa. Para os mais pesados, há quatro hastes de cada lado.

O badalo é a haste de ferro que faz o sino percutir. Sua fixação na parte superior da bacia do sino é feita por meio de tiras de couro cru ou cordas de sisal. As suas extremidades têm formatos distintos: uma em formato de âncora que se prende à coroa do sino e a outra arredondada. Em São João del-Rei, essa parte arredondada, em geral, apresenta um orifício onde é preso um gancho, em forma de S, muito utilizado para dar outros efeitos sonoros aos repiques. Esse gancho foi uma "invenção" dos sineiros da cidade.

O BATISMO DO SINO[54]

A literatura especializada nos informa que o batismo dos sinos, em épocas mais remotas, era realizado por bispos e que, além deles, apenas os padres podiam tocar nos sinos. Batizados com água benta, os sinos adquiriam o poder, acreditava-se, de espantar tudo que se relacionava à ideia de destruição: afastavam-se todos os maus

PÁGINA AO LADO
CERIMÔNIA DE BENÇÃO DO SINO DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: RICARDO DOS SANTOS GONÇALVES, 2014.

ABAIXO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA
SEQUÊNCIA DA BENÇÃO DO SINO.
FOTO: RICARDO DOS SANTOS GONÇALVES, 2014.







presságios e demônios da região até onde o som do sino alcançasse; o seu batismo também era uma garantia à sua integridade física, sendo afastados os raios e as tempestades. Após a bênção com a água benta, eram utilizados os Santos Óleos (dos enfermos e de Crisma) para fazer sete cruzes no exterior e quatro cruzes no interior.[55] Aluízio Viegas ressalta que, entre cada um dos sinais feitos com as cruzes, o sino é batizado: "Esse sino está sendo consagrado ao profeta Elias Carmelo". Então o nome dele será Elias. "Elias que a tua voz chame a todos à oração". Outra cruz. "Elias que a tua voz chame nas tempestades ou nas calamidades". "Elias que a tua voz chame pelos moribundos" e faz depois as cruzes internas[56]. Na sequência, incenso e mirra eram queimados no turíbulo aceso para esse fim e colocado sob a boca do sino, preenchendo-o com uma nuvem de perfume. Além da presença do bispo e de outros membros da Igreja, havia o padrinho e a madrinha do sino a quem se atribuía a tarefa de escolher o seu nome. Esses procedimentos e diretrizes se encontram estabelecidas no Pontifical Romano. Depois desse processo de consagração, os sinos são instalados nas torres, como veremos a seguir.



A MONTAGEM DOS SINOS E SUA COLOCAÇÃO NAS TORRES SINEIRAS

O cabeçote (A) é uma peça fundamental na engenharia e percussão do sino. Dentre suas funções, o cabeçote deve servir de contrapeso do sino durante os dobres. Em sua extremidade superior é encaixado um contrapeso que pode ser de ferro para dar segurança e sustentação aos giros feitos pelo sino quando dobra[57].

O eixo é, em geral, uma vara de ferro passada por entre as alças ou hastes da coroa e do cabeçote. Essa vara é presa nas laterais das torres sineiras por meio de mancais[58]. Para o encaixe dos mancais nas torres sineiras é feita uma cavidade na pedra no formato exato do mancal, e imediatamente acima desse mancal faz-se um corte reproduzindo o formato de uma canaleta por onde são encaixadas as pontas do eixo que sustenta o sino.

O eixo deve ser preso numa altura suficiente que permita que o sino faça sua rotação completa. Ainda preso ao cabeçote, temos o garfo (B) que auxilia na movimentação do sino para os dobres. Amarra-se uma corda em sua extremidade que, quando

ESQUERDA
COLOCAÇÃO DO SINO NA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, CATAS ALTAS.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

DIREITA
INSCRIÇÃO DO SINO DA FUNDIÇÃO JOSÉ VALENTIM ONOFRE, EM 1883, IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, CATAS ALTAS.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.



acionada dá início ao movimento dos sinos, obrigando o badalo (C) a tocar no interior do sino.

Cabe ressaltar um interessante registro, datado do século XIII, indicativo de como a Igreja carregava os sinos de simbolismo. Segundo consta, Durandus, bispo de Mende, teria afirmado em 1286:

> *O sino denota a fala do pregador, de acordo com as palavras de São Paulo: "Eu me tornei como um metal sonante ou um címbalo tilintante". A dureza do metal significa a fortaleza da mente do pregador, de acordo com essa passagem: "Dei a ele uma testa mais dura que a sua própria testa". O entrechocar do ferro que, ao bater em ambos os lados, produz o som denota a língua do pregador que, com o ornamento da sabedoria, faz ressoar ambos os Testamentos. A batida dos sinos denota que o pregador deveria, antes de tudo, combater os seus próprios vícios e corrigi-los para depois censurar os das outras pessoas. O elo pelo qual o badalo está ligado ou unido ao sino é a meditação; a mão que ata o badalo denota a moderação da língua. A madeira da estrutura na qual o sino está pendurado significa o madeiro da Cruz de Nosso Senhor. O ferro que o liga à madeira denota a caridade do pregador que, estando inseparavelmente ligado à cruz, exclama: "Longe esteja ela de mim para a glória, excepto na Cruz do Senhor".*
> *Os pinos que ligam a estrutura de madeira são os oráculos dos profetas. O martelo fixado à estrutura pela qual o sino é tangido significa a mente recta do pregador, por meio da qual ele atende rapidamente ao Divino comando e, pelas frequentes batidas, o inculca nos ouvidos dos fiéis.*[59]

FUNDIÇÃO

À época colonial, quaisquer atividades industriais eram proibidas, especialmente, as relacionadas à fundição de materiais auríferos passíveis de serem contrabandeados. Quando havia alguma demanda, geralmente motivada por necessidades de defesa – como a fabricação de canhões –, a Coroa Portuguesa controlava essas atividades de perto. Não foi outro o caso da metalurgia que se desenvolveu no Morro de Araçoyaba, atual município de Iperó, na região de Sorocaba, interior de São Paulo[60].
A historiografia que trata do tema afirma que o português Afonso Sardinha descobriu minério de ferro na região e que, com a devida autorização da Coroa Portuguesa, sempre que necessário, fazia funcionar o que viria a ser conhecida como a primeira metalurgia da América portuguesa no século XVI.



CAMPANÁRIO DA IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, SABARÁ.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007.

PÁGINA AO LADO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA
VISTA DOS SINOS DO CAMPANÁRIO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA, PASSAGEM DE MARIANA.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

VISTA DO CAMPANÁRIO EXTERNO DA CAPELA DE SANT'ANNA, MARIANA.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

CAMPANÁRIO DA IGREJA MATRIZ DE MILHO VERDE, SERRO.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007.

BAIXO
IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE SÃO GONÇALO, SERRO.
FOTO: DJALMA CORRÊA, 2005.

Há documentos que comprovam que o então governador das Minas das Capitanias do Sul, Francisco de Souza, encaminhou Afonso Sardinha e seu filho para proceder à análise do minério encontrado na região. Cerca de 200 anos mais tarde, em 1810, essa metalurgia passa a ser a Real Fábrica de Ferro de Ypanema, controlada pelo governo português recém-instalado na América. A data mais antiga que se tem registro da fundição de sinos é a do ano de 1589: o sino foi confeccionado por essa metalúrgica na região de Sorocaba. Também há notícias de um fundidor chamado Francisco Bernardes de Souza, responsável pela fundição dos sinos das Igrejas do Carmo e de São Francisco no início do século XIX em São João del-Rei. Ao longo dos anos e, principalmente, a partir do século XX outras fundições se instalaram no país, todas, salvo engano, de origem familiar e que faziam questão de manter a transmissão dessa prática no interior da própria família, quase como um segredo[61]. Aluízio Viegas destaca o fundidor Alberto de Samassa vindo da Itália com sua família para o Brasil em 1937 e se fixando em Sorocaba, interior de São Paulo, onde estabeleceu a fundição Pró-Arte Sacra que passou a se denominar, anos mais tarde, de Sinos Samassa Ltda. Ao longo dos anos em que permaneceu no Brasil, editou a revista *Música Sacra.* Nela, publicava artigos sobre a arte e a ciência da campanologia defendendo que os sinos fossem afinados de acordo com as leis da física e da harmonia.[62] Maria do Carmo Vendramini destaca o esmero e cuidado de Alberto Samassa com a fundição de sinos. Ela afirma:

> *[...] Publicou um folheto intitulado De Campanis et Precipuis Usibus. Dava consultas sobre o assunto de sua especialidade, orientava gratuitamente os fregueses, e, através de um impresso anexo aos sinos a serem entregues aos compradores, tentava controlar a qualidade de seus produtos pedindo informações sobre o sino que fundira e que estaria em uso (mas quase ninguém as mandava).*[63]

Em 1959, a família Crespi se fixou em São Paulo, onde mantém sua fundição até os dias atuais[64]. Desde 1918, a família Angeli já desenvolvia suas atividades de fundição em São Paulo.

Conseguimos identificar hoje, além da Indústria de Sinos Crespi, a fundição Cláudio & Manuel do Sino atuando no Rio de Janeiro[65], a RSR Sinos no interior do Estado de São Paulo[66] e a Fundição Artística Sinos Uberaba[67].







AS TORRES SINEIRAS

A prática do toque dos sinos ocorre, em sua grande maioria, nas torres de igrejas e capelas, denominadas campanários ou torres sineiras. As torres têm como função principal abrigar os sinos e constituem a parte saliente, de sentido vertical, da edificação religiosa. Quando não há torre, os sinos são instalados num espaço superior, junto do frontão (empena) da igreja (internamente, acima do espaço ocupado pelo coro) ou ainda numa pequena construção independente próxima à edificação religiosa. As torres são variadas e têm relação com as diferentes formas de cobertura e com a própria planta do edifício. Podem ser circulares, quadradas, retangulares ou octogonais. Geralmente têm quatro vãos abertos onde se instalam os sinos.











Os peitoris têm altura variada e são chamados de sineiras. Quando esses vãos são fechados por madeira, denomina-se janela-sineira. Sobre a história das torres, André Dangelo afirma:

> *[...] Carlos Magno, no século VI, fez anexar ao programa das igrejas as torres com funções de defesa e comunicação [...], [desenvolvendo] [...] um novo partido arquitetônico onde a torre passa a ser um elemento essencialmente vertical, de modo a propagar melhor a mensagem sonora. A partir desse momento, a torre sineira torna-se um referencial urbano e espacial ao qual aliam-se ora a força da fé cristã, ora a representação do poder comunal.*[68]

O escritor Victor Hugo já sinalizava no século XIX em sua obra *Notre-Dame de Paris* que até a invenção da imprensa, a arquitetura é a escrita principal, a escrita universal[69]. Portanto, dedicar uma parte deste capítulo às torres é reconhecer que a existência humana produz espaços físicos e de sociabilidade. Nas palavras de Leonardo Benévolo:

> *Os edifícios religiosos [...] desenvolvem, no organismo da cidade, uma função singular [...]. Como se sabe, as igrejas e os espaços*

PÁGINA AO LADO, ESQUERDA, ALTO
IGREJA DE SÃO GONÇALO, SERRO E IGREJA SANTA RITA, SERRO.
FOTOS: CRISTINA LEME, 2007.
ESQUERDA, BAIXO
IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS, TIRADENTES.
FOTO: ACERVO TÉCNICO IPHAN, 2008.
PROCISSÃO NA SEMANA SANTA, SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: JOÃO RAMALHO NETO, 2009.

AO LADO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA
IGREJA SÃO PEDRO DOS CLÉRIGOS, MARIANA.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.
IGREJA SÃO JOSÉ, CONGONHAS DO CAMPO.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007.





> *abertos adjacentes atendem a muitas necessidades da vida pública, além dos estritamente religiosos: assembleias, festas, espetáculos teatrais adquirem um valor alegórico ao qual corresponde um especial empenho arquitetônico.*[70]

Sobre esse aspecto é Victor Hugo que ainda nos esclarece, por meio do diálogo protagonizado pelo arcediago, que, ao ser inquirido sobre o que são os livros, abre uma das janelas do recinto e aponta para igreja de Notre-Dame dizendo "Aqui tendes um"[71], fazendo referência a um momento em que o fazer humano era registrado não pela palavra impressa, mas pela palavra construída em pedra, numa clara alusão de que a arquitetura também é capaz de informar sobre as representações, práticas e ideias de uma determinada época.

Amos Rapoport já sinalizava que o espaço construído pelos homens é capaz de comunicar inúmeras relações que não são meramente arquitetônicas, mas que são sociais e culturais e, portanto, passíveis de leitura e compreensão[72]. Entre elementos da arquitetura, pode-se destacar a cor, a simetria, a proporção e, no caso especificamente de nossas torres, sua estrutura. As torres que se projetam verticalmente no espaço e abrigam os sinos são capazes de nos levar ao rés do céu. Ao abrigar os sinos, as torres fazem a conexão com a espiritualidade numa clara representação da opulência do Divino. Os sinos em suas torres expressam, através da materialidade de seu bronze, a imaterialidade do chamado Divino. Quando presos nos campanários de nossas numerosas igrejas, os sinos evocam tudo aquilo que está suspenso entre o céu e a terra e são, portanto, o ponto de comunicação entre ambos. Para muitos, a voz do sino é um chamado de Deus e as torres são as portas do céu, por onde se passa das trevas à luz.

Diferentemente de outras cidades brasileiras, onde a verticalização de muitas construções obliteraram as torres das igrejas, antigos marcos de referência na paisagem urbana, como o sítio pesquisado é tombado, as nove cidades inventariadas ainda mantêm suas igrejas e torres como referenciais urbanos, compondo com as montanhas de Minas, uma belíssima paisagem.

Além da referência espacial, como a população nessas cidades reconhece a sonoridade de cada sino, essa paisagem que é sonora traz referências de proximidade ou distanciamento espacial.







A identificação da propriedade sonora dos sinos é possível devido ao fato das igrejas, nessas cidades, terem sido erigidas pelas confrarias e irmandades dedicadas ao culto de santos. Existem casos de igrejas que foram erigidas por várias delas. Sendo assim, cada uma dessas associações levou para os campanários seus sinos. Exemplifiquemos com o caso da Matriz do Pilar de São João del-Rei que sedia diversas irmandades. Na torre do lado direito da Catedral do Pilar, na frente, há o sino da Irmandade dos Passos; na lateral direita, o sino da Irmandade da Boa Morte e ao fundo, o sino menor, também desta última, e batizado como João Evangelista. Na torre do lado esquerdo, na frente, o sino do Santíssimo Sacramento, o mais importante da cidade[73]. Na lateral direita, o sino da Irmandade das Almas, batizado como Daniel, no fundo o sino menor pertencente também à Irmandade da Boa Morte, usado em todos os dobres fúnebres e repiques festivos; na lateral esquerda o sino novo ou da Fábrica.

Na torre esquerda da matriz do Pilar, o sino que ocupa o lugar de destaque, o da frente, é justamente o da irmandade mais importante dentre todas, a do Santíssimo Sacramento. Segundo Fritz Teixeira de Salles, as Irmandades do Santíssimo Sacramento eram obrigatórias nas vilas e arraiais porque representavam a autoridade suprema da corte celestial. Santo Afonso Maria de Ligório corrobora essa compreensão, afirmando que a devoção de adorar Jesus sacramentado é, depois dos sacramentos, a primeira de todas as devoções, a mais agradável a Deus e a mais útil para toda a cristandade[74].

No caso da Igreja do Carmo, também em São João del-Rei, conta-se que durante muitos anos só havia sinos na torre esquerda, porque a torre direita ficava próxima da área de prostituição da cidade[75].

Nesse caso, como nos demais, a colocação dos sinos nos campanários e sua disposição nas torres não são um fato aleatório. Elas representam uma hierarquia atribuída pela sociedade a essas associações leigas e que se reproduz na organização espacial do interior desses campanários. Portanto, a disposição dos sinos no interior das torres das igrejas também é resultado de relações sociais,

PÁGINA AO LADO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA
TORRE DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, MILHO VERDE, SERRO.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007.
TORRE DA CAPELA DE SANTA QUITÉRIA, CATAS ALTAS.
FOTO: PEDRO DAVIS, 2004.
TORRE DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: JOÃO RAMALHO NETO, 2009.

AO LADO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA
TORRE. IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO, OURO PRETO.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.
TORRE. IGREJA NOSSA SENHORA DO PILAR, SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: ACERVO TÉCNICO IPHAN.

econômicas, políticas, culturais engendradas por essa sociedade.

As torres são os espaços de aprendizagem dos toques dos sinos. São a sala de aula dos aprendizes. Em São João del-Rei é recorrente se destacar que o amplo tamanho das torres é mais um dos elementos que contribui para o desenvolvimento dessa forma de expressão.
Os jovens sineiros estabelecem que primeiro, antes de tocar os sinos, é necessário ouvir.
Pode-se observar pela documentação audiovisual que acompanha o processo que além de ouvir, o próprio corpo acompanha o toque dos sinos. Fora das torres, os aprendizes treinam em qualquer oportunidade: em enxadas, bicicletas, postes, latas, panelas, não importa. O importante é conseguir reproduzir determinado toque de sino.





RECORTE TERRITORIAL DA PESQUISA: DO SERTÃO DOS CATAGUASES ÀS CIDADES DE MINAS GERAIS

Os pés de hoje cobrem esses lajedos sem pensar que houve um tempo em que se andava como se essas calçadas fossem brasas. Nos ovais das sineiras recortadas os sinos silenciam suas bocas. Incorporaram os bronzes das bacias anúncios que fizeram de outros dias, coroação de reis, rainhas loucas, novenas, missas de agonia[76]. Caía a noite de 21 de junho de 1743 e, com toda a pompa, o bispo do Rio de Janeiro, dom João da Cruz, se preparava para deixar a vila de Nossa vielas para prestar reverências à comitiva que estava prestes a se retirar da vila, os "costumados repiques dos sinos" tanto da igreja matriz quanto das demais localidades não se fizeram ouvir. [...] Inconformado com a quebra do protocolo e com a desatenção pública à sua figura, o bispo, em vez de seguir viagem, permaneceu no local onde deu início a uma investigação para apurar o incidente. Descobriu que os badalos dos sinos das igrejas haviam sido roubados em total afronta à sua dignidade de prelado.

IGREJA DA ARQUICONFRARIA DE SÃO FRANCISCO, MARIANA.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

[...] Imediatamente, o bispo mandou tirar devassa para averiguar os culpados e o processo começou a tramitar no Conselho Ultramarino.[77]

O silêncio dos sinos das igrejas da cidade de Mariana, quando da partida do bispo do Rio de Janeiro, Dom João da Cruz, nos conta muito do significado dessa prática desde os Setecentos. Dom Paulo, em entrevista concedida à equipe de pesquisa, afirma: "Eu diria que até o silêncio do sino fala". Moradores das cidades inventariadas reiteram, repetidas vezes, que é possível não entender determinado toque de sino, mas se eles não tocam no momento esperado ou se tocam fora de hora, algo está muito errado.

Trata-se, portanto, de sons e silêncios que são referências plenas de significado para aquelas pessoas que vivem nas nove cidades inventariadas nessa pesquisa, compondo uma paisagem visual e sonora toda própria. Os sineiros Eliseu e Rodrigo Hora, de Ouro Preto, fazem questão de frisar que só reclama do toque dos sinos aquele que não é da cidade.

Essa referência – o toque dos sinos – é reconhecida e apropriada pela população sendo vetor e produto de identidades que podem ser definidas a partir de uma determinada territorialidade. O território inventariado durante a pesquisa não é um cenário onde pessoas, coisas, construções estão alocadas ou dispostas. É lugar de referência porque nele se constituíram, há muito, relações que nos falam sobre os modos de vida de uma determinada comunidade. É, assim, território cultural que não se circunscreve a fronteiras e limites estabelecidos político-administrativamente pelos homens.

Destacamos, igualmente, que o toque dos sinos tem uma base territorial inventariada, mas não exclusiva. O território em questão é resultado de processos que se desenvolveram em diferentes conjunturas históricas e que foram protagonizados por diferentes agentes.

Nas nove cidades inventariadas, o toque dos sinos apresenta uma estreita relação com a história da ocupação do território do sertão dos Cataguases. Essa trajetória diz respeito ao desbravamento dos sertões para o apresamento de índios, à descoberta de veios auríferos, ao estabelecimento de muitos sodalícios nessa região em uma época em que o reino português vivenciava o auge da cultura barroca, exemplarmente representada no governo de D. João V. Segundo Laura de Mello e Souza:



O que no litoral ou em velhos centros como São Paulo de Piratininga se processara ao longo de dois séculos — o devassamento, a ocupação, a sedimentação das gentes, o surgimento dos núcleos urbanos, das câmaras, da justiça real — não tomaria nas Minas, mais do que algumas décadas. A sociedade que aí se formou teve as características de suas congêneres originadas em frentes pioneiras e em regiões fronteiriças ocupadas do dia para a noite: tensa, violenta, arrivista, movediça ou, como têm preferido mais recentemente os estudiosos, aluvional. Carente de tradições e de memória, teve de inventá-las a sua maneira. Num primeiro momento, as normas e as regras foram deixadas de lado, e, assim, homens de cor e mestiços puderam integrar instituições que, em princípio, impunham restrições racistas ao seu ingresso como as câmaras, as irmandades de homens ricos e as santas casas de misericórdia. Num segundo momento, contudo, foi preciso recorrer a mecanismos que reforçassem as hierarquias e a estima social. Nesse sentido, se os primeiros anos pareciam indicar uma sociedade aberta à promoção social e ao talento individual, à maneira das sociedades de classes, os anos subsequentes retomaram princípios próprios à sociedade de estados, características do mundo do Antigo Regime.[78]

Essas e outras características e circunstâncias forneceram as condições para o desenvolvimento do toque dos sinos como uma referência cultural

IGREJA DE SÃO JOSÉ, OURO PRETO.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.



por meio da qual essa população foi se constituindo de maneira identitária. Em razão disso, podem nos fornecer os elementos por meio dos quais a população dessas cidades pleiteia o reconhecimento do toque dos sinos como patrimônio cultural do Brasil. Isso porque, conforme a pesquisa identificou, por vários processos, essas características peculiares e experiências locais são reconhecidas como comuns a um largo espectro de pessoas num processo que Benedict Anderson caracterizou de maneira muito apropriada como o de pertença a uma nação compreendida como comunidade política imaginada[79]*. Segundo essa abordagem, a nação é imaginada porque, por menor que ela seja, seus membros, jamais conhecerão a maior parte de seus conterrâneos. E, a despeito disso, há uma ideia de conjunto, de todo, de compartilhamento dentro de limites administrativos definidos e reconhecidos. Mas, com certeza, não restringiremos o termo imaginada às definições de nosso autor em torno das categorias de fronteira e de soberania; ela é imaginada também porque, por meio dessa faculdade imaginária, ela é capaz de estabelecer e designar identidades.*[80]

Portanto, sendo o toque dos sinos, da forma como ocorre nessas cidades, representativo de muitas peculiaridades, ele é capaz de promover nosso reconhecimento como uma comunidade imaginada, como brasileiros. Destacamos, nesse processo de singularidades e universalidades, a questão da devoção religiosa e os inúmeros processos de migração e interiorização com suas respectivas aberturas de fronteiras e conquistas de territórios empreendidas por aqueles homens e mulheres que caminhavam em busca de melhores e novas oportunidades.

Uma abordagem historiográfica mais tradicional sobre a constituição das vilas e arraiais nesse território



DETALHE DO SINO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, CATAS ALTAS.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

recorrentemente estabelece uma similaridade entre os objetivos dos portugueses que chegaram a essas terras em 1500 e o dos bandeirantes, considerados os agentes responsáveis pela ocupação do território que hoje conforma o Estado de Minas Gerais, qual seja, o de encontrar metais preciosos. Assim, o destaque dado a esse objetivo institui uma continuidade entre os séculos XVI e XVIII, ligando os "grandes" bandeirantes aos "grandes" navegadores numa perspectiva que conta de maneira grandiosa a colonização portuguesa na América.

Essa mesma historiografia também nos informa que as expedições oficiais portuguesas anteriores – entradas – não foram bem-sucedidas no sentido da descoberta de metais preciosos. Cabia a outros agentes sociais, os bandeirantes vindos de São Vicente, o papel de desbravadores e descobridores do ouro no sertão dos Cataguases, denominação portuguesa primeva desse território[81] e indicativa (mas pouco ressaltado) da atividade desses bandeirantes relacionada ao apresamento de índios, em uma época em que o domínio holandês sobre as possessões portuguesas na América do Sul e África escasseou o fornecimento de mão de obra escrava africana, impulsionando a escravização indígena nessas terras[82].

Esse duplo objetivo – o apresamento de índios e a prospecção de metais – foi responsável pelas muitas incursões aos sertões desse território.[83] Foi a descoberta dos veios auríferos, oficializada em fins do século XVII e início do XVIII, que gerou outra ocupação da região, que não a indígena e a empreendida pelos agentes colonizadores. As informações são de que os primeiros achados auríferos são do bandeirante Antônio Rodrigues Arzão e datam de 1693. Sucedem-se as descobertas das minas que originaram os núcleos urbanos do ciclo do ouro e dos diamantes.

Nas palavras de Maria Efigênia Lage de Resende: "são essas as minas, os núcleos primários de irradiação do processo de territorialização de Minas Gerais"[84].

Desnecessário dizer que a migração de diferentes pessoas para esses sertões foi intensa. Indivíduos,



MATRIZ DE SANTO ANTÔNIO, TIRADENTES.
FOTO: RICARDO DOS SANTOS GONÇALVES, 2008.

com uma única expectativa – a de enriquecer – provocaram uma situação que a Coroa portuguesa tinha dificuldades de administrar, inclusive pela distância física desse território. Nas palavras de Laura de Mello e Souza:

> *[...] A descoberta do ouro em Minas deslocou o eixo econômico do império português no Atlântico Sul. Pernambuco e Bahia, as antigas regiões açucareiras, começaram a ver os escravos que chegavam para trabalhar nas plantações de cana serem deslocados para as Minas, onde alcançavam melhor preço. Homens livres, brancos ou mestiços, também abandonavam os portos litorâneos e partiam para as Minas em busca de riqueza fácil. Do outro lado do Atlântico, de Portugal, a movimentação de pessoas atingiu proporções até então nunca vistas, e as autoridades metropolitanas tentaram, por meio de medidas restritivas, dificultar o deslocamento populacional para a América.*[85]

Para lidar com tal situação, além de procurar controlar a emigração do Reino em direção às capitanias do Brasil,[86] a Coroa estabeleceu uma política tributária rigorosa associada ao controle de acesso à região. Um dos braços dessa política foi a proibição da instalação do clero regular na região. A Coroa portuguesa alegava que o clero era responsável pelo extravio do ouro e por fomentar na população um clima de insatisfação em relação aos impostos cobrados por ela. Não havia, assim, a presença da Igreja Católica para prestar o auxílio espiritual necessário àqueles tempos. Nas palavras de um cronista anônimo do período:

> *O País das Minas, que é o mais útil à Lusitânia entre os vastos domínios da Coroa, não só se achava falto das utilidades temporais, que convidavam aos portugueses a sofrer desterro voluntário naqueles sertões, mas não tinha ainda toda a cultura espiritual necessária para a salvação das almas [...]*[87]

O SURGIMENTO DAS IRMANDADES RELIGIOSAS

Nessas circunstâncias, não houve outra alternativa para a população senão a de se organizar em irmandades, confrarias, arquiconfrarias ou ainda ordens terceiras – associações leigas ou sodalícios seculares. Conforme as Ordenações do Reino, esses sodalícios ficavam subordinados às autoridades civis[88], passando a contratar religiosos para exercerem as funções eclesiásticas, dentre outras, assim como se responsabilizavam pela construção dos templos religiosos. Sua institucionalização ocorria a partir da aprovação de seus estatutos e compromissos pela Mesa de Consciência e Ordens ou pelo Bispado local mais próximo. A população dessas vilas e arraiais se organizou com o objetivo de construir e adornar as igrejas para os cultos, assistir mutuamente seus irmãos, preparar uma boa morte, providenciar sepultura em local digno, auxiliar enfermos, dentre outros, pois "[...] naturalmente eram todos bons católicos, embora muito pecadores e, logo a capelinha fixava o local de origem"[89].

Caio César Boschi acrescenta:

> *Nas Minas, as irmandades precederam aos poderes burocrático e militar, constituindo-se nas primeiras instituições das terras auríferas. Além disso, tiveram destacado papel na ordenação da sociedade na medida em que, ao prestar*



assistência aos vassalos, aliviavam as tensões provenientes do modo de vida precário de então, promovendo a coesão social, a disciplinarização e a hierarquização da sociedade por meio da incorporação de valores morais. Dessa forma, e para a coroa, as irmandades tiveram proeminente papel como auxiliar no processo de colonização ao tentar reproduzir, nas possessões do além-mar, os padrões da Metrópole.[90]

Ainda sobre o papel desempenhado pelas irmandades e associações nas vilas e arraiais da Capitania das Minas, Aluízio Viegas, reitera que elas

[...] tiveram um papel importantíssimo na vida da comunidade. Como meio de ascensão social, como promotora de benefícios temporais e [...] espirituais, na criação de empregos, na construção de igrejas, na contratação de artistas plásticos, na promoção das festas e solenidades religiosas de seus patronos, na contratação dos partidos musicais, na motivação aos músicos compositores em escrever novas obras musicais e mesmo encomendando obras específicas e privativas para suas festas [...]

Para o cumprimento de algumas dessas funções, deve-se esclarecer que a circulação monetária nas áreas coloniais do império português na América era bastante reduzida devido ao trabalho escravo que não favorecia o desenvolvimento do meio circulante. Sendo assim, essas associações leigas, por seu sistema de compromissos e contribuições, possuíam numerário que outras instituições não detinham. Adhemar de Campos Filho afirma que os sodalícios do Carmo e de São Francisco em Ouro Preto eram não só ricos, mas detinham, em seus cofres, o numerário necessário para conceder empréstimo ao Governo da Capitania das Minas Gerais[91].

Essa informação é reiterada no livro de Fritz Teixeira Salles[92] que acrescenta que havia sodalícios que detinham recursos econômicos significativos e funcionavam como casas bancárias, emprestando dinheiro a juros ao Governo da Capitania. As Ordens Terceiras, especialmente, eram compostas em geral por pessoas brancas e muito poderosas. Uma das fontes de recursos dessas Ordens, ainda segundo Fritz Teixeira Salles, eram as esmolas pagas por seus irmãos para que pudessem ser eleitos como mesários, síndicos, secretários dentre outras funções. Esse autor afirma:

Concluímos, portanto, que somente uma pessoa de vasto cabedal econômico poderia ser eleita para qualquer cargo desta Ordem Terceira. As quantias citadas [...] eram altíssimas para a época, 1760-1770. Para se avaliar a imensa diferença de posses entre os irmãos dessa irmandade e os filiados

ESQUERDA
PROCISSÃO NA SEMANA SANTA, SÃO JOÃO DEL-REI. FOTO: JOÃO RAMALHO NETO, 2009.

DIREITA
RETORNO À IGREJA DA PROCISSÃO DE DOMINGO DE RAMOS NA SEMANA SANTA, SÃO JOÃO DEL-REI. FOTO: JOÃO RAMALHO NETO, 2009.



> *a outras, basta comparar suas contribuições com aquelas [...] das Mercês dos Perdões de Ouro Preto. [...] E não se pense que havia a possibilidade de alguém não pagar ou ficar devendo à ordem qualquer contribuição. O estatuto prevê todas essas possibilidades e indica como devem ser feitas as cobranças, com absoluto rigor; possuía a ordem para isso nada menos do que seis síndicos, cuja tarefa principal era cobrar e controlar quem estivesse atrasado. [...]*[93]

Cita, inclusive, o caso de um irmão do Carmo que, para saldar sua dívida, teve de entregar um escravo à irmandade credora. Fritz Salles destaca, ainda, a função não muito espiritual desses sodalícios:

> *Já se vê que as irmandades religiosas do século XVIII não resumiam suas atividades à ação apostolar e espiritual proclamada por seus compromissos. Eram organizações que funcionavam no plano social, inclusive emprestando dinheiro a juros.*[94]

Além disso, os sodalícios se responsabilizavam por fazer visitas aos doentes e encarcerados, dar de comer e beber a quem tinha fome e sede, vestir os nus, abrigar os peregrinos, conceder dotes, proteger contra maus-tratos de senhores e comprar a alforria de escravos. Os recursos dessas associações eram oriundos do pagamento da joia de entrada[95], anuidades, joias de mesários e contribuições para realização de festas de seus patronos.

Parece-nos, portanto, ter ficado claro que as irmandades tinham o poder e o papel que lhes é atribuído, especialmente, por tratarem e se preocuparem com questões temporais e seculares, por buscarem garantir aos seus membros assistência médica e farmacêutica, ajuda aos familiares de membros



PROCISSÃO NA SEMANA SANTA, PASSAGEM DE MARIANA.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

já falecidos e, por fim, a assistência funerária. Ter um lugar para ser sepultado era uma questão crucial para aqueles homens e mulheres; essa situação era especialmente delicada no caso dos escravos que, quando não assistidos por esses sodalícios, eram deixados nas portas das igrejas ou nas praias para seus corpos serem levados pela maré. O pertencimento a uma dessas associações lhes garantia um enterro digno.

Reiteramos, portanto, que não houve alternativa para aqueles homens e mulheres, se não a de se organizarem em irmandades, uma vez que o mundo das minas era um universo de muitas tentações. Nele, só havia possibilidade de salvação em Deus, na graça divina. Essa é a grande temática do barroco:

> *[...] saber se e como o homem pode se subtrair a essa decadência natural e pecadora. [...] O homem é prisioneiro do pecado geral do mundo.*[96]

É Caio Boschi que novamente nos esclarece:

> *[...] Com isso, [a Coroa portuguesa] provocou e criou espaço para o advento e o desenvolvimento de uma religiosidade com expressiva produção ritual, que teve os leigos como os seus artífices e mantenedores. Foram eles os responsáveis diretos por promoverem a devoção, por sustentarem materialmente, tanto o culto como a prática da filantropia social. Às irmandades, pelo culto intimista dos santos, em comportamentos que humanizava os santos, coube dar resposta à insegurança, à volatilidade e à instabilidade vividas pelos homens na região mineradora, sobretudo em seus primórdios.*[97]

Nesse sentido, destacamos, igualmente, as observações de Afonso Ávila ao asseverar que o barroco não deve ser compreendido exclusivamente como estilo arquitetônico e artístico mesmo em seu sentido amplo; é, sem dúvida, mais do que isso.

O barroco é uma visão de mundo e da vida que tem como uma de suas características centrais a angústia. Essa angústia nasce de uma das maiores tensões que o mundo católico conheceu e que abordamos



CELEBRAÇÃO DE MISSA AO AR LIVRE NA SEMANA SANTA, SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: JOÃO RAMALHO NETO, 2009.

anteriormente: a consciência de que vivemos no pecado. Ora, esse homem, consciente de que "pecar passa, ter pecado jamais"[98], necessitava de assistência espiritual e material para não cair em tentação. Nas palavras de Jota Dangelo:

> *[...] A sociedade mineradora, tocada pelo fascínio do ouro, viveu a contradição entre os desmandos e desvarios que a ambição provoca e a repressão religiosa ameaçando com caldeirões ferventes e o fogo do inferno. O luxo conviveu com a luxúria, a santidade com a devassidão, o sagrado com o profano, desde os primórdios do século XVIII. O desbravador, antes de tudo, fincava a cruz na terra conquistada, marcando a propriedade e ao mesmo tempo lançando as bases da futura capela. Feito isso, sentia-se livre para escravizar o índio, chicotear o negro e, se preciso, assassinar o próximo para defender o seu filão de ouro e suas jazidas. O requinte das construções religiosas tinha duplo sentido: mais do que servir a Deus, os homens serviam à própria vaidade e riqueza.*
> *E nem se poderia culpar o clero por essa conduta, porque a Coroa proibia as ordens religiosas e o Papa só permitia irmandades e confrarias. Desse modo, nas igrejas e na sociedade, tudo era festa: à missa cantada, ao Te Deum glorioso, sucediam o sarau, a tertúlia. A procissão era precedida pelos folguedos populares, pelas encenações teatrais nas ruas em palcos improvisados. Foi assim em 1733, em Ouro Preto, quando se transladou o Santíssimo da Igreja do Rosário para a nova Igreja do Pilar, num cortejo que acabou denominado Triunfo Eucarístico. Foi a maior festa barroca que a América presenciou naquele século [...] Só alegorias eram 12, ornamentadas com ouro, prata, diamantes e brocados importados. [...]*
> *A sociedade mineira do século XVIII fincou raízes no ritual e nas ritualísticas que são as festas religiosas, como ritualístico é o Carnaval com motivos e finalidades*







diferentes. As cidades históricas herdaram esse traço setecentista e estamos, ainda hoje, atavicamente presos ao fascínio do ritual. Somos um povo festeiro, cheio de fé quando os sinos chamam para o Ofício das Trevas e cheio de ardor quando as baterias convocam para o ensaio das escolas e blocos carnavalescos. É que, apesar de tudo, de toda a demolição que durante anos vem sendo praticada, consciente ou inconscientemente, nesta cidade, somos barrocos. O rito é nossa maneira de ser. Ainda bem.[99]

Portanto, resultado dessa visão de mundo que se traduziu nesse território em uma estética da representação, o barroco se concretizou em experiências de sentidos visuais, sonoros, olfativos:

Em vários momentos do texto, Simão Ferreira Machado se viu impossibilitado de descrever em palavras efeitos que eram olfativos, como "[...] sentia-se nos ares a fragrância de aromas", expressão utilizada para narrar a decoração das ruas cobertas de flores primaveris, trazendo para a cidade "a verde amenidade dos campos", ou sonoros ao relatar a evolução de um gaiteiro, "[...] que por singular fábrica do instrumento e boa agilidade da arte fazia uma agradável consonância [...]"; ou visuais ao falar das janelas, onde "[...] correu por conta das sedas e damascos, uma varia e agradável perspectiva para a vista, empenhada competência de preciosidade e artifício [...]" [...] Ao tentar colocar em palavras aquilo que viu, o autor foi forçado a reconhecer que a percepção da realidade era uma experiência individual e dificultava a universalização das impressões. [...] A estética barroca presidia os eventos: jogo do ilusório; dos contrastes entre a luz e a sombra, entre o céu e a terra, o profano e o religioso.[100]

É comum dar destaque às representações visuais numa sociedade iletrada. Mas, como pudemos observar, há também muitas referências à sonoridade, efeito e recurso muito utilizado nas ocasiões de festas e procissões, como podemos continuar observando pelo texto da professora Junia Furtado:

[...] A estética barroca criava todo um cenário audiovisual, onde o ilusório e o inesperado estavam sempre presentes, isto explica o uso constante de estampidos, tambores, apitos, clarins, trombetas, tiros de mosquete. No Triunfo Eucarístico, um grupo de músicos abria o desfile e no meio iam um gaiteiro, um moleque tocando tambor e quatro negros tocando trombetas. Na missa de exéquias de D. João V em São João del-Rei, o clima fúnebre e algo etéreo, num tempo suspenso entre a vida e a morte, foi criado na Igreja, por dois coros, dois rabecões e um cravo. Outro aspecto fundamental destas festas eram os dias de iluminação que precediam o evento, quando as casas e os prédios públicos se cobriam de lamparinas de azeites e balões colocados nas fachadas, clareando

PÁGINA AO LADO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA
FOTO DIURNA DO TAPETE DECORADO PARA A SEMANA SANTA EM FRENTE À IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, E FOTO NOTURNA DO TAPETE DECORADO PARA A PROCISSÃO, SÃO JOÃO DEL-REI
FOTOS: JOÃO RAMALHO NETO, 2009.

TAPETE NO TRAJETO DA PROCISSÃO DA SEMANA SANTA, DIAMANTINA.
FOTO: DJALMA CORRÊA, 2007.

DIREITA
TORRE DA MATRIZ DE SANTO ANTÔNIO, TIRADENTES.
FOTO: RICARDO DOS SANTOS GONÇALVES, 2008.



> *a noite. [...] Um outro ambiente se estabelecia no arraial, com uma outra ordem a imperar, uma luz diáfana, que aproximava o céu e distanciava o cotidiano dos homens, [...]. Então começava um outro tempo que era o de festa, o da algazarra e da folia. Durante os festejos do Triunfo Eucarístico, a claridade da noite somada ao som artificial dos sinos, da música e das danças criava uma experiência tão alheia à natureza, parecendo o "juízo comunicado do céu".*[101]

Essa mesma autora destaca a questão da sonoridade, inclusive sineira no relato elaborado por cronista anônimo quando da instalação do Bispado de Mariana, em 1748:

> *Durante os preparativos dos festejos do Áureo Trono Episcopal notou-se o uso de repiques de sino e concertos de música, para aumentar ainda mais a publicidade do evento.*[102]

Para a população das cidades inventariadas, não há festa ou procissão sem o toque de sinos. Da mesma forma, nas cidades onde não há sineiros oficiais, a força dessa tradição pode ser comprovada. Antigos sineiros, sineiros de ocasião se prestam à tarefa. Festa sem toque de sinos não é festa.

Portanto, uma imbricada trama que envolve a história de gerações sucessivas nesse território conformaram identidades que se reconhecem por meio dessa forma de expressão.

Essa expressão tanto mais repercute quanto maior o enraizamento dos sodalícios na vida daquelas comunidades, da arte expressa na musicalidade de gerações e gerações de músicos, seresteiros, tocadores de caixas, sineiros, do barroco como ritualística que dá sentido a esse mundo. ■



O BEM CULTURAL COMO OBJETO DE REGISTRO

SINEIRO JOSÉ LUIZ DE MORAES NA TORRE DA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, CATAS ALTAS.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

Quase todos os negros tinham ido para o terreiro. Os tambores agora batiam forte, acompanhados pelos chocalhos e os agogôs.
Josué Montello

A observação direta da vida cotidiana e as entrevistas realizadas com moradores das nove cidades pesquisadas permitem apresentar um retrato das reais condições em que nelas se encontram o toque dos sinos e o ofício de sineiros, no momento de receberem o Registro de Patrimônio Imaterial Brasileiro. É um quadro que apresenta diferenças, para mais ou para menos, quanto ao enraizamento das práticas sineiras na vida comunitária e quanto às perspectivas de que permaneçam como referência de identidade para mineiros de todas as gerações, seja por motivos devocionais, artísticos, lúdicos ou profissionais. Em cidades como Catas Altas, Sabará e Serro, a memória bastante presente dos sineiros antigos demonstra que a atividade foi intensa até pouco tempo atrás, necessitando agora de estímulos e cuidados para não perder ainda mais força e até desaparecer.

Hoje, o panorama das cidades se apresenta da seguinte forma: em **Catas Altas**, há apenas uma senhora que toca os sinos regularmente, na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, desde que seu marido, Antônio Luciano Batista, antigo sineiro dessa igreja, adoeceu. Apesar de ser paga para tocar, ela não domina o ofício. Nessa cidade, há toques de chamada para as missas, toques para as procissões, toque de Ângelus e os toques fúnebres. O fato de a cidade pagar alguém para tocar é indicativo da permanência da função comunicativa do toque dos sinos e do reconhecimento de que se trata de um trabalho. Moradores lembram que os sinos de Geraldo Ciriaco de Morais, conhecido como seu Didico, e de seu pai,

ALTO
SINEIRO CHARRUA.
FOTO: ACERVO TÉCNICO IPHAN.

BAIXO
SINEIRO JOSÉ OLÍMPIO.
FOTO: ACERVO TÉCNICO IPHAN, 2009.





Constantino Jorge de Morais, antigo zelador da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e funcionário do Iphan, só faltavam falar. Houve também o Tico (Francisco) e Antônio Luciano Batista, este último aprendeu o ofício com Geraldo Rodrigues e o sucedeu nos sinos da Igreja Matriz.

No **Serro**, José Olímpio de Moura e seu irmão, Joaquim Visitador de Moura, conhecido como Joaquim Charrua, são muito lembrados. O primeiro foi coroinha e desde criança tocava os sinos. Era funcionário do Iphan e trabalhou como zelador da Casa dos Otoni por muitos anos. Cuidava da Igreja do Senhor Bom Jesus do Matosinhos, onde tocava os sinos todos os dias. Mas tocava também nas festas, procissões, novenas, nas outras igrejas. Os serranos dizem que ele passava horas nas torres, tocando. Joaquim Charrua tocava caixa e dançava na Guarda de Caboclo, nas Festas do Rosário, e tocava os sinos da Igreja do Rosário. Morreu há cerca de um ano.
A comunidade lembra-se também de Geraldo Ferreira, conhecido por Parroco, que era, como Charrua, caboclo dançante na Festa do Rosário; de Figico, ex-sacristão da Igreja da Matriz; de Geraldo Tadim e Vicente de Bela. Segundo os serranos, havia nos toques dos sineiros antigos uma beleza que não ressoa nos sinos de hoje.

Em **Sabará** são muito lembrados Jorge Luís Borges, antigo sineiro do Carmo; Henrique Alexandrino, Bilinho (Abel), que era zelador da Igreja de Nossa Senhora das Mercês, Zidurinho, sineiro e sacristão da Igreja do Carmo, e Juca Gaiolão, outro sineiro da Igreja do Carmo, que fazia parte da Banda Santa Cecília. A Igreja de Nossa Senhora do Ó teve um zelador e sineiro durante muitos anos, também bastante conhecido da comunidade vizinha, Evergisto Rafael Arcanjo, que ainda foi possível entrevistar.

É importante ressaltar que a existência de moradores que aprenderam os toques com os sineiros antigos, mesmo que esses toques não tenham regularidade, assegura ainda a possibilidade de se conservá-los, pelo menos como registro de memória.



VISTA PARCIAL DA IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO, SABARÁ.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007.

Tanto no Serro como em Sabará, houve reunião para discussão desta pesquisa. As reuniões contaram com pronunciado interesse dos sineiros, zeladores e responsáveis pelas igrejas, líderes comunitários, entre outros. Os encontros tiveram por objetivo compartilhar opiniões sobre a possibilidade de registro do toque de sinos como patrimônio cultural e sobre as propostas de salvaguarda para seu fortalecimento. Em Sabará, um dos grandes problemas apontados pela comunidade foi o estado de conservação dos sinos e das torres. Na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, a única que tem um sineiro de fato, há problemas como rachaduras de sinos e precariedade na estrutura de sustentação de outros. Na Igreja de Nossa Senhora das Mercês, foi necessário improvisar um badalo. Há dois sinos dispostos na entrada da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, porque as torres não têm condições de abrigá-los.

Ao longo das pesquisas no Serro e em **Diamantina**, a menção a certos sineiros da região nos conduziu a dois distritos do Serro: São Gonçalo do Rio das Pedras e Milho Verde. Em São Gonçalo, apenas uma das duas igrejas tem bons sinos, a Igreja Matriz de São Gonçalo. Na outra, a Capela do Rosário, os sinos estão rachados. Mas, apesar disso, há várias pessoas que tocam sinos, sobretudo entre os mais jovens, e os toques são regulares na Matriz. Em Milho Verde, a atividade sineira é intensa. Lá está um grande tocador de sinos, o Vavá, tão bom sineiro quanto caixeiro das guardas de Marujos e de Catopês. É considerado um mestre dos sinos e é referência

VISTA DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, DIAMANTINA.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007.



para sineiros das regiões vizinhas. Outro sineiro importante, ao lado de Vavá, é Geraldo Miúdo. Vavá é sineiro regular de uma das duas igrejas do lugar, a Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres; Miúdo, da outra, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário (apesar da precariedade da torre o colocar muitas vezes em apuros). Há outros sineiros em Milho Verde, entre os mais velhos e mais jovens.
A preocupação com a formação de novos sineiros não se coloca. A comunidade se preocupa é com a situação dos sinos da Matriz que ficam do lado de fora e podem ser roubados, como já aconteceu com imagens da igreja.

Note-se, portanto, que apesar de no Serro a tradição sineira estar em declínio, ela permanece vigorosa pelo menos em dois de seus distritos. Uma pesquisa mais aprofundada sobre os sinos na





DA ESQUERDA PARA A DIREITA
SENHOR NELSON, CATOPÊS EM SERRO.
FOTO: CRISTINA LEME, 2009.

DETALHE DE MÃO SEGURANDO A CORDA PARA O TOQUE DO SINO, NA IGREJA DE SANTA EFIGÊNIA, OURO PRETO.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

cidade do Serro deve considerar essas localidades. As trocas entre elas devem ser analisadas. Lembremos, por exemplo, que a Festa do Rosário do Serro recebe as Guardas de Marujos e Catopês de Milho Verde, há anos. Observe-se que há no Serro sineiros que tocam os sinos usando diretamente as mãos para puxar os badalos, da mesma forma que em São Gonçalo e Milho Verde – e diferentemente de Diamantina, por exemplo, onde os badalos são puxados por cordas.

Em Diamantina, há um caso especialmente interessante. Lá, a atividade sineira está em movimento ascendente, depois de um período de declínio. Em todas as igrejas do centro histórico, com exceção da de Nossa Senhora das Mercês, há tocadores de sinos habituais para os toques cotidianos, mas a condição desses sineiros é diversa. Na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, mantida pela Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, um funcionário responsável pelos serviços de atendimento ao público, o estudante de história Flávio Rodrigues Leite, que também desempenhava a tarefa de sacristão, vem se ocupando dos sinos regularmente há sete anos. Da mesma forma, vem tomando lições do ex-sacristão e mestre sineiro Antônio Maria de Sousa, a quem substituiu.

Há também os sineiros de ocasião. Esses comparecem empenhadamente nas festas de santos ou outros eventos especiais. Os mais frequentes são Erildo e Erivaldo do Nascimento, filhos de Geraldo Ribeiro de Jesus, e o companheiro de infância, Takim Papaspyrou, filho de gregos, nascido em Diamantina. Os três aprenderam a tocar sinos quando crianças com Antônio Maria de Sousa, então sacristão das igrejas do Rosário e do Carmo, e o reconhecem como o grande mestre sineiro da cidade, que conhece os toques da abundante geração de sineiros do passado e opera com maestria os sinos de hoje. Preocupados com a preservação da tradição, eles se movimentam para incentivar e ensinar os toques aos jovens interessados.

Para Erildo, Erivaldo e Takim, Antônio Maria representa o elo entre eles, mais jovens, e os sineiros das gerações passadas. Havia muitos: Isolino, da Catedral, que batia sino muito bem; antes dele, o Zé da Sé; e antes do Zé da Sé, o Zé Rolim. Houve também o Zé Ângelo, o Zé Boi, o Júlio de Paula Jorge, sacristão da Igreja de São Francisco por 60 anos (como comprovam os livros da Ordem Terceira de São Francisco), Gil Neves e Henrique Neves (a família Neves tinha muitos

DIREITA
SINEIRO ERILDO, DIAMANTINA.
FOTO: DJALMA CORRÊA, 2007.

PÁGINA AO LADO
CAMPANHA "SINO CIDADÃO", PUBLICADA NO JORNAL VOZ DE DIAMANTINA, DIAMANTINA.
FOTO: CRISTINA LEME, 2008.



sineiros), que tomavam conta da Igreja do Bonfim. José Paulo, da Igreja de São Francisco, lembra-se que "havia uma plêiade de rapazes que queriam tocar sinos e faziam disputas para ver quem tocava melhor, mais bonito". Mas se lembra, especialmente, de Raimundo Cego (morto há cerca de 40 anos), sineiro do Seminário, que ouvia da casa de seu avô, durante as férias em Diamantina: "toda a cidade reconhecia seus toques, tão luminosos que eram [...]. Ele tocava os sinos como um pianista toca um piano." Raimundo era cego e subia uma escada de mais de 70 degraus para tocar os sinos. José Paulo diz que os toques desses sineiros são preservados ainda hoje, não com tanta beleza, tanto detalhe como faziam, mas "o básico ainda se mantém"[103].

Dos três sineiros de ocasião, ex-alunos de Antônio Maria, dois, Erildo e Takim, são professores de história. Também seu aprendiz Flávio, que o substituiu como sacristão na Igreja do Carmo, é estudante de história. Erildo, além de professor, é diretor do Centro de Educação Integrada, membro da Academia de Letras e Artes de Diamantina, funcionário licenciado do Iphan e forte liderança na cidade. Junto do editor do jornal *Voz de Diamantina*, da Academia de Letras e Artes, e da Associação dos Diamantinenses Residentes em Belo Horizonte, ele lançou a campanha Sino Cidadão, que conta com o apoio da Arquidiocese de Diamantina, da Paróquia de Santo Antônio, das Ordens Terceiras, das comissões de zeladores das igrejas e da Associação do Pão de Santo Antônio. A campanha tem como objetivo principal arrecadar recursos para a fundição de uma réplica do sino maior da Catedral Metropolitana de Santo Antônio, que está rachado, e "promover ações para a dinamização da cultura sineira de Diamantina"[104]. Dentre outros objetivos listados no projeto da campanha, pode-se ler também: "Conscientizar a população diamantinense para que se torne a principal guardiã de sua cultura"; "Resgatar a história da cultura sineira de Diamantina [...]", "Promover apresentações dos toques de sinos em concertos musicais, agregando as demais artes a eles inerentes". O interesse da população pelo assunto se fez perceber no fato de já se terem levantado, sob a forma de contribuições espontâneas dos diamantinenses, quase 70 mil reais – o que, segundo Erildo, já é suficiente para a substituição de todos os sinos rachados na cidade – alternativa, em princípio, preferida à sua refundição.



É curioso que os sinos tenham suscitado interesse renovado em Diamantina, em grande parte, em torno de seu valor como patrimônio cultural, histórico e artístico. Vale destacar que o funcionário da Igreja do Carmo, Flávio, estudante de história, preparou sua monografia de final de curso sobre os toques de sinos na Diamantina do início do século XX, e Antônio Maria, hoje cursando turismo no Centro de Educação Integrada, prepara também trabalho acadêmico sobre os toques de sinos na cidade. José Paulo (que foi funcionário do Iphan por alguns anos) fala da importância das ações do Patrimônio em torno dos toques de sinos como complementação das políticas de preservação das igrejas. O interesse pelos sinos ganhou força após a pesquisa e exibição do documentário *Entoados*, sobre os sinos em Minas Gerais, do qual, aliás, todos os sineiros identificados têm uma cópia. A influência incontestável da movimentação em torno do patrimônio histórico e artístico, já há algumas décadas, e da valorização crescente da diversidade cultural no mundo contemporâneo, bem como das políticas públicas em torno disso é pronunciadamente forte em



Diamantina e determinante na trajetória dessa comunidade. Há que se considerar esse aspecto na valorização dos toques dos sinos por parte da população.

O vínculo entre sinos e música explicita bem o entendimento da população de que os toques guardam um aspecto musical. São comuns entre os sineiros da cidade (assim como em São João del-Rei) as analogias entre os sinos e as baterias de escolas de samba. É importante lembrar que Diamantina (assim como São João del-Rei, que veremos a seguir) é uma cidade especialmente musical, de reconhecida fama seresteira, tem várias bandas e instituições de ensino da música. Um dos eventos mais importantes da cidade é a Vesperata, um concerto para ser ouvido das ruas, em que os instrumentistas se organizam nas sacadas dos sobrados e são regidos por um maestro que fica no centro, embaixo, ao ar livre. Talvez o apelo musical dos sinos possa se equiparar, quem sabe, ao religioso.

As festas de santos, em Diamantina, são o lugar privilegiado dos repiques. A movimentação em torno delas é intensa. Os sinos são esperados. O entusiasmo dos sineiros de ocasião se junta ao entusiasmo dos





PAGINA AO LADO
BANDA DE MÚSICA NA PROCISSÃO DE CORPUS CHRISTIE, SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: JOÃO RAMALHO NETO, 2009.

AO LADO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA
BENÇÃO DOS RAMOS NA SEMANA SANTA, EM FRENTE À IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007.

RETORNO À IGREJA DA PROCISSÃO DE DOMINGO DE RAMOS NA SEMANA SANTA, SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: JOÃO RAMALHO NETO, 2009.

outros sineiros. Eles arregimentam os meninos aprendizes e o grande grupo se organiza em duplas que irão tocar em cada uma das igrejas, num arranjo articulado entre as torres, que conversam entre si, umas respondendo às outras, "como uma sinfonia de sinos" (nos dizeres de José Paulo).
A motivação lúdica dos sineiros – ao lado da religiosa, maior em uns que em outros – é patente. Os toques sinalizam o início e final das missas, a saída e chegada das procissões e a sua passagem pelas igrejas. Eles se articulam com os sons dos fogos de artifício, a música das bandas, das marujadas, corais, compondo a ambiência sonora desses eventos.

Há, entre os sineiros, quem não se lembre de já ter ouvido o toque de incêndio – talvez porque os incêndios estejam raros.
Mas Geraldo recorda um desenrolar de acontecimentos desencadeados pelo toque de incêndio logo que chegou à cidade e, entre os artigos publicados em torno da campanha Sino Cidadão, há descrições e comentários sobre ele. O toque do Ângelus, que vinha ficando infrequente há uns anos, foi incentivado pelo arcebispo de Diamantina, Dom Paulo Lopes de Faria, e voltou a ser tocado, pelo menos nas igrejas que guardam o Santíssimo, ao meio-dia, às três e seis horas da tarde.

Há em Diamantina considerável liberdade para se criar repiques novos ou para tirar de improviso um repique qualquer, no calor da hora. Todos para as mesmas ocasiões: missas e festas.
A população, por sua vez, já absorveu essas possibilidades de variação, e (pelo menos parte dela) sabe diferenciar, de forma mais ampla, as pancadas regulares e mais lentas, de um lado, e os repiques, que anunciam as missas ou os movimentos das festas, do outro.

Há ainda os toques do sino relógio, ativados por um dispositivo mecânico, que marcam as horas do dia, na Igreja de São Francisco. Outros toques, usados no passado, já não são mais tocados, como os toques de parto e de agonia.
No entendimento da comunidade, eles perderam a utilidade, não é mais necessário comunicar tais eventos através dos sinos. Mas a população insiste em querer ouvir os sinos.

Em **Ouro Preto**, a atividade sineira parece manter-se relativamente intensa, apesar dos depoimentos denunciarem certa desorganização – talvez quebras na tradição, seguidas de renovado interesse. As torres são disputadas pelos meninos, que correm de uma igreja a outra para aproveitar todas as chances de tocar os sinos.



ESQUERDA
SINEIRO JOVELINO, OURO PRETO.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

BAIXO
SINEIRO REPICANDO OS SINOS NA IGREJA NOSSA SENHORA DAS MERCÊS, OURO PRETO.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.



Em São João del-Rei, movimento semelhante é conhecido por "via-sacra"; em Ouro Preto, os meninos, por "fominhas". Mas, se em São João del-Rei os meninos vão às torres ajudar os sineiros oficiais, em Ouro Preto não há a figura do sineiro oficial, tudo se passa na base da informalidade.

Em geral, em Ouro Preto, as tarefas de manutenção das igrejas são de responsabilidade de um sacristão ou zelador ligado às irmandades ou ordens terceiras, que as realiza como voluntário. Os toques de sinos fariam parte dessas tarefas, mas é costume deixá-los a cargo dos adolescentes que normalmente aparecem nas igrejas interessados em tocar. Os mais velhos percebem a necessidade dos meninos para a manutenção dos toques e se empenham em incentivá-los, pois a tarefa excede muitas vezes as possibilidades do responsável pela igreja. Juvelino, o grande mestre sineiro do lugar, se lembra de que aprendeu a tocar quando criança: "sineiro é uma coisa que toda criança... quando é criança, acha bonito aquilo e quer ser sineiro. [...] A gente era menino, a gente via as pessoas tocarem sino, a gente queria aprender a tocar sino"[105]. Além de tocar os sinos, os meninos de hoje também costumam conferir seu estado de conservação e comunicá-lo aos responsáveis. Muitos desses meninos tocam nas baterias dos blocos carnavalescos da cidade e todos os que foram entrevistados ressaltam os aspectos musicais dos sinos, a necessidade de se ter, por exemplo, habilidades rítmicas para tocá-los. Alguns percebem qualquer semelhança entre repiques de sinos e a popularíssima batida do Zé Pereira, tocada no carnaval da cidade.

DA ESQUERDA PARA A DIREITA
CRIANÇA DESCENDO A ESCADA DA TORRE, DA IGREJA DE SANTA EFIGÊNIA, OURO PRETO. FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

CRIANÇAS ASPIRANTES A AJUDANTES DE SINEIRO NA JANELA DA TORRE DA IGREJA, SÃO JOÃO DEL-REI. FOTO: CRISTINA LEME, 2007.



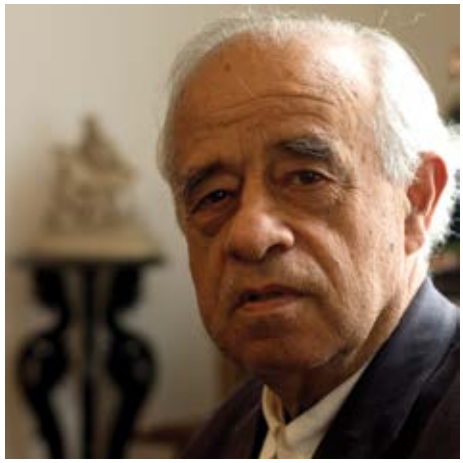


Enfim, os responsáveis pelas igrejas acreditam que, no horário dos sinos, algum dos meninos há de vir; se acontece de falhar, no entanto, eles mesmos por vezes tocam. Ou mandam buscar alguém que faça o favor – muita gente sabe tocar sino na cidade. Em geral, pessoas que tocavam também quando crianças e são chamadas aqui e ali para quebrar um galho ou para assumir cuidados regulares com a igreja, depois de aposentadas. Mas em nenhum desses casos o trabalho de tocar os sinos é remunerado. Toca-se por prazer.

> *[...] O toque de sino é uma coisa que... a pessoa faz aquilo por amor. Porque é gostoso a pessoa tocar o sino. É a mesma coisa de você que mexe com a música, você gosta de mexer com aquilo. Então o sineiro gosta de mexer com aquilo. Então eu fazia aquilo porque eu gostava de fazer...*[106]

Conclui-se que os sinos em Ouro Preto têm ainda aquela função comunicativa original. Mas mesmo os jovens sineiros sabem de seu enfraquecimento nos últimos tempos: "Eu acho que ainda hoje [o sino] é [importante], mas já foi muito mais. Porque o sino era o principal meio de comunicação. Então hoje ainda... assim... muita gente ainda sabe o que é que o sino está passando, mas o pessoal mais jovem não sabe"[107].

Diferentemente de Diamantina, os toques em Ouro Preto têm forma fixa e não se aceita facilmente qualquer novidade nos sinos – embora o desejo e as tentativas de invenção apareçam nas conversas dos mais jovens e singularidades apareçam nas descrições dos toques dos grandes mestres. No entanto, segundo alguns depoimentos, diferenças observadas até recentemente entre repiques das paróquias de Nossa Senhora da Conceição e Santa Efigênia, do lado de Antônio Dias, e da paróquia do Pilar, do outro lado, vêm desaparecendo, já que são os mesmos meninos – em geral, de Antônio Dias – que tocam em todas elas. Fábio César Montanheiro, estudioso do assunto, percebe que do lado de Antônio Dias tocam-se muito mais os sinos que do lado do Pilar. Ele acredita que isso esteja relacionado ao fato de que em Antônio Dias as irmandades sejam mais fortes e garantam aos meninos interessados o acesso às torres[108]. Curioso é que, diferente do que ocorre do lado de Antônio Dias, no Pilar os meninos sineiros recebem uns trocados para tocar sinos. E há, pelo menos na Igreja do Pilar, funcionários da paróquia que devem, na ausência dos meninos, tocar os sinos prescritos.



ESQUERDA
PADRE SIMÕES, PÁROCO DA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DO PILAR, OURO PRETO.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

BAIXO
SINO DA IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO PILAR, COM VISTA DO CASARIO AO FUNDO, OURO PRETO.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

A atenção de alguns dos padres aos sinos é sintomática. José Feliciano da Costa Simões, o padre Simões, nascido em Ouro Preto, em 1931, pároco de Nossa Senhora do Pilar, expressiva força política na cidade, é grande defensor das tradições ouro-pretanas e se preocupa, especialmente, com a preservação do patrimônio histórico e artístico. Já no princípio de sua vida eclesiástica, ele trabalhou na coordenação de arte da paróquia do Pilar e foi posteriormente professor de história e de arte do Colégio Arquidiocesano. Movendo-se nesse universo, ele desenvolveu, junto com o professor Tarquínio José de Oliveira, um amplo trabalho sobre diversos aspectos dos sinos em Ouro Preto e contribuiu com as pesquisas de Curt Lange sobre o tema.

Padre Simões, segundo seu depoimento, aprendeu a tocar os sinos há muitos anos, e tocava muitas vezes em dupla com grandes sineiros do passado.

Também o padre Geraldo Barbosa, pároco de Nossa Senhora da Conceição, desde 2001, prestou bastante atenção aos sinos quando chegou à cidade. Mas, nesse caso, mirando-os sob outra perspectiva, de atrair os jovens para a doutrina da Igreja.

> *[...] Uma coisa que me chamou a atenção quando cheguei a Ouro Preto é a vontade dos meninos de tocar os sinos. [...] Então, as crianças, elas brigam para ver qual delas vai ter... vai ser escalada para tocar os sinos. E a gente fica [um bocado] preocupado, porque é uma responsabilidade muito grande: o tamanho dos sinos, o badalo... [...] E a gente fala: "olha, mais importante do que ficar tocando o sino lá na igreja, é participar também da missa,*



porque se vocês ficam do lado de fora da igreja, isso aí não está agradando a Deus. Deus quer também uma criança interessada em rezar, em crescer espiritualmente". E essa deve ser a nossa preocupação como padres. As famílias também, de mostrar que os sinos existem para comunicar uma realidade maior. E não ficar simplesmente como um entretenimento, como uma curiosidade. Talvez aproveitar a curiosidade da criança, do adolescente, mas para desenvolver um valor maior.[109]

As famílias ouro-pretanas são muito religiosas. A existência de várias irmandades na cidade confirma isso. Grande parte dos meninos sineiros da atualidade já foi, ao contrário de Diamantina, coroinha e, nos depoimentos dos jovens sineiros, está presente a associação dos sinos à fé católica. "Do mesmo jeito que eu subo [à torre para tocar os sinos] rezando, eu desço rezando"[110] , diz Marcelo Eduardo Soares. Sua mãe, que também toca sino, explica que o sino "é a alma da igreja"[111]. Ouve-se que os sinos são a voz de Deus. E efetivamente os sinos tocam quase sempre apenas para os eventos religiosos. De qualquer forma, há também os sinos para eventos extrarreligiosos.

Conta-se que, no passado, os sinos tocavam para a posse de governadores. Houve dobres tristes na mudança da capital para Belo Horizonte. Os sinos tocavam quando havia incêndio e também para anunciar as horas do dia. Há alguns anos, quando a Igreja do Pilar foi roubada, o padre Simões mandou que se tocassem os sinos. Desde então, todos os anos, os sinos dobram no aniversário do roubo do Pilar.

Assim, é pertinente afirmar que, para além de sua função comunicativa e ao lado de sua expressão religiosa, os sinos têm outros sentidos bastante relevantes para a população de Ouro Preto. Como em Diamantina, as dimensões lúdica, estética e musical são fortes na antiga capital de Minas Gerais. Para os ouro-pretanos, o peso das questões relativas ao patrimônio histórico e artístico, na cidade, é considerável.

Em **Mariana,** os toques dos sinos se restringem a apenas uma ou outra igreja e a algumas ocasiões especiais, sendo a referência mais forte, segundo entrevistados, o Toque de Entrada para as missas. É um toque simples, composto de badaladas espaçadas a intervalos regulares, tocado em geral ao pé das escadas que levam às torres, por meio de uma corda que desce até o piso das igrejas. O Toque de Entrada praticamente



IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, MARIANA.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

substituiu os repiques de Chamada para Missas que, antigamente, o antecediam. Algumas vezes há repique para chamar para missas na Igreja de Nossa Senhora das Mercês. Na Igreja do Rosário toca-se regularmente. É a que mais preserva a tradição dos toques. O Toque Fúnebre atualmente só é realizado na Igreja do Rosário e na de São Pedro. Na Sé não se toca sino nas novenas – não há sineiro na Sé. Nas novenas só se toca sino na Igreja de São Francisco. Nela, Antônio Manuel Pacheco Filho, o Pacheco, ministro da Ordem Terceira de São Francisco e antigo sineiro, paga alguém para tocar em seu lugar. Na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, o antigo sineiro é o zelador da igreja, João Nicolau de Castro, que conta com a ajuda de jovens aprendizes. O toque do Ângelus não acontece mais. Mas nas festas religiosas os sinos sempre foram e continuam sendo tocados.

Alguns toques já extintos sobrevivem, entretanto, na memória dos mais velhos. São eles: o Toque do Ângelus, que chamava os fiéis à reflexão, relembrando a Anunciação do Anjo à Maria; o Toque da Ave-Maria, que era realizado na Igreja de São Pedro, em festividades diversas, e que evocava uma saudação à Maria; e o Toque de Penitência, para procissões em que saía o Santo Lenho. Digno de nota é o esforço de registro de um antigo morador, o pai do ex-sineiro Frederico Ozanan Teixeira Santos, irmão da Ordem de São Francisco que, segundo Frederico Ozanan, publicou uma descrição dos toques de sinos da cidade.

No passado marianense, tocar os sinos fazia parte dos serviços de coroinha. Hoje, os toques que

DA ESQUERDA PARA A DIREITA
IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, CONGONHAS DO CAMPO.
FOTO: CRISTINA LEMOS, 2009.

IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, CONGONHAS DO CAMPO.
FOTO: CRISTINA LEME, 2009.





persistem se devem ao esforço dos antigos sineiros ou de outros moradores ligados às igrejas que às vezes pagam do próprio bolso para alguém tocar, a fim de preservar a tradição. Mas, nas festas, as comissões festeiras, compostas por representantes da comunidade devota, tomam providências para garantir os toques dos sinos.

Alguns padres também se preocupam em preservar a tradição dos sinos. Mas há, por outro lado, depoimentos que acusam os clérigos como agentes de enfraquecimento da tradição. O ex-sineiro Frederico Ozanan afirma (e conta que chegou a escrever isso em seu jornal *Folha Marianense*) que certos padres, se pudessem, acabariam com as tradições religiosas de Mariana. E assim também com os toques de sinos. Segundo Pacheco, o fato de os sinos da Sé hoje não serem tocados se deve, ao menos em parte, ao desinteresse do pároco. João Nicolau de Castro afirma que há quem reclame dos toques e às vezes é o próprio padre.

Por fim, ainda que precariamente, a comunidade se esforça por manter os sinos tocando. Mesmo a manutenção física dos sinos, nos casos mais simples, é providenciada pela comunidade; há algumas pessoas habilitadas que o fazem como voluntários. Mas parece fora de dúvida que a atividade sineira em Mariana declina. De qualquer maneira, os sinos ainda compõem a paisagem sonora da cidade.

Congonhas é um caso muito particular. Os toques cotidianos não podem absolutamente faltar – e soam muitas vezes por dia. Mas as diferenciações entre eles praticamente se acabaram e não há nenhum rigor quanto à sua forma sonora. Na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, na de Nossa Senhora do Rosário e na Basílica existem funcionários contratados, pela Paróquia ou pela Reitoria, que têm dentre as suas obrigações a tarefa de tocar os sinos, mas não é preciso ciência para desempenhá-la. Na Igreja São José, também se toca com simplicidade, na base das badaladas espaçadas, mas são voluntários que cuidam dos sinos.

A única regra que se deve cumprir é observar os horários previstos para os toques. A população se fia nisso. Há quem perca a hora para o trabalho se os sinos tocam atrasados. Os toques de Ângelus, às seis da manhã, meio-dia e seis da tarde, acontecem, invariavelmente, todos os dias, na Matriz e na Basílica. Uma hora, meia hora e quinze minutos antes de cada missa em cada uma dessas igrejas, tocam-se os sinos, anunciando. E toca-se também

nas igrejas de São José e de Nossa Senhora do Rosário. Quando não há festas ou celebrações especiais, há 19 missas por semana no conjunto das igrejas, totalizando 57 toques por semana.

Nas festas, os toques se multiplicam. Tal como nas outras cidades, eles acompanham o movimento das procissões, sua saída e sua chegada às igrejas. Esse trajeto se desenvolve entre elas, que ficam próximas umas das outras. Da Basílica, situada na parte mais alta da cidade, se vê, de frente, a Igreja Matriz e, entre uma e outra, localiza-se a Igreja de São José. A Igreja do Rosário, próxima à Igreja Matriz, mas um pouco mais distante da Igreja de São José e da Basílica, fica normalmente fora do circuito e só recebe procissões nas festas por ela sediadas.
Entre as igrejas, as ruas e avenidas são bastante movimentadas, com trânsito intenso de automóveis. Mas os sons dos sinos, pelo menos da Matriz e da Basílica, são audíveis de muitos pontos da cidade. Assim mesmo, não há nas festas um diálogo entre torres, tal como foi observado nas cidades de Diamantina e São João del-Rei.

O toque que a cidade procura manter mais bem caracterizado é o toque fúnebre. Ainda que não haja mais as diferenciações entre fúnebres para homens, mulheres, crianças ou outros. No entanto, é possível que esses toques saiam bem diferentes uns dos outros, muitas das vezes – na capela do cemitério, qualquer dos presentes pode se prestar à tarefa. Isso, como também a presença de um sino, instalado precariamente na capela do cemitério, parece confirmar a afirmação de muitos de que o toque fúnebre é necessário. Além do cemitério, toca-se fúnebre também



na Igreja Matriz, desde que o morto passe por lá antes de ser enterrado.

Mas repiques mesmo, até onde foi possível investigar, só quem sabe fazer é o sineiro Antônio Rabelo Araújo, o mais antigo da cidade, sacristão da Igreja Matriz há 37 anos, o único que aprendeu o ofício com outros sineiros do passado, mais velhos que ele. Antônio distingue cinco toques: os repiques - para festas e missas;

PÁGINA AO LADO
IGREJA BASÍLICA DO SENHOR DO BOM JESUS DE MATOZINHOS, CONGONHAS DO CAMPO.
FOTO: CRISTINA LEME, 2009.

BAIXO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA
SINEIRO ANTÔNIO DA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, CONGONHAS DO CAMPO.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007

ZELADORA DONA IFIGÊNIA, DA IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, CONGONHAS DO CAMPO.
FOTO: CRISTINA LEME, 2009.





os toques de entrada para as missas – o último toque antes do início da celebração, que indica que o padre já chegou; o toque do Ângelus; o toque fúnebre; e o dobre da Semana Santa – para os momentos solenes da celebração, em oposição aos repiques. Durante seus anos como sacristão da Igreja Matriz, ele ganhou bastante habilidade como sineiro, bem como foi imprimindo aos toques que aprendera traços pessoais, guiando-se por seu próprio gosto e pelos comentários dos ouvintes – provavelmente como a maioria dos mestres sineiros, depois de alcançar domínio do ofício e reconhecimento como autoridade no assunto.

Recentemente, Antônio sofreu um derrame e perdeu as condições de subir às torres da igreja. Ele chegara a ensinar alguma coisa aos meninos que se interessaram pelos sinos, mas não o suficiente para que algum o pudesse substituir. A doença de Antônio parece colocar termo às formas tradicionais dos toques. Alguns vizinhos da Matriz reclamam que agora não ouvirão mais "os sambinhas do seu Antônio". Mas o ato de tocar e o som dos sinos agora, praticamente, apenas sob a forma de badaladas simples, se mantêm firmes na cidade.

Por outro lado, a cidade parece aceitar bem a invenção de novidades. Na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, a zeladora atual, Ifigênia Marques, responsável por tocar os sinos, afirmou ter criado um novo toque para avisos de missas. Também toca para as ocasiões fúnebres e para as chegadas e saídas das procissões. Ela usa o sino de modo singular. Explica que incrementou os



toques para que a comunidade possa diferenciar os sinais e entender o que se passa na igreja.

Apesar das zeladoras da Igreja do Rosário, Ifigênia, e da Igreja Matriz, Conceição – como também o sacristão e mestre sineiro Antônio –, cuidarem dos templos como funcionários, a relação é fundamentalmente de afeto. O empenho e o gosto pelos sons dos sinos vêm desses servidores devotos e da comunidade, mais que dos padres contratantes. O pároco João Afonso Chagas disse que sinos não têm nenhuma importância para os rituais católicos, são importantes para a população, como tradição popular.

Após estudar o tema dos sinos em todas essas cidades, **São João del-Rei** e destaca de fato como um caso à parte. O ofício de sineiro é previsto dentre as atividades regulares de todas as igrejas, pelo menos as do centro histórico. Em todas elas, há um funcionário, auxiliar de serviços gerais ou sacristão, com carteira assinada, cujo contrato inclui, como uma das tarefas mais relevantes, tocar, regularmente, os sinos.

Para exercer profissionalmente tal ofício, o sineiro deve conhecer bem cada um dos toques e cada uma das ocasiões em que devem

PÁGINA AO LADO
CRIANÇAS EM PROCISSÃO AO LONGO DOS TAPETES DECORADOS DURANTE A SEMANA SANTA, SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: JOÃO RAMALHO NETO, 2009.

AO LADO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA
CRIANÇAS EM PROCISSÃO NA SEMANA SANTA, SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: JOÃO RAMALHO NETO, 2009.

CRIANÇAS EM PROCISSÃO ACOMPANHANDO IMAGEM DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: JOÃO RAMALHO NETO, 2009.





ser realizados, pois é essencial realizar o toque certo na ocasião adequada. Há mais de 40 toques, todos muito bem definidos em sua forma sonora, não sendo permitido realizar toques diferentes dos já estabelecidos. Muito raramente, algum sineiro, e somente um sineiro já consagrado como tal, pode sair com um toque novo, que é acolhido pela comunidade e integrado ao conjunto de toques da cidade. Dentre os quarenta toques de São João del-Rei, há um conjunto de cerca de quatorze repiques, diferentes entre si, e cada qual com configuração rítmica singular, bem determinada e invariável, ainda que se permitam pequenas variações ou ornamentos em sua execução – como peculiaridades do intérprete (sineiro). A função de cada sino na execução dos repiques é bem definida: "o sino pequeno faz a marcação, o sino médio pergunta e o grande responde", nas palavras dos sineiros. Os diferentes toques são formados por agrupamentos de dobres ou pancadas regulares, que se distinguem entre si conforme o seu número, dinâmica e andamento e são, na maior parte dos casos, acompanhados dos repiques. Os diversos toques são articulados de tal forma que uns adjetivem os outros. Por exemplo, um conjunto de repiques significa: "missa"; e pancadas a seguir podem significar: "que será celebrada pelo pároco", ou: "que será celebrada por padre visitante". Os toques e combinações possíveis prestam-se à transmissão de mensagens mais complexas e variadas que nas demais cidades – embora apenas uma parte da população, geralmente os moradores mais velhos, consiga decifrá-las perfeitamente. Formam um conjunto de peças rítmicas e sonoridades que compõem nada menos que um verdadeiro repertório de peças para sinos – assim como há repertórios de peças para piano ou para violão – e constituem, de modo muito peculiar, a paisagem sonora da cidade.

Antes de se tornarem profissionais, os sineiros passam por um longo aprendizado, que geralmente se inicia na infância ou adolescência, com a observação e a prática. Muitos meninos da cidade se interessam pelos sinos e frequentam, regularmente, as torres para ouvir e ver os sineiros já experientes tocarem, com a esperança de obterem permissão para ajudar na tarefa. Muitos se levantam mesmo aos domingos, muito cedo, para correrem às torres com esse intuito. Eles costumam fazer o que na cidade se apelida por "via-sacra": percorrer as várias



NOSSA SENHORA DAS DORES EM PROCISSÃO DURANTE A SEMANA SANTA, SÃO JOÃO DEL-REI. JOÃO RAMALHO NETO, 2009

igrejas em que haverá missas, umas após as outras, aproveitando ao máximo os horários dos toques, para aprender e praticar.
Há também meninos que costumam frequentar as torres somente durante as festas religiosas, quando os sinos são tocados mais vezes e por períodos de tempo mais longos.
Entre os aprendizes, há sempre aqueles que se destacam por sua maior habilidade e os sineiros profissionais, por sua vez, contam com a sua ajuda, já que os toques são tirados em dois, três ou mais sinos. Mas os sineiros experientes são capazes também de tocar três ou quatro sinos ao mesmo tempo sem a ajuda de ninguém, se for necessário.
Os aprendizes mais habilidosos e responsáveis às vezes substituem os sineiros oficiais que, em meio às tarefas da igreja, em certos momentos, têm dificuldades de subir à torre. Assim, eles aprendem os toques, tornam-se conhecidos da comunidade, ganham o respeito dos sineiros experientes e tornam-se aptos para ocupar o cargo.

Os sineiros dizem que é necessário ter bom ouvido para escutar bem todos os sinos.
Há os sinos pequenos, os médios e os grandes, cada um com uma função na estrutura dos repiques. "Quem está tocando um sino tem de ouvir o outro; o sininho faz a marcação, os outros respondem. Se o sininho atrasa, os outros têm de atrasar; se adianta, os outros têm de adiantar – é igual uma bateria".
Os mestres procuram ensinar isso aos meninos na prática e testam sua atenção e sua escuta, pregando-lhes peças. A brincadeira se instaura desde o método de aprendizagem.

Há o caso dos sineiros, para além das suas tarefas costumeiras,

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO EM PROCISSÃO, COM IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS AO FUNDO, SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: JOÃO RAMALHO NETO, 2009.



se organizarem para tocar os sinos só por gosto, às vezes até como campeonatos de sineiros, formando grupos, por exemplo, de mais velhos contra mais jovens ou duplas e trios que gostam de tocar juntos e que se afinam melhor.
Há já instituídos os "combates", entre as Igrejas Carmo, São Francisco e Catedral, no quarto domingo da Quaresma, durante a procissão de Nosso Senhor dos Passos: disputas entre grupos que se distribuem nas torres para medir qual deles permanece girando mais rápido e por mais tempo os sinos, com blefes, inclusive.
Os grupos usam bandeiras vermelha e branca para sinalizar aos rivais a sua disposição. É obrigatório que a Igreja de São Francisco saia na frente, porque é nela que está o sino de Nosso Senhor dos Passos. Houve tempo em que essa brincadeira durava todo o dia; atualmente está limitada, por ordem do bispo, ao máximo de 30 minutos.

As igrejas do centro histórico de São João del-Rei são mantidas por sodalícios religiosos, todos muito bem organizados: Irmandade do Santíssimo Sacramento, Irmandade de São Miguel e Almas, Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte, na Catedral Basílica do Pilar; Confraria de Nossa Senhora do Rosário, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário; Arquiconfraria de Nossa Senhora das Mercês, na Igreja de Nossa Senhora das Mercês; Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, na Igreja de Nossa Senhora do Carmo; Ordem Terceira de São Francisco de Assis, na Igreja de São Francisco de Assis; Confraria de São Gonçalo Garcia, na Igreja de São Gonçalo Garcia. São eles que coordenam as atividades religiosas, cuidam da limpeza, dos reparos e todas as tarefas administrativas. São eles também, a instância responsável pela contratação dos sineiros.

Mas os sineiros desempenham sua função de acordo com os conhecimentos adquiridos com os sineiros antigos, geralmente sem interferências ou correções de terceiros, sejam os membros da direção dos sodalícios, sejam os clérigos. É verdade que o pároco, muito antigo na cidade, Monsenhor Paiva, que conhece bem os toques de sinos, é capaz de perceber se ocorre qualquer erro do sineiro.
Há também um vigário da Paróquia, Padre Ramiro, que gosta dos sinos, procura aprender sobre eles, pergunta sobre toques que ouve pela primeira vez e, às vezes, é até capaz de notar qualquer imprecisão nos toques. No entanto, eles não





chegam a interferir na atividade dos sineiros. Outros clérigos, em geral, não conhecem os toques de sinos. Os membros das mesas das irmandades, confrarias e Ordens Terceiras, muitos deles foram aprendizes de sineiros quando jovens e conhecem bem os toques. Ainda assim, os sineiros profissionais é que são reconhecidos como os grandes conhecedores do tema e têm legitimidade para exercer suas funções com autonomia, decidindo por si mesmos casos particulares acerca dos toques.

As irmandades em São João del-Rei são muito fortes. Uma parte considerável da população é filiada a, pelo menos, uma delas. Todos os sineiros participam de alguma irmandade. Há os que sejam filiados a todas elas. Curioso é que o privilégio do filiado consiste em ter um lugar no cemitério correspondente e ter direito aos dobres fúnebres. Existe, no entanto, a possibilidade, para aquele que não é filiado, de comprar uma sepultura no cemitério de uma igreja; esse tem também direito aos dobres fúnebres, mas parcimoniosamente. Além do salário fixo mensal, é tradição na cidade, nas ocasiões de velórios e enterros, os sineiros receberem uma quantia extra das famílias dos mortos quando se tocam os sinos fúnebres.

As igrejas têm geralmente uma de suas torres equipadas com três ou quatro sinos. Além dessa, há outra com mais um, dois ou três sinos, sendo grandes para comportar muitos sineiros de uma só vez. Em certas ocasiões, principalmente nas festas, elas ficam lotadas de sineiros que se alternam em cada sino, além daqueles que vêm ver, ouvir, aprender e comentar as habilidades de uns e outros. Apesar da seriedade e do respeito religiosos, é irrefutável o aspecto lúdico nas torres. Mas há também, com os meninos, a preocupação e a vigilância por parte dos sineiros responsáveis, por causa dos riscos de acidentes. Os sineiros profissionais têm por obrigação se responsabilizar por tudo o que ocorre nas torres, além de cuidar da manutenção de todos os sinos na igreja em que trabalham.

Já há algum tempo, cada igreja tem sua torre equipada com caixas de som, para orientar os sineiros quanto ao desenrolar das missas, de modo a tocá-los nos momentos certos. No passado, os sineiros com seus ajudantes improvisavam recursos para acertar a hora dos toques. Muitas vezes, os dispositivos imaginados falhavam, os toques vinham fora de hora e há caso de sineiro demitido por fazer soar os sinos na hora errada. Trapalhadas antológicas.

PÁGINA AO LADO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA
CEMITÉRIO EM SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: JOÃO RAMALHO NETO, 2009

TETO DA TORRE DE 3 SINOS DA IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO PILAR, OURO PRETO.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

DIREITA
APRESENTAÇÃO DE CORAL DE FIÉIS DURANTE A SEMANA SANTA, SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: JOÃO RAMALHO NETO, 2009.



São João del-Rei desenvolveu também tecnologia especial para os repiques: um gancho em formato de "S", encaixado na ponta do badalo, permite agilidade e precisão incríveis nos movimentos de percussão imprimidos na campânula dos sinos.

Geralmente, os sinos rachados ou badalos quebrados são rapidamente reparados ou substituídos. Dá-se um jeito, porque a cidade não passa sem eles. No entanto, os problemas de refundição ou substituição não têm ainda uma solução satisfatória. A sonoridade dos sinos é muito relevante para os sineiros e outros moradores, que sabem identificar cada um deles por seu timbre, volume, altura. Muita gente lamenta a transformação do som do sino maior da Igreja de São Francisco de Assis – que consideravam um dos timbres mais bonitos – depois de sua refundição.

Como nas outras cidades, as ocasiões em que mais se tocam os sinos são as festas de santos. Os toques das festas por excelência são os repiques. Não se imagina uma festa em São João del-Rei sem repiques. No centro se ouvem vários sinos ao mesmo tempo. Os sineiros tocam várias vezes durante o dia e a cada vez os sinos são tocados por até cinquenta minutos, ininterruptamente. Muita gente vem às igrejas só para escutar os sinos. Há crianças que dançam ao pé das torres. Nessas festas, organizadas pelas irmandades, com a participação da comunidade de devotos, os cuidados com a manutenção das tradições incluem os sinos tanto quanto as missas cantadas em latim, com coro e orquestra, as bandas, os fogos e as procissões.



ESQUERDA
CELEBRAÇÃO DE MISSA DURANTE A SEMANA SANTA, SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: JOÃO RAMALHO NETO, 2009.

DIREITA
NOSSA SENHORA DO PILAR EM PROCISSÃO, DURANTE A SEMANA SANTA, COM A CATEDRAL BASÍLICA DE NOSSA SENHORA DO PILAR AO FUNDO, SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: JOÃO RAMALHO NETO, 2009.

Os toques para as missas comuns são compostos de muitas partes. Depois da *Chamada de Irmãos* – 40 badaladas espaçadas a intervalo regular, no sino médio – toca-se um toque dividido em três partes: primeiro a *Principiada* – uma espécie de introdução, em que se experimentam os sons de cada um dos três sinos, o pequeno, o médio e o grande. Em seguida, o sineiro pode escolher, conforme seu desejo, um dos oito repiques disponíveis para essas ocasiões. Por último, o repique conclusivo, chamado *Terentena*. Depois de tudo isso, ainda se toca um toque, chamado *Entradinha*, para comunicar se o celebrante será o vigário, o pároco, padre visitante ou bispo. Curioso é imaginar que, para anunciar a missa e quem a celebrará, bastariam a *Chamada de Irmãos* e a *Entradinha*. No entanto, há o toque do meio, de estrutura complexa, com possibilidades de escolha inclusive, entre uma coleção de repiques, do que mais merece a atenção dos sineiros. Para eles, os repiques "são a alma dos sinos"[112].

Segundo o maestro Aluízio Viegas, os repiques de São João del-Rei são peças rítmicas criadas pelos sineiros, muito próximas de nossas danças populares. Os sineiros hoje atuantes na cidade são acordes em dizer que os sinos são como uma bateria de escola de samba. E o percussionista Djalma Corrêa compara a função de cada um dos sinos – os mais agudos e os mais graves – com a função dos instrumentos em uma bateria. Há repiques em São João del-Rei que já no nome confirmam o vínculo com a tradição musical brasileira de matriz africana: Batucada, um, e outro, Batuquinho.

Dentre os moradores mais velhos de São João del-Rei, há quem tenha testemunhado a criação, por um sineiro da geração passada (já falecido), de um dos repiques que hoje integra o repertório de toques: é o *Tencão Atravessado*, criado por Eli Evangelista da Cruz. Aluízio Viegas, que recorda o feito, explica como o toque foi criado, a partir de variações de elementos de um toque já existente, o *Tencão Festivo*. Aluízio afirma ainda que o repique *Senhora é Morta* – usado com exclusividade em uma das festas mais importantes da cidade, a de Nossa Senhora da Boa Morte, e apreciadíssimo pelos sineiros e pela comunidade –, teria sido criado por um escravo, cedido às torres da Catedral do Pilar por seus senhores. Tal afirmação se baseia em documentos da Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte, bem como em depoimentos de um antigo sineiro, já falecido, descendente do criador do ilustríssimo toque. O maestro



explica as relações entre os vários toques, mostrando as variações nos modos de articular elementos semelhantes, chamando atenção para o fato de que, na criação de toques novos, os sineiros levaram em conta os toques já existentes. Ele diz que a cidade não aceita qualquer novidade nos sinos – "tem que fazer sentido pra nós"[113]. E só mesmo um sineiro experiente, respeitado, pode sair com um toque novo.

Há também os sineiros que se tornam inesquecíveis por sua habilidade singular no tocar:

> *Algumas pessoas, ainda vivas, que ouviram o sineiro João Resinga são acordes em dizer que os atuais sineiros não conseguem o que ele conseguia fazer nos toques diários na torre da Matriz do Pilar. O toque do Ângelus das 18 horas no mês de maio era algo que não se consegue descrever com palavras. Ele conseguia fazer uns repiques calmos, dolentes, de baixa intensidade de som e que ele não ensinou a outros como fazer.*[114]

Assim, em São João del-Rei, o sineiro se apresenta como um verdadeiro instrumentista; alguns, intérpretes memoráveis dos toques de sinos, que por vezes, com experiência e maestria na matéria, chegam à criação de novos repiques.



FIEL DURANTE A CELEBRAÇÃO DE MISSA NA SEMANA SANTA, SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: JOÃO RAMALHO NETO, 2009.

Mesmo reconhecendo a condição de excelência em que se encontram as práticas sineiras em São João Del-Rei, é perceptível que há elementos em comum entre as nove cidades inventariadas: seu processo de formação, em torno da atividade mineradora, desenvolvida durante o período colonial; a forte presença da mão de obra escrava, no mesmo período histórico, que veio a se constituir num dos elementos conformadores da sociedade mineira e da expressão dos toques dos sinos. Outro elemento comum às cidades inventariadas, mas não exclusivo, é o estabelecimento de associações religiosas leigas nessas vilas, que se responsabilizavam pelos ofícios litúrgicos oferecidos à população e, dentre esses ofícios, o de tocar os sinos. Deve-se também reconhecer a importância fundamental das irmandades religiosas na manutenção da prática sineira em Minas Gerais, desde sua urbanização precoce no século XVIII. Os estudos deixam claro que nas cidades em que elas atuam e são fortes, como São João del-Rei e Ouro Preto, a preservação de toques antigos e do ofício de sineiro se faz pelo viés da devoção dos irmãos congregados em louvor de um santo. Mesmo assim, nas cidades onde já não há tantas e tão fortes irmandades, pode-se ouvir reverberações e ressonâncias muito significativas das expressões sineiras.

Durante vários momentos da pesquisa, as comunidades das cidades inventariadas se mobilizaram em torno do reconhecimento do toque dos sinos como patrimônio, como se pode ver nos abaixo-assinados que solicitam o Registro, colhidos nas cidades do Serro e de Sabará, em 2007, que constam do processo. A esses se juntaram apoios e anuências ao processo de Registro do Toque dos Sinos, da parte da Associação dos Amigos do Serro (AASER), em 2008, e mais recentemente da Associação das Cidades Históricas de Minas Gerais e de inúmeras instituições públicas e civis de Ouro Preto, também, incorporados aos autos.

Sabe-se que *[...] a relação do toque dos sinos com a população das cidades inventariadas não é, exclusivamente, uma relação de comunicação ou de controle do tempo, como também não o era no mundo de outrora. Se fosse assim, como explicar os dez toques diferentes para comunicar a celebração de uma missa, em São João del-Rei? Apenas um seria suficiente. Esse e outros elementos levam a concluir que a função comunicativa e também a de controle do tempo persistem; contudo, a relação entre essa prática e a comunidade de indivíduos não é mera funcionalidade*.[115]



ALTAR MOR DECORADO COM IMAGENS DE CRISTO E NOSSA SENHORA DO PILAR, SÃO JOÃO DEL-REI. FOTO: JOÃO RAMALHO NETO, 2009.

Em alguns casos, há vários toques que podem ser utilizados numa mesma situação de comunicação, reiterando que a relação das cidades e dos sineiros com os toques dos sinos inclui outras dimensões relacionadas ao reconhecimento de uma forma de expressão que eles consideram seu patrimônio.

O toque dos sinos é expressão reveladora da identidade e da diversidade cultural das cidades inventariadas. Seus habitantes se reconhecem e se distinguem dos habitantes de outras cidades porque atribuem um significado particular ao toque dos sinos, ao repertório dos toques, ao som diferenciado que *plange* de cada um daqueles bronzes, a partir das torres das várias igrejas das suas cidades. As cidades de São João del-Rei e Ouro Preto ainda conservam uma série de toques que existiram em muitas vilas e cidades da América portuguesa e do Brasil. Sua continuidade histórica estabelece, para essas comunidades, uma identidade ímpar, uma vez que elas ainda são capazes de decodificar os toques dos sinos.

Ainda de acordo com o parecer técnico do DPI, o pedido de Registro do Toque dos Sinos apresentado pelas cidades inventariadas, expressa um sentido de pertencimento a uma paisagem sonora que lhes atribui uma especificidade, ao tempo que os insere nos processos de construção de uma identidade cultural brasileira formada, em boa parte, de elementos da nossa religiosidade, tanto erudita quanto popular.

As igrejas, suas torres sineiras, os sinos de bronze,



ESQUERDA
BALCÃO DECORADO DURANTE A SEMANA SANTA, SÃO JOÃO DEL-REI.
JOÃO RAMALHO NETO, 2009.

DIREITA
VISTA GERAL DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: DJALMA CORRÊA, 2009.

o repertório e a expressão dos toques testemunham a riqueza e a opulência do ciclo do ouro, a contribuição da mão de obra escrava à produção do ouro, das igrejas, dos sinos e dos seus toques, e de todas as demais condições necessárias à vida e à morte dos homens daqueles tempos; dão conta das associações religiosas leigas, de sua função social, do papel que desempenham na promoção das artes e da música, e de sua importância política.

Em relação à sua função comunicativa, o toque dos sinos em São João del-Rei se destaca diante das demais cidades: lá são reconhecidos cerca de 40 toques, dentre repiques e dobres, todos nomeados e com uma estrutura formal precisa. Na verdade, os toques em São João del-Rei compõem um conjunto complexo não só de badaladas, pancadas, repiques e dobres, mas, também, apresentam um grau de sofisticação ímpar em sua forma de execução: não há repique que não seja executado com um conjunto mínimo de três sinos que, como já visto, segundo a explicação dos próprios sineiros, "conversam" entre si.

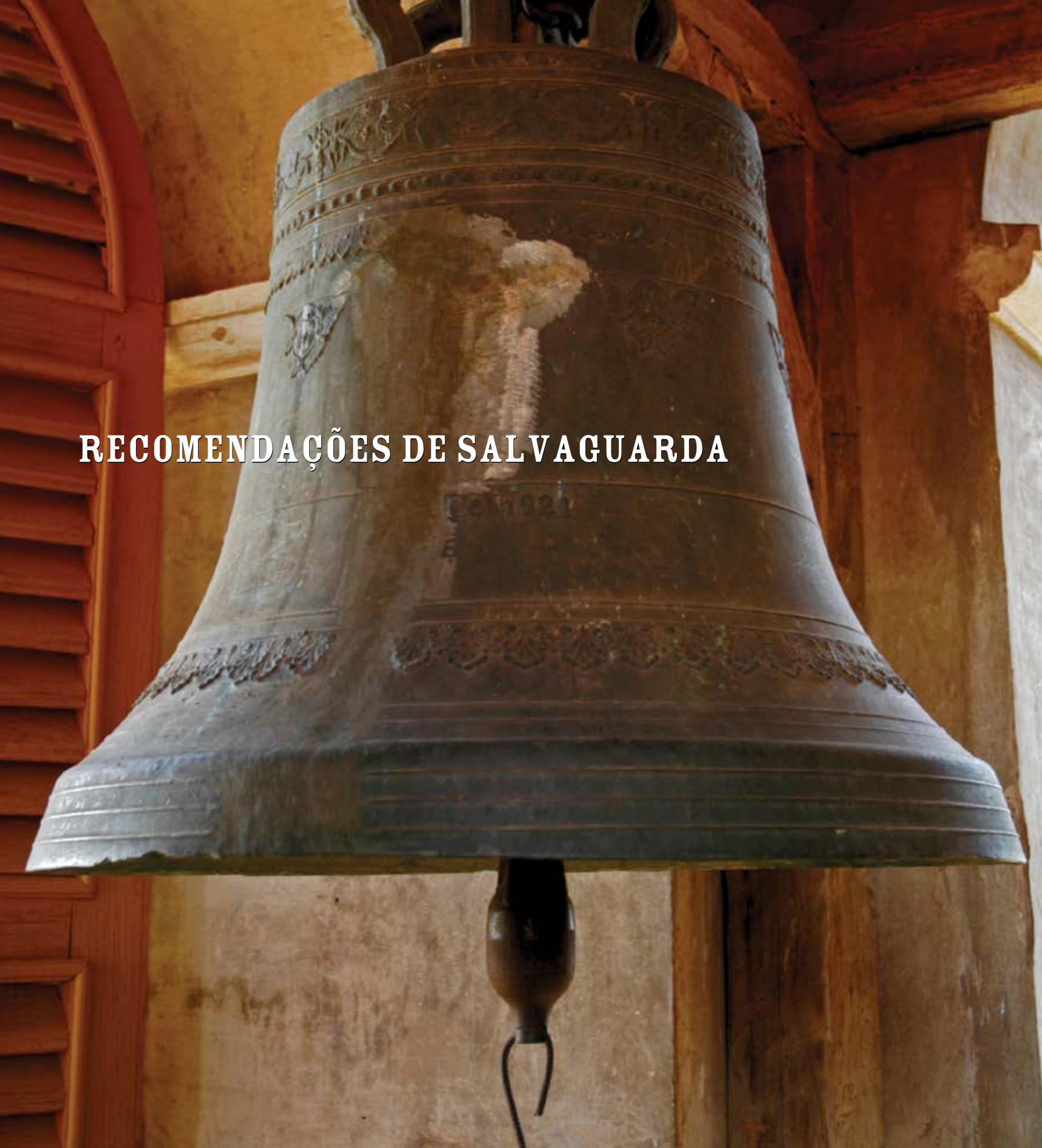
Em Ouro Preto, é possível identificar situações bastante similares a São João del-Rei, apesar de não haver denominações específicas para os toques. Em Mariana, como já dito, houve uma interrupção na cadeia de transmissão do toque dos sinos que vem sendo retomada agora. O mesmo acontece em Diamantina, onde há uma intensa movimentação de retomada da atividade sineira.

O parecer técnico do DPI ainda conclui que, por tudo o que foi exposto,

> *[...] nas cidades inventariadas, o toque dos sinos continua presente, em maior ou menor grau, seja vigente e íntegro no cotidiano, como em São João del-Rei e Ouro Preto, ou com menor intensidade e aténa memória de seus moradores, nas cidades citadas, que buscam revitalizar essa prática. No caso dessas cidades, a perspectiva de registrar o Toque dos Sinos como um patrimônio cultural brasileiro, é tida como um elemento a mais no processo de coesão das suas comunidades.*[116]

Fica ainda evidente que o toque dos sinos e o ofício de sineiro se constituem como referências culturais das cidades inventariadas, com destaque para São João del-Rei, onde mais intensamente se associam os sineiros, os sinos, as torres das igrejas, sua comunidade de ouvintes e os rituais de celebrações religiosas que motivam essa forma de expressão e o ofício que a executa. ■





RECOMENDAÇÕES DE SALVAGUARDA

SINO DA IGREJA DE SÃO PEDRO DOS CLÉRIGOS, MARIANA.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

Discutir e propor ações de salvaguarda para os bens de natureza imaterial que se deseja registrar – o toque dos sinos e o ofício de sineiro, pesquisados em nove cidades de Minas Gerais –, como patrimônio cultural de todos os brasileiros, é destacar, antes de tudo, o direito comum a todos de fruição estética das paisagens visuais e sonoras aqui apresentadas. É, igualmente, em última instância, estar atento à dimensão política que fundamenta as políticas de salvaguarda como políticas de Estado. Registrar um bem cultural é reafirmar o direito à memória, ao patrimônio e ao seu reconhecimento.

A paisagem quer visual ou sonora, deve ser passível de contemplação por todos. No caso da paisagem sonora sineira, ela é objeto de audição e transcendência extremamente necessária à vida humana. Especialmente por ter uma associação direta com a Igreja, os sinos são vistos como uma forma de comunicação com Deus.

É um dos objetivos da política do patrimônio cultural, portanto, contribuir para que a apreensão da paisagem não fique restrita a poucos.

Nos relatórios elaborados pelas equipes de pesquisa, foram observados pontos de fragilidade que, se não forem contemplados, podem tornar irreversível o risco de desaparecimento dos toques dos sinos e a continuidade do ofício de sineiro em algumas localidades do território mineiro, conforme apresentamos a seguir.

Depois de examinar o que ocorre nas cidades, de um modo geral, parece claro que a função comunicativa dos toques de sinos, fundamental no passado, nos últimos tempos veio se enfraquecendo. Da mesma forma, o vínculo dos sinos com os aspectos religiosos. Com isso não se pretende, de modo algum, negligenciar tais aspectos dos toques (o religioso e o comunicativo), apenas se pretende dar destaque a um processo de transformação em curso.

A pesquisa informou também que, com exceção de um ou outro clérigo que tenha um interesse especial pelo tema, os sinos não são objeto da atenção dos membros da Igreja, do ponto de vista institucional. Não há em sua formação eclesiástica nenhuma orientação voltada para o tema, conforme observam os próprios clérigos, sineiros e a população das cidades inventariadas. Sendo assim, sem uma instrução precisa acerca dos toques, sem gravações ou partituras e na falta de uma fiscalização por parte dos

DA ESQUERDA PARA A DIREITA
SINEIRO GIOVANI, DA IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO, SABARÁ.
FOTO: CRISTINA LEME, 2009.

SINEIRO CÉLIO, NA IGREJA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO (SÉ), MARIANA.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.





representantes do clero, pode-se concluir precipitadamente que os sineiros têm ampla autonomia para a execução dos toques. O controle, entretanto, é social e exercido por outros mecanismos: há os outros sineiros e a comunidade que escuta atentamente e reclama quando os toques estão sendo executados de maneira inapropriada.

Nas nove cidades focalizadas, os entrevistados mencionaram o fato de que, hoje em dia, não há mais a necessidade de se comunicarem os eventos através dos sinos. Vários toques praticados no passado caíram em desuso por causa disso. Em muitas igrejas, são usados alto-falantes para comunicar com mais detalhe notícias corriqueiras à comunidade. Acontece muito de a população telefonar para as paróquias, para as igrejas ou responsáveis para saber por que o sino tocou. Claro que ainda está implicada aí a sua função comunicativa, mas já não é necessário decodificar minúcias nos toques. Apenas uma parte da população em cada uma dessas cidades reconhece as mensagens transmitidas pelos toques de sinos. Dessa parte, somente uma pequena parcela é capaz de decifrar matizes nas mensagens. As ocasiões em que mais se tocam sinos são justamente as festas de santos – eventos que concedem espaço largo à alegria, ao prazer, ao lúdico –, quando a função comunicativa dos toques é menos relevante. Parte da população aprecia simplesmente a beleza dos sons dos sinos, misturados aos foguetes e ao som das bandas.

Quanto às relações com a religiosidade, é importante sublinhar que o que garante a atividade em torno dos sinos, justamente na cidade em que ela é mais vigorosa – São João del-Rei –, é a permanência de irmandades fortes. As igrejas têm sineiros contratados e pagos por essas associações. Todos os sineiros oficiais são filiados a uma ou mais irmandades. Mas dentre os sineiros aprendizes e outros frequentadores das torres das igrejas nem sempre a intenção religiosa é predominante. Mesmo a motivação dos sineiros oficiais para tocar sinos parece ultrapassar a devoção religiosa. Brincando com as palavras, poderíamos dizer que a devoção dos são-joanenses aos sinos é quase religiosa. E que os sineiros tocam seus instrumentos, religiosamente, todos os dias.

É verdade que em todas as cidades abordadas, os sinos tocam quase exclusivamente para os eventos da Igreja católica. Boa parte da população, principalmente a mais velha, empresta a eles uma

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO AMPARO AO FUNDO, DIAMANTINA.
FOTO: DJALMA SANTA ROSA, 2007



significação mística. É comum ouvir que os sinos são a voz de Deus ou que tocam para ele. Dentre os mais jovens, no entanto, a dimensão lúdica parece prevalecer sobre a religiosa. Seria interessante examinar se os sinos de fato "chamam" os jovens às igrejas; parece certo que os padres e os irmãos que cuidam das igrejas se valem do interesse dos mais jovens pelos sinos para despertá-los para a fé. Em São João del-Rei, os sineiros mais velhos afirmam que os aprendizes dos sinos aos poucos vão se aproximando das funções litúrgicas e acabam por se filiar a uma ou mais irmandades. Mas talvez muitos desses novos sineiros continuem interessados apenas pelos sinos. Sinal dos tempos?

Como forma de preservar os toques dos sinos e a prática de tocá-los, em Ouro Preto e Diamantina, pelo menos, surgem nas comunidades propostas de



ESQUERDA
PROCISSÃO DE CORPUS CHRISTI, SABARÁ.
FOTO: CRISTINA LEME, 2007.

PÁGINA AO LADO, DA ESQUERDA PARA DIREITA
SINEIRO CARLOS DESCENDO AS ESCADAS DA TORRE DA IGREJA DE SANTA QUITÉRIA, CATAS ALTAS.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

SINEIROS MENINOS SUBINDO PARA O TOQUE DOS SINOS NA TORRE DA IGREJA DE SANTA EFIGÊNIA, OURO PRETO.
FOTO: PEDRA DAVID, 2004.

DESCIDA DA TORRE DA IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO DA EQUIPE DE PESQUISA, OURO PRETO.
FOTO: PEDRO DAVID 2004.

criação de novos eventos como concertos de sinos que vão além de sua função comunicativa e de sua dimensão religiosa. Os sinos não são mais tão importantes como meios de comunicação e, por isso, estão sendo menos tocados, mas as comunidades se interessam pela preservação dos toques de sinos como parte de suas tradições – e isso está inclusive associado aos movimentos de valorização do patrimônio promovidos pelos órgãos públicos. É interessante ressaltar que parte da comunidade considera que a tradição dos sinos pode, hoje, se descolar das tradições religiosas e seguir apenas como tradição musical, embora religião e música sempre tenham andado fundidas uma na outra. Processo semelhante ao que ocorreu com toda a música sacra. Isso indica, certamente, que há uma tendência de valorizar mais os aspectos musicais da tradição que os aspectos religiosos. Tendência dos tempos atuais que já ganha adeptos no próprio clero.

Padre Simões, atuante nas questões do patrimônio em Ouro Preto, sugere outro uso dos sinos, além dos toques extrarreligiosos já tocados na cidade. Ele propõe a realização de festivais de sinos em Ouro Preto, tal como presenciou em Notre Dame:

> *Isso [os toques de sinos] não só é filosofia do povo, o folclore, mas também é uma arte que está se perdendo. Isso na Europa hoje é espetacular! [...] O toque de sinos de Notre Dame de Paris! É coisa incrível! É coisa inexplicável! Eles puseram aquilo com captação para dentro da igreja e, fora, eles tocando o sino. O bimbalhar dos sinos de Notre Dame. Se ouvia aquilo em uma intensidade muito grande. Que beleza de sonoridade! Umas notas... entravam uma dentro da outra [...] Vocês*







já pensaram um festival de sinos aqui em Ouro Preto? Já pensaram conectar a Igreja do Carmo, Igreja de São Francisco de Paula, Igreja das Mercês, Igreja de São Francisco de Assis, do Rosário? O pessoal ouvindo lá, e eles aqui tocando o sino... bem feito, fazendo um acompanhamento de sinos. Aquele toca, aquele responde, aquele toca... Festivais de sinos![117]

Na mesma direção, o sineiro Marcelo Eduardo Soares, que sobe e desce as escadas das torres rezando, diz que seria muito bonito um evento musical com os sinos, mesmo sem quaisquer funções litúrgicas:

Se o sino é uma peça tão importante na comunidade, na igreja... Que ele acaba ficando pra trás: uma das últimas coisas a serem lembradas na igreja é o sino. Porque eles são usados só quando precisa mesmo. [...] É justamente por causa disso que ele está diminuindo, porque só quando precisam dele é que está ali. O pessoal vem cá e olha as obras do Aleijadinho esculpidas à mão, mas ninguém olha pro sino [...] e assim só percebem também [os sinos] quando estão tocando, quando as pessoas estão escutando.[118]

O certo é que o interesse pelos sinos permanece vivo nessas comunidades mineiras. A ponto de se procurar novas funções e novos sentidos para eles quando a função e o sentido antigos perdem a sua força. Os toques dos sinos são ainda valorizados nas comunidades como meio de comunicação que serve à comunhão em torno de acontecimentos importantes para a coletividade, carregam ainda um sentido místico que alimenta os devotos, mas, gradativamente, também migram para outros espaços, em que se vislumbram talvez condições mais favoráveis para sua continuidade em tempos atuais e futuros.

A atividade sineira é de longe mais intensa em São João del-Rei: lá, são as irmandades que a sustentam e os toques formulam mensagens variadas e de alguma complexidade. Mas apenas uma parcela mais idosa da população é capaz de decifrar essas mensagens. O mesmo não se pode dizer de grande parte dos meninos que, hoje, correm às torres que tenham o mesmo interesse dos antigos pelas questões religiosas. Cabe notar que são esses jovens os responsáveis pela perpetuação da tradição no futuro próximo.

Enfim, para uns, os toques de sinos são agentes de congregação dos moradores em torno de acontecimentos importantes de seu cotidiano; para outros, elementos essenciais das celebrações religiosas, para outros ainda, brincadeira ou música. De qualquer forma, para grande parte dos moradores dessas comunidades eles são





DA ESQUERDA PARA A DIREITA
REPAROS FEITOS NO SINO DA IGREJA NOSSA SENHORA DA GLÓRIA, PASSAGEM DE MARIANA. FOTO: CRISTINA LEME, 2007.

RACHADURA DO SINO DA IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, CATAS ALTAS. FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

referências fortes da paisagem e da história desses lugares.

Vimos que os toques de sinos carregam traços dos cruzamentos entre as tradições da Igreja católica e heranças africanas. Considerando, com Maria do Carmo Vendramini e Aluísio Viegas, dentre outros, que sua criação se deu ao longo de anos, por sineiros escravos e descendentes de escravos, e reconhecendo as evidentes semelhanças dos sons dos sinos com a rítmica das danças afro-brasileiras, pode-se dizer que eles ecoam as vozes da senzala na história da religiosidade brasileira. Esse aspecto nos parece extremamente importante, para que seja devidamente desenvolvido em pesquisas futuras. É fundamental que os toques de sinos existentes hoje sejam exaustivamente documentados. Com isso, quer-se também ressaltar que referências culturais marcantes para determinada localidade, ainda que venham perdendo força no presente, merecem ser, tanto quanto se possa, largamente documentadas, simplesmente por seu valor histórico.

Como vimos, São João del-Rei é a cidade que melhor organizou as atividades em torno dos sinos e mais cuidadosamente preservou os toques criados pelos seus sineiros ao longo dos tempos. Esses toques formam hoje um verdadeiro repertório de peças para sinos, interpretadas todos os dias pelos sineiros em atividade, verdadeiros mestres em seu ofício de intérpretes, e ouvidas, a longas distâncias, pelos habitantes e frequentadores da cidade.

No entanto, as demais cidades preservam também toques tradicionais, mesmo que alguns deles guardados apenas na memória de poucos, e continuam criando novos toques a partir de elementos de uma tradição sineira. Ainda que algumas dessas cidades não tenham encontrado um caminho para manter vigorosa a atividade e garantir a transmissão dos toques, o interesse da população se mostra forte diante das possibilidades que o processo de Registro oferece. Vale lembrar que não se pode desconsiderar a má condição de conservação dos sinos e das torres no processo de enfraquecimento da atividade nessas cidades. Em Sabará, por exemplo, onde a tradição hoje é fraca, há grande quantidade de sinos rachados ou sem condições de uso. É também importante levar em conta a possibilidade de interferências negativas por parte da Igreja em algum momento, no passado recente, pois justamente naquelas cidades em que a atividade está



DETALHE DO SINO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO CARMO, MARIANA.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

hoje mais frágil (Sabará, Serro e Mariana) identificou-se, nos depoimentos dos entrevistados, casos de conflitos entre padres e comunidades em assuntos de sinos ou outras tradições locais. De qualquer forma, todas essas cidades guardam ainda alguma contribuição para a composição de um grande repertório de toques de sinos de Minas Gerais, que carregam traços de sua história e cultura.

É interessante, para a salvaguarda dessa tradição, que esse repertório de toques se constitua como patrimônio musical para além dos limites das localidades em que se produziram. Assim, compositores, mineiros ou não, têm feito obras musicais com sinos que têm alcançado ou podem alcançar limites bem mais largos. Segundo o maestro Aluízio Viegas, quatro compositores de São João del-Rei e adjacências, dos séculos XIX e XX, padre Mestre José Maria Xavier, Luiz Baptista Lopes, Fausto Assunção e João Américo da Costa, fizeram peças musicais utilizando-se do motivo rítmico do toque de sino são-joanense Senhora é Morta.[119]
O percussionista Djalma Corrêa, de Ouro Preto, onde, na infância, foi coroinha e tocava os sinos, trabalha há vários anos na composição de uma suíte para sinos e usa muitas vezes em seus concertos, dentro e fora do Brasil, sons e toques de sinos mineiros. Recentemente, em abril de 2007, Paulo Sérgio dos Santos apresentou, no adro da Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto, o concerto "Curvas, sinos e anjos". Em 2008, foi apresentada no Palácio das Artes, Belo Horizonte, e no Teatro Municipal de São Paulo, a *Missa afro-brasileira*, do maestro Carlos Alberto Pinto Fonseca, cujo



ESQUERDA
RECOLOCAÇÃO DO SINO DA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, CATAS ALTAS.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

PÁGINA AO LADO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA
REPOSIÇÃO DE ROLDANAS EM MADEIRA DA IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, CATAS ALTAS.
FOTOS: PEDRO DAVID, 2004.

RECOLOCAÇÃO DO SINO NA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE PAULA, OURO PRETO.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

arranjo conta com sinos. Ao fim da apresentação belo-horizontina, um grupo de ouro-pretanos residentes na capital dizia ter "voltado a Ouro Preto antiga" ouvindo os sons dos sinos. E vários outros exemplos poderiam ser citados.

Assim, também na literatura os sinos aparecem como referências na composição de subjetividades e ambientes mineiros (não só, naturalmente, visto que os sinos são elemento forte em várias regiões, dentro e fora do Brasil). Carlos Drummond de Andrade as utiliza largamente. Autran Dourado escreveu um romance, *Os sinos da agonia*, sob a influência dos sinos. Exemplos não faltam.

Espera-se que o registro oficial dos dois bens imateriais aqui tratados acarrete benefícios para a atividade sineira, como é a expectativa dos moradores das cidades mineiras. Mas,







sabe-se, o instrumento jurídico registro de bens imateriais, assim como o tombamento de bens materiais são insuficientes para preservar referências da cultura. É fundamental que haja um conjunto de iniciativas por parte dos órgãos responsáveis pelas políticas de patrimônio, que fomentem, estimulem e viabilizem as práticas relacionadas ao bem cultural em tela.

Nesse sentido, foram selecionadas as medidas de salvaguarda voltadas para a proteção, valorização e promoção do ofício de sineiro e dos variados toques dos sinos nas torres das igrejas que desenham a paisagem cultural de Minas Gerais. Conforme parecer técnico elaborado no Departamento do Patrimônio Imaterial do Iphan, em sintonia com as reivindicações dos interessados registradas no processo, a instituição se compromete com as seguintes propostas a serem realizadas, sempre em parceria com as comunidades e segmentos da sociedade:

- Documentar, com a qualidade técnica e precisão necessárias, os diferentes toques de sinos existentes nessas cidades;
- Promover oficinas para recuperação dos toques nas cidades onde estes se perderam, considerando a memória oral;
- Promover oficinas para troca e difusão do repertório dos toques;
- Incentivar a pesquisa acerca dessa forma de expressão bem como de sua história ao longo do tempo;
- Difundir por outros mecanismos como publicações, documentação sonora e audiovisual, os resultados das pesquisas realizadas;
- Realizar obras de manutenção e conservação das torres e dos sinos, de modo a viabilizar a continuidade dos seus toques e a melhoria das suas condições de expressão e reprodução[120];
- Valorizar o ofício de sineiro por meio da regulamentação de sua atividade nas igrejas, como uma forma de reconhecimento de sua contribuição para a preservação da cultura brasileira;
- Identificar e documentar as irmandades, os rituais litúrgicos e as celebrações religiosas associados aos toques dos sinos, como forma de promover sua continuidade. ■

NOTAS

SINOS DA IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, OURO PRETO.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

1. A grafia correta do nome da cidade de São João del-Rei, assim como de seu adjetivo gentílico, são-joanense, foi definida pela Lei Municipal nº 4.253, de 15 de dezembro de 2008, por iniciativa do vereador Adenor Luiz Simões Coelho.

2. Conforme consta do OF/SEC/GAB/920/01, a palestra foi proferida durante o evento Inverno Cultural da Funrei, da Universidade Federal de São João del-Rei, e o requerimento apresentado pedia o Registro do Toque dos Sinos da cidade de São João del-Rei, Minas Gerais.

3. Ofício nº 306/01/GAB/DID. Era então diretora do DID a museóloga Célia Maria Corsino, e o superintendente da 13ª SR era o economista Sérgio Abrahão, ambos do quadro do Iphan.

4. À época, os procedimentos para a instrução dos processos de



registro estabeleciam a abertura não de um processo administrativo, mas sim de um Dossiê de Estudos.

5. Com recursos orçamentários do próprio Iphan, a equipe contratada pela Funrei era a seguinte: Maria das Dores Freire, historiadora responsável pelo treinamento na metodologia do INRC; André Dangelo, especialista consultor; Fernando Antônio da Conceição e Maria da Luz Coelho, pesquisadores; Cláudia Resende, historiadora, coordenadora técnica da pesquisa.

6. A metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), desenvolvida pelo Iphan para inventário de conhecimentos sobre bens culturais de qualquer natureza, tem sido aplicada com sucesso para a produção de conhecimento e documentação sobre esses bens no âmbito da instrução técnica dos processos de Registro.

7. Todas elas incorporadas ao processo.

8. VENDRAMINI (*apud* BISPO et al., 1981).

9. Texto impresso apresentado ao Iphan em 2002.

10. CARVALHO (1975, p. 3).

11. A instituição entende que a documentação consolidada e o conhecimento produzido acerca de determinada referência

REGULAGEM DO RELÓGIO E SINO DA IGREJA DE SANTA EFIGÊNIA, OURO PRETO.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

cultural são datados e que, pela própria dinâmica dos processos culturais, o bem cultural sofre sempre transformações. Esse é um dos motivos pelos quais o Decreto nº 3.551/2000 prevê em seu art. 7º a revalidação do título, pelo menos, a cada dez anos.

12. Os sítios urbanos coloniais do século XVIII tombados pelo Iphan no Estado de Minas Gerais são: Serro, Ouro Preto, Mariana, São João del-Rei, Congonhas do Campo, Diamantina, Tiradentes. Sabará tem tombamento do conjunto arquitetônico de duas ruas.

13. Para o objeto de estudo em tela, com certeza, a matriz cultural africana exerceu forte influência sobre a maneira e a forma como os sinos eram tocados nas cidades inventariadas.

14. A pesquisa nos informou que, em São João del-Rei, elas se mantiveram muito fortes ao



longo desses quase três séculos de existência. Nas demais cidades inventariadas, a situação é muito variada e, com certeza, o maior ou menor enraizamento da prática sineira no cotidiano das pessoas é proporcional a maior ou menor presença e força desses sodalícios em cada uma das cidades pesquisadas.

15. Nessas cidades podemos destacar os compositores oitocentistas José Maria Xavier (Ofício de Ramos, *Ofício de Trevas*, *Ofício de Sábado Santo* e o *Regina Coeli*), Presciliano Silva (*O vos omnes*) e Antônio dos Santos Cunha (partes variáveis de todas as missas da Semana Santa em que houve adaptação de novos textos litúrgicos e responsórios) e o setecentista, Manuel Dias de Oliveira (*Miserere*, o *Popule meus*, os motetos para a Procissão do Enterro e da Ressureição). Do século XX, o destaque é João da Matta (*Stabat matter*) e Martiniano Ribeiro Bastos (*Domine tu mihi lavas pedes*, Adoramus te Christie, o *Christie factus est* e os *Tractus* e *Bradados da Paixão segundo São João*).

16. As relações entre a Igreja Católica e os Estados Monárquicos europeus ao longo da Idade Moderna sempre foram conflituosas. A busca pelo apaziguamento foi feita tanto



ALFAIAS DA MATRIZ, SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTO: JOÃO RAMALHO NETO, 2009.

com medidas curiais como por medidas regalistas, dependendo da ocasião e da maior ou menor força da Igreja ou do Estado. No caso de Portugal, ao longo do século XVIII, essas relações penderam para o lado do Estado e eram reguladas, portanto, pelo regalismo que se estabeleceu por todo o território do Império português através dos sistemas do padroado e do beneplácito. O padroado era o direito que o monarca detinha de conceder benefícios eclesiásticos. O beneplácito era a permissão dada pelos monarcas para que a legislação papal fosse aplicada em seus territórios.

17. CASTAGNA (*apud* FURTADO, 2008, p. 93, *passim*).

18. LANGE (*apud* DANGELO [S.d.], p. 16).

19. FIRMINO (2007).

20. Jacques Le Goff já sinalizava esse processo de secularização do mundo ocidental afirmando que "[...] O tempo laiciza-se e um tempo laico, o tempo dos relógios, das torres de atalaia, afirma-se perante o tempo clerical dos sinos das igrejas [...]" num curso inexorável que ocorre com o desenvolvimento de mecanismos a partir dos quais se desenvolveram os primeiros relógios mecânicos, desde fins do século XIII. Cf. LE GOFF (1983, p. 228).

21. EDMUNDO, (2000).

22. O relatório de pesquisa de campo nos informa que em São João del-Rei há repiques que são tocados ao longo de 50 minutos ininterruptos. Os sineiros se revezam na execução desses toques.

23. BERNARDI (2005, p. 149-151).

24. A pesquisa nos informa que há quem espere o toque do Ângelus matutino para se levantar e não, necessariamente, para rezar a ave-maria. Em Congonhas do Campo, muitos entrevistados afirmaram que perdem a hora do trabalho se os sinos tocam atrasados.

25. MARTINS (*apud* BOSCHI, 1986, p. 36).

26. CARPEAUX (1990).

27. FURTADO (2008, p. 41).

28. MACHADO (1901, p. 1.015).

29. O Ofício de Trevas expressa os sentimentos que animaram Nosso Senhor Jesus Cristo na sua Paixão. Orações, cantos, lamentações, leituras e responsórios compõem os salmos, em número de 14. Ao término de cada salmo, apaga-se uma vela do grande candelabro triangular colocado à direita do altar para o Ofício Divino. Há 15 velas no total. A do vértice superior não

SINETAS DA IGREJA MATRIZ, SÃO JOÃO DEL-REI.
FOTOS: JOÃO RAMALHO NETO, 2009.



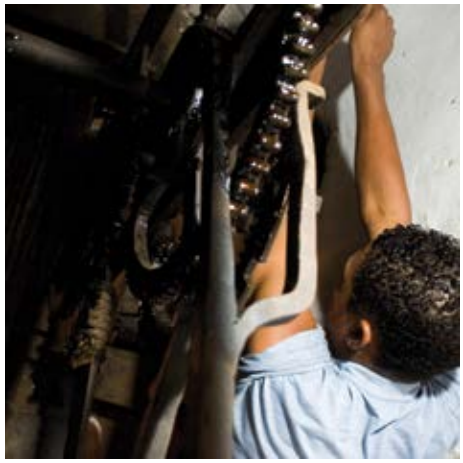


se apaga, representando Jesus Cristo. As 14 que se apagam representam a glória de Nosso Senhor Jesus Cristo que também se apaga pelo sofrimento de sua Paixão. Quando o Ofício Divino se encerra, as luzes são apagadas e a assistência bate os pés no chão ou as mãos sobre os bancos para simbolizar a morte ou a ressurreição de Cristo.Os salmos e as lamentações são cantados em canto gregoriano. Responsórios e *laudes* são de autoria do padre José Maria Xavier e foram compostos em 1871 e 1860. As lições têm a melodia atribuída ao compositor Manuel Dias de Oliveira.
A cidade de Prados retomou a prática a partir de 2005.

30. DANGELO, ([S.d.], p. 9).

31. Na cidade de Ouro Preto, esse toque era realizado na Igreja de Nossa Senhora do Rosário do padre Faria pelo fato dessa igreja ter a iconografia de Nossa Senhora do Bom Parto. Era realizado a pedido dos familiares. Cada badalada era acompanhada das orações dos sineiros e dos familiares da mulher em dificuldade.

32. Na cidade de Mariana, o sineiro Antônio Manuel Pacheco Filho criou o toque Sino de Alarme como um sinal de tristeza fúnebre, quando lhe foi pedido um toque para alardear o incêndio da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, ocorrido em 20 de janeiro de 1999. Até hoje, esse toque foi realizado apenas nessa ocasião no sino principal da Igreja de São Francisco durante 40 minutos. O sineiro Pacheco não tinha na memória registro de um toque de incêndio, não se recordava de um padrão, por isso precisou criar um. O padrão criado foi executado com três badaladas espaçadas







configurando um *ostinato* que se repetiu por 40 minutos. O sineiro Erildo Nascimento de Diamantina afirma, entretanto, que o "toque de incêndio é descompassado, não tem ritmo, não tem nada". Ver DVD *Entoados* (minuto 27:08), anexado ao processo.

33. Em entrevista concedida à equipe de pesquisadores em 2002, Aluízio Viegas afirmou que os seguintes toques se encontram em desuso: para anunciar o nascimento de crianças, o Toque de Parto (uma vez que uma parturiente com dificuldades de dar a luz é submetida à operação cesariana), o Nosso Pai (toque que anunciava que a comunhão era levada aos enfermos), o Toque de Agonia (para anunciar a morte iminente de alguém), o repique fúnebre para crianças falecidas (em Ouro Preto, é designado como o Toque de Anjinho e era executado nos sinos pequeno e médio sem distinção do sexo da criança); a chamada para o catecismo; a chamada de sacristão, a chamada de sineiro; o Toque de Consistório; o Toque de Recolher (toque de Aragão, assim denominado em referência ao intendente geral da Polícia, o desembargador Francisco Teixeira de Aragão que instituiu no Rio de Janeiro para a defesa dos bons costumes o toque de recolher. Ele determinou que às 10 horas da noite o sino terceiro dobrasse na Igreja de São Francisco de Paula) e o Rebate para calamidades, especialmente os incêndios; nesses casos, o número de badaladas indicava o lugar por onde o fogo se alastrava.

34. GONÇALVES (1998, p. 264-265).

35. Frase lembrada e citada por Daniela Pereira durante conversa informal na cidade de Prados, Campo das Vertentes (MG), por ocasião da Semana Santa de 2009.

36. DANGELO *op. cit.,* p. 8).

37. SALLES (2007 p. 64; 119).

38. MONTANHEIRO ([S.d.]).

39. São Carlos Barromeu foi um importante cardeal da Contrarreforma religiosa. Tendo vivido no século XVI, é muito provável que sua recomendação não tenha conseguido ser aplicada no império ultramarino português e talvez mesmo no próprio reino. As Constituições do Arcebispado da Bahia, do início do século XVIII, também recomendam que os sacristãos assumam essa função no caso das igrejas paroquiais e que os tesoureiros o façam no caso das associações leigas.

40. VENDRAMINI, *op. cit.*, p. 56-57.

41. ANDRADE (1989, p. 437-438).

SEQUÊNCIA DE DETALHES DAS ENGRENAGENS DO RELÓGIO DA IGREJAS DE SANTA EFIGÊNIA (ESQUERDA E CENTRO) E DE SÃO FRANCISCO DE PAULA (DIREITA), OURO PRETO.
FOTOS: PEDRO DAVID, 2004.

42. MONTANHEIRO, *op. cit.*, p. 6. Em um dos vídeos do Anexo, por exemplo, o sineiro afirma que há um padrão que é seguido por todos, mas cada um dá seu toque pessoal, faz "firula".

43. A bibliografia nos informa que a manutenção dos sinos era feita pelos próprios sineiros. Essa manutenção dizia respeito à colocação da graxa nos eixos e mancais, substituição das cordas de couro cru quando necessário e aperto das porcas e parafusos. Quando a madeira do cabeçote apodrecia ou ainda mancais e parafusos atingiam um alto nível de desgaste, eram chamados artesãos para o conserto. Com o estabelecimento da rede ferroviária na região, era comum que os mecânicos prestassem serviços para toda a população, inclusive para a igreja no caso da manutenção dos prédios e sinos.

44. PRAZERES (1984, p. 32).

45. GINZBURG (1987, p. 12-13).

46. CARVALHO, 1975.

47. DANGELO ([S.d.]).

48. Nas relações entre Igreja e Estado era comum que uma interviesse em assuntos do outro, com mandos e desmandos de ambas as partes. Nesse sentido, competia à Igreja o registro dos nascimentos, casamentos e óbitos. Ao Estado, cabiam, de maneira geral, os processos de inventários, testamentos, fiscalização, concessão de licenças e alvarás.

49. OLIVEIRA (1964, p. 144-145).

50. Grifo nosso.

51. CONSTITUIÇÕES Primeiras do Arcebispado da Bahia (1707).

52. No Brasil, atualmente, há pelo menos quatro empresas de fundição de sinos: Fundição Artística Sinos Uberaba (Fasu/MG); Cláudio & Manoel do Sino, Rio de Janeiro; Indústria de Sinos Crespi e a RSR Sinos, estas duas últimas em São Paulo.

53. Ver anexo II deste capítulo.

54. Batismo ou consagração dos sinos, suas regras são orientadas pelo Pontifical Romano que congrega todos os livros que contêm todas as celebrações que devem ser presididas pelo bispo. O nome do sino pode estar de acordo com a devoção da cidade ou da devoção particular do doador. Deve-se atentar para a especificidade dessa prática. O batismo é "um sacramento, ou seja, uma ação de ordem sobrenatural: 'sinais visíveis de coisas divinas'. [...] [indicava] explicitamente que a consagração com os santos óleos provocava no ser espiritual dos reis uma

DA ESQUERDA PARA DIREITA
DETALHE DO SINO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS, MARIANA.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

DETALHE DO SINO DA IGREJA NOSSA SENHORA DO PILAR, OURO PRETO.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.





transformação profunda". Cf. BLOCH (1998, p. 154).

55. Em depoimento durante a pesquisa de campo, D. Hebe Rola afirma que é o contrário: são quatro cruzes no interior e sete no exterior. Ver Anexo *Os entoados* – minuto 01:03:01.

56. Anexo DVD *Entoados* – minuto 1:03:28.

57. Também pode ser denominado de castelo.

58. Mancal – dispositivo de ferro ou de bronze sobre o qual se apoia um eixo girante, deslizante ou oscilante e que lhe permite movimento com um mínimo de atrito. Também pode ser chamado de dobradiça.

59. MORRIS (1959 *apud* CORREIA, [S./d.]). Inclui CD com registro dos toques.

60. Cf. ZEQUINI (2006).

61. Cf. VENDRAMINI, *op. cit.*, p. 49-54.

62. VIEGAS ([S.d.], p. 4).

63. VENDRAMINI, *op. cit.*, p. 50.

64. Portal da Indústria de Sinos Crespi, disponível em: <www.sinoscrespi.com.br>.

65. Disponível em: <www.tecnosino.com>.

66. Disponível em: <www.rsrsinos.com.br>

67. Disponível em: <www.mednet.com.br>.

68. DANGELO, *op. cit.*, p. 2-3.

69. HUGO (2008, p. 228).

70. BENEVOLO (1991, p. 92).

71. *Id.*, p. 220.

72. RAPOPORT (1969).

73. Fritz Teixeira de Salles nos informa que o sodalício do Santíssimo Sacramento teve sua origem associada ao objetivo de dar ampla divulgação aos mistérios envoltos no sacramento da Eucaristia, afinal trata-se da consubstanciação do corpo e sangue de Jesus no pão e no vinho, um dos principais dogmas da liturgia católica. Em 1264, o papa Urbano IV estabeleceu a festa do Santíssimo Sacramento, originando-se daí as confrarias e irmandades que tinham como finalidade comemorar o dia da eucaristia, a primeira quinta-feira depois da oitava de Pentecostes. Já no século XIV, fundou-se a Ordem dos Religiosos Brancos do Santíssimo Sacramento, também chamados frades do Ofício do Santíssimo. O papa Bonifácio IX, em 1393, promoveu a união dessa associação com a Ordem de Cister. Continuaram, porém, como sendo os frades do Santíssimo Sacramento. Em 1582, o papa Gregório XIII concedeu a essa ordem o privilégio de realizar anualmente a procissão do Santíssimo, assim como de expor a Eucaristia no dia de Corpus Christi. No século XV já estava em

DETALHES DE SINOS DA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, CATAS ALTAS. FOTOS: PEDRO DAVID, 2004.









Lisboa, devidamente instalada, a ordem do Santíssimo Sacramento. Toda a corte lisboeta comparecia à procissão por ela realizada "com o corpo de Deus sacramentado. Nessa ocasião, realizava-se em Lisboa a exposição do Santíssimo, tão usual em Minas e em todo o Brasil colonial. Todas as matrizes pertenceram, em Minas dos primeiros anos, às irmandades do S.S." (SALLES2007, p. 61).

74. (SALLES, *op. cit.*, p. 53-54).

75. VENDRAMINI, op. cit., p. 54.

76. DANGELO (1978, p. 1).

77. FURTADO, *op. cit.*, p. 19-20.

78. SOUZA (*apud* JANCSÓ; KANTOR, 2001, p. 184-185).

79. ANDERSON (1989, p. 14).

80. BACZO (1985, p. 309).

81. Os cataguases habitavam o sul, oeste e o centro do atual Estado de Minas Gerais.

DA ESQUERDA PARA DIREITA
SINO DA IGREJA NOSSA SENHORA DA GLÓRIA, PASSAGEM DE MARIANA.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

SINO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, CATAS ALTAS.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.





82. Os cataguases foram identificados como povos ceramistas da tradição Una e sua denominação significa "gente boa" (catu-auá). Segundo Ellis Júnior, a bandeira de Lourenço Castanho Taques, em meados do século XVII, empreendeu ataques sucessivos em território catagua, que se estendia até os limites da atual cidade de Paracatu. Segundo Capri, essa bandeira foi especialmente danosa para os cataguases denominados Araxás que viviam nos territórios entre os rios das Velhas e o Quebra Anzol. Depois dessa incursão, considerada decisiva para a exploração desses sertões, outras bandeiras foram organizadas com o objetivo de atacar e escravizar os cataguases. Cf. RIBEIRO (2005, p. 95, *passim*).

83. As bandeiras mais conhecidas que desbravaram os sertões dos Cataguases foram a de Luís Pedroso de Barros (1656), Lourenço Castanho Taques (1668), Luís Castanho de Almeida (1671), Manuel de Campos Bicudo (1675), Fernão Dias Paes (1674) e Bartolomeu Bueno da Silva (1676).

84. RESENDE (2007, p. 29).

85. SOUZA, *op. cit.*, p. 183-184.

86. O Conselho Ultramarino em 1732 é claro: "por este modo se despovoará o Reino". (SERRÃO, 1970, p. 601).

87. ÁUREO Throno Episcopal (*apud* FURTADO 1997, 251-279).

88. Para a Igreja, o "traço distintivo e dominante é ser uma fraternidade, uma fraternidade sobrenatural, e não mais artificial, pois que todos os seus membros são unidos pelo Cristo: a doutrina do corpo místico já exprime essa unidade profunda". Como essas associações apresentam uma grande variedade de designações – *confraternitas, sodalitas, sodalitium, confraternitas, laicorum, congregatio, pia unio, societas, coetus, consociatio* – torna-se necessário buscar alguma forma de distinção entre elas. Caio César Boschi afirma que há uma imprecisão característica na designação dessas associações. (BOSCHI, *op. cit.* p. 9).

89. TORRES (1984, p. 62).

90. BOSCHI, *op. cit.*, p. 36.

91. DVD *Semana Santa em Prados* de Adhemar Campos Filho. Projeto do Instituto Histórico e Geográfico de Prados com o fim de registrar as manifestações culturais da cidade. Depoimento gravado por Átila Alves e Costa e Aureliano Magela de Rezende durante a Semana Santa de 1997 na cidade de Prados (MG).

92. Cf. SALLES, *op. cit.*, p. 24; 97-98.

93. *Ibid.*, p. 95.

94. *Ibid.*, p. 97.

95. Valor pago para ingressar na associação.

ALTO
SINO DA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, CATAS ALTAS.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

BAIXO
JANELA DA TORRE DA IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, CATAS ALTAS.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.





96. CARPEAUX (1990, p. 18).
97. BOSCHI (2007).
98. AVILA (1994).
99. DANGELO (*apud* FRANCO, 1997, p. 4).
100. FURTADO (1997, p. 17-19).
101. *Ibid.*, p. 9.
102. *Ibid.*, p. 8.
103. Citações retiradas de entrevista com José Paulo da Cruz, concedida a Juliana Araújo e Pablo Lobato, em 29 de maio de 2007, na Igreja de São Francisco de Assis, Diamantina.
104. Projeto Sino Cidadão, idealizado pelo jornal *Voz de Diamantin*a, pela Academia de Letras e Artes de Diamantina e pela Associação dos Diamantinenses Residentes em Belo Horizonte. Diamantina, 2007.
105. Entrevista com Juvelino Teodoro da Silva, 12-13 dez 2004, em sua residência, Ouro Preto, concedida a Josanne Guerra Simões e Chiquinho de Assis.
106. Entrevista com Juvelino Teodoro da Silva, 12-13 dez 2004, em sua residência, Ouro Preto, concedida a Josanne Guerra Simões e Chiquinho de Assis.
107. Entrevista com Eliseu Damasceno Matos e Rodrigo Fina Ferreira, 2 nov 2004, na Casa Paroquial de Antônio Dias, Ouro Preto, concedida a Josanne Guerra Simões e Chiquinho de Assis.
108. Entrevista com Fábio César Montanheiro, 3 nov 2004, na residência de Chiquinho de Assis, Ouro Preto, concedida a Chiquinho de Assis.
109. Entrevista com o padre Geraldo Barbosa, 3 nov 2004, na Casa Paroquial de Antônio Dias, Ouro Preto, concedida a Josanne Guerra Simões e Chiquinho de Assis.

110. Entrevista com Marcelo Eduardo Soares (e sua mãe, Délcia Maria do Carmo, Dona Dó), em 2 de novembro de 2004, na Igreja de Bom Jesus do Matosinhos, Ouro Preto, concedida a Josanne Guerra Simões e Chiquinho de Assis.

111. *Idem*.

112. Entrevista com Nilson José dos Santos, concedida a Cristina Leme, Juliana Araújo e Pablo Lobato, em 6 de setembro de 2007, na Igreja de São Francisco de Assis, São João del-Rei.

113. Entrevista com Aluízio Viegas, concedida a Cristina Leme, Juliana Araújo e Pablo Lobato, em 7 de setembro de 2007, na Catedral de Nossa Senhora do Pilar, São João del-Rei.

114. Entrevista com Aluízio José Viegas, transcrita sob o título "Questionário sobre linguagem dos sinos em São João del-Rei", incluída no processo de instrução do registro dos toques dos sinos nas cidades históricas mineiras, Iphan.

115. Parecer Técnico nº 27/GR/DPI/Iphan. Brasília, 30 de setembro de 2009.

116. *Idem*.

117. Entrevista com o padre José Feliciano da Costa Simões, 1º nov 2004, na Casa Paroquial do Pilar, Ouro Preto, concedida a Josanne Guerra Simões e Chiquinho de Assis.

118. Entrevista com Marcelo Eduardo Soares, 2 nov 2004, na Igreja de Bom Jesus do Matosinhos, Ouro Preto, concedida a Josanne Guerra Simões e Chiquinho de Assis.

119. Os nomes das peças são, respectivamente: 1) Abertura para o dia 14 de agosto; 2) Outra Abertura para 14 de agosto e uma Ladainha para novenas de Nossa Senhora da Boa Morte, além de uma marcha processional para banda de música para a procissão da Boa Morte; 3) Rapsódia são-joanense, para Orquestra Sinfônica; 4) Suíte das Idades, em que o ritmo do repique é usado como *ostinato* no quarto movimento. (VIEGAS, Aluízio. *Linguagem dos sinos de São João del-Rei*. Ouro Preto, 1990. Não publicado. Palestra proferida no Salão da Escola de Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto, no âmbito do projeto Piques e Repiques, promovido pela mesma universidade. Esse texto integra o material fornecido pelo Iphan à equipe de pesquisadores responsável por este inventário).

120. Recomenda-se o estudo da experiência realizada na Superintendência do Iphan, no Ceará, onde a restauração dos sinos (e não sua refundição)

PRAÇA COM CHARRETES EM TIRADENTES.
FOTO: ACERVO TÉCNICO IPHAN, 2009.

garantiu a preservação da sonoridade original. Na cidade do Serro, moradores e devotos aguardam solução para o impasse relacionado à construção de um espaço para abrigar o sino da igreja de Nossa Senhora do Rosário: Torre sineira acoplada ao templo, semelhante a outras que já existiram em diferentes momentos no passado e como deseja a irmandade, ou desligada do corpo da igreja, como propõe o Iphan, para deixar claro que se trata de nova construção? Em Milho Verde, distrito do Serro, os problemas giram em torno da segurança dos sinos na Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, que ficam desprotegidos, do lado de fora do templo, bem ao alcance das mãos. A comunidade solicita uma providência, temendo que os sinos sejam roubados, tal como foram algumas imagens da igreja. ■



FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

ANDRADE, Mario de. *Dicionário musical brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: MinC; São Paulo: Edusp, 1989.

ÁUREO Throno Episcopal. *Revista do Arquivo Público Mineiro,* Belo Horizonte Imprensa Oficial, Ano VI, p. 383, 1901.

ÁVILA, Afonso. *O lúdico e as projeções do mundo barroco*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

BACZO, Branislau. Imaginação social. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.

BENEVOLO, Leonardo. *Introdução à arquitetura*. Lisboa: Edições 70, 1991.

BERNARDI, Felipe Augusto. *Entre políticas públicas:* o processo de criação do campo santo na cidade de Diamantina (1846-1915). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2005, p. 149-151 .

BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos.* O caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder.* Irmandades leigas e política colonizadora nas Minas Gerais. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *Compromissos de irmandades mineiras do século XVIII*. Belo Horizonte: Claro Enigma-Instituto Cultural Amilcar Martins, 2005.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. O triunfo eucarístico: hierarquias e universalidade. *Barroco: arquitetura e artes plásticas,* Belo Horizonte, v. 2, p. 464, 1990/1992.

CARPEAUX, Otto Maria. Teatro e estado do barroco. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 4, n. 10, set./dez. 1990.

CARVALHO, Alfredo Pereira de. A linguagem dos sinos de São João del-Rei. *O Raio, São João del-Rei*, v. 2, n. 76, 25 mar. 1975.

CASTAGNA, Paulo. O som na Catedral de Mariana nos séculos XVIII e XIX. In: FURTADO, Junia Ferreira (Org.). *Sons, formas, cores e movimentos na modernidade atlântica. Europa, Américas e África*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte:Fapemig, 2008.

CONSTITUIÇÕES Primeiras do Arcebispado da Bahia. [S.l.: S.n],1707.

DANGELO, André. Os sinos da Quaresma, mensageiros da alma barroca. *Relatório parcial da pesquisa realizada em São João del-Rei*. [S. l: S.n, S. d].

DANGELO, Jota. *O Aleijadinho de Vila Rica*. Espetáculo de som e luz realizado em Ouro Preto no ano de 1978. (Manuscrito).





DA ESQUERDA PARA A DIREITA
DETALHE DO SINO DA IGREJA DE SANTO ANTÔNIO, MARIANA.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

DETALHE DE CHAVE DA IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO, MARIANA.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.

_____. A tradição do ritual. In: FRANCO, Suely C. Barroco: nossa maneira de ser. Jornal São João em Casa, São João del-Rei, 24 mar. 1997.

EDMUNDO, Luiz. *Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis*. Brasília: Senado Federal, 2000.

FIRMINO, Erilene. Mudando de som: sinos eletrônicos nas Igrejas. *Diário de Fortaleza*, 9 dez. 2007. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/sinos-eletronicos-nas-igrejas-1.445957>.

FURTADO, Junia Ferreira. "Desfilar: a procissão barroca". *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Anpuh, 1997.

_____. Os sons, a sonoridade e as linguagens da conquista atlântica. In: FURTADO, Junia Ferreira (Org.). *Sons, formas, cores e movimentos na modernidade atlântica.* Europa, Américas e África. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte:Fapemig, 2008.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes.* O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

GONÇALVES, José Reginaldo. Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1998.

HUGO, Victor. *Notre-Dame de Paris*. Paris: Pocket, 2008.

KANTOR, Íris. Entradas episcopais na capitania de Minas Gerais (1743-1748): a transgressão formalizada. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Íris (Org.). F*esta: cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Edusp, 2001.

LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente medieval*. Lisboa: Estampa, 1983. v.1.

MACHADO, Simão Ferreira. Triunfo eucarístico. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 6, fasc. 3,4, p. 985-1016, 1901.

MARTINS, Joaquim Pedro de Oliveira. *História de Portugal.* In: BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder.* Irmandades leigas e política colonizadora nas Minas Gerais. São Paulo: Ática, 1986.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de: História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais.*Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 34, 1992. _____. Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 2, p. 9-42, jan./dez. 1994.

MONTANHEIRO, Fábio César. Quem toca sino não acompanha procissão. Disponível em: <www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/.../Montanheiro,Fabio.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2009.

MORRIS, Ernst. Tintinnabula (1959). In: CORREIA, Mário. *Toques de sinos na terra de Miranda*. Miranda do Douro: Centro de Música Tradicional Sons da Terra, [S./d.] (Inclui CD com registro dos toques).

OLIVEIRA, Dom Oscar de. *Os dízimos eclesiásticos do Brasil*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1964.

PRAZERES, Ângelo (Org.). *Momentos de Minas.* São Paulo: Ática, 1984.

RAPOPORT, A. *House form and culture*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1969.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de. *História de Minas Gerais.* As minas setecentistas. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. *Florestas anãs do Sertão.* O Cerrado na história de Minas Gerais. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SALLES, Fritz Teixeira de. *Associações históricas do ciclo do ouro*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SERRÃO, Joel. Conspecto histórico da emigração portuguesa. *Análise Social*, v. VIII, n. 32, p. 597-617, 1970. Disponível em: <www.analisesocial.ics.ul.pt/.../1224258510R3rFG4jc9La79ZA4.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2009.

SOUZA, Laura de Mello e. Formas provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações. In: _____. (Org.). *História da vida privada no Brasil.* Cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

TABLOIDE Semana Santa 2009. São João del-Rei: LM Eventos, 2009.

TORRES, João Camilo de Oliveira. In: PRAZERES, Ângelo. *Momentos de Minas.* São Paulo: Ática, 1984.

TRINDADE, Cônego Raimundo. *Arquidiocese de Mariana:* subsídios para sua história. Mariana: [S.n.], 1929. v.1.

VASCONCELOS, Diogo de. *História do Bispado de Mariana*. Belo Horizonte: Apolo, [S./d].

VENDRAMINI, Maria do Carmo. Sobre os sinos nas igrejas brasileiras. In: BISPO, Antonio A. *et al*. *Musicae Sacrae Brasiliensis*. Roma: Urbaniana University Press, 1981.

VIEGAS, Aluízio. *Linguagem dos sinos São João del-Rei*. [S.l: S.n.], 1990.

ZEQUINI, Anicleide. *Arqueologia de uma fábrica de ferro*: morro de Araçoiaba – séculos XVI-XVII. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

PROCISSÃO DE CORPUS CHRISTIE, SÃO JOÃO DEL-REI. FOTO: JOÃO RAMALHO NETO, 2009.

DOCUMENTÁRIOS VIDEOGRÁFICOS

ENTOADOS. Realização Santa Rosa Bureau Cultural.

SEMANA Santa em Prados. Arranjos de Adhemar Campos Filho. Projeto do Instituto Histórico e Geográfico de Prados com o fim de registrar as manifestações culturais da cidade. Prados, MG, 1997. ■



ANEXO 1
PARECER DO RELATOR

IPHAN
Fl. 450
Rubrica

PARECER REFERENTE AO PROCESSO IPHAN 01450.011821/2009-82, NO QUAL SE SOLICITA REGISTRO DO TOQUE DOS SINOS EM MINAS GERAIS, TENDO COMO REFERÊNCIA SÃO JOÃO DEL-REI E AS CIDADES DE OURO PRETO, MARIANA, CATAS ALTAS, CONGONHAS DO CAMPO, DIAMANTINA, SABARÁ, SERRO E TIRADENTES (LIVRO DE REGISTRO DAS FORMAS DE EXPRESSÃO) E OFÍCIO DE SINEIRO (LIVRO DE REGISTRO DOS SABERES).

Trata- se de processo cujo objeto é o registro do Toque dos Sinos em Minas Gerais, tendo como referência São João Del -Rei e as cidades de Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes no Livro de Registro das Formas de Expressão e Ofício de Sineiro no Livro de Registro dos Saberes, como patrimônio cultural brasileiro.

Em 13 de agosto de 2001, por iniciativa do Dr. Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, então Secretário de Estado de Cultura do Estado de Minas Gerais e membro do nosso Conselho e atualmente Prefeito da cidade histórica de Ouro Preto, o pedido foi formalizado primeiramente para o registro do Toque dos Sinos, na cidade de São João Del – Rei.

A instrução do processo mostra-se extensa e abrangente, compreendendo material diversificado, como dossiês, fichas, fotos, abaixo – assinados das comunidades de apoio à iniciativa, registros áudio - visuais, memórias de encontro e entrevistas, pesquisas históricas e bibliográficas e pareceres técnicos das diversas áreas do IPHAN, a saber: Departamento de Identificação e Documentação – DID, Departamento de Patrimônio Imaterial – DPI, Presidência, Superintendência do IPHAN em Minas Gerais, Unidades Regionais do IPHAN e pela Procuradoria Federal da AGU junto ao Instituto que mostrou-se favorável através do Parecer nº.: 14/2009 – PF/IPHAN/SEDE/MCBS, datado de 27 de outubro p.p.

O século XVIII em Minas foi palco da mais intensa força de criação do período colonial nos mais diversos campos artísticos. A sociedade erguida em função da riqueza da mineração, soube viver como um todo um período de glórias e de fausto, cuja produção artística, numa visão global, não teve paralelo no Brasil.

Essa sociedade barroca, diversa em sua constituição étnica, construída sob a efigie da Contra-Reforma e vivendo as dúvidas do homem de sua época - o dilema do espírito e da carne, o simbolismo empírico - marcaria seu tempo principalmente por sua manifestação criadora na área da arquitetura, em especial no campo religioso com a

1

IPHAN
Fl. 451
Rubrica

presença constante das capelas, passos, oratórios e cruzeiros na construção do espaço e da paisagem mineira colonial.

Dentro deste mundo ritualístico, a igreja secular tinha o papel de principal promotora das festividades religiosas/profanas, ao lado do Senado da Câmara, representante do Poder Real. As Ordens Terceiras, Irmandades e Confrarias possuíam um calendário completo destas solenidades, que aconteciam no espaço interno da capela de cada instituição religiosa: missas, exéquias, *te deums*, batizados, posses de mesa, novenas, entre outros ritos, alimentavam a vida social dos núcleos urbanos da Minas setecentista e no espaço social público onde as procissões eram sinônimo de ocasião de exibir e externar a devoção, a riqueza, o poder e a posição social de cada classe dentro daquele mundo barroco construído em Minas sobre uma nova conjuntura sociocultural.

Estas cerimônias tinham todo um acompanhamento, indispensável à teatralidade do espírito barroco, no qual a música teve papel prioritário, já que o repertório era composto exclusivamente para o cerimonial de cada sodalício religioso pelos "mestres" da arte da música: motetos, responsórios, matinas, antífonas, missas, novenas, multiplicavam-se por toda a Minas barroca numa originalidade ímpar, como nos demonstrou Kurt Lange no seu trabalho pioneiro:

> ***"cada festa religiosa tinha sua música própria, tocada por um grupo musical dirigido por um mestre ligado à Irmandade ou Ordem Terceira por contrato de serviço que valia por determinada temporada, em geral correspondente ao ano fiscal da Mesa diretiva."***[1]

O segundo acompanhamento indispensável a estes rituais, e à própria vida civil, eram os toques dos sinos que, hoje quase esquecidos, aparentam aos olhos leigos meros enfeites compositivos das torres-sineiras, diferentemente do olhar de outras eras, como definiu poeticamente o dramaturgo e teatrólogo **Jota Dangelo**:

> ***" Os pés de hoje cobrem esses lajedos sem pensar que houve tempo em que se andava como se essas calçadas fossem brasas.***
> ***Nos ovais das sineiras recortadas os sinos silenciam suas bocas. Incorporaram ao bronze das bacias anúncios que fizeram de outros dias, coroações de reis, rainhas loucas, novenas e missas de agonia."***[2]

---

[1] LANGE, Francisco Curt."Descoberta da Música Barroca em Minas". p. 16.
[2] DANGELO, Jota. *O Aleijadinho de Vila Rica* (Espetáculo de som e luz realizado em Ouro Preto no ano de 1978). Manuscrito do autor, p.1.

IPHAN
FL. 4 5
Rubrica

A importância dos sinos nas antigas comunidades cristãs tornou seus campanários elementos referenciais do urbanismo e, na sua transposição para o Brasil, elemento formal de maior importância na evolução do partido arquitetônico da igreja mineira no século XVIII. Com o passar dos anos, e com o desenvolvimento da arquitetura e do urbanismo colonial mineiro como nos demonstrou Sylvio de Vasconcellos, as torres e os sinos tornaram-se verdadeiros símbolos visuais da estrutura plástica das igrejas e de sua inserção na paisagem urbana das vilas do ouro mineiras. Nelas, os sinos e os sineiros, eram os expectadores privilegiados do cotidiano da cidade, e seus eloqüentes e capacitados tradutores dos ritos do cotidiano, numa sociedade como sabemos, estruturada sobre os símbolos da fé Tridentina e do absolutismo, que tinha na presença marcante da igreja católica o reflexo mais marcante da cultura mineira setecentista.

Neste sentido, quando refletimos sobre o significado da linguagem dos sinos na cultura do lugar em Minas Gerais, estamos falando na verdade de veículos de manifestação cultural ligados a uma das formas de comunicação das mais antigas da civilização ocidental. Falamos também de uma cultura enraizada de maneira antropológica, que trabalha o sentido da memória ora associada ao significado da igreja como geratriz de uma série de relações urbanas, sociais, culturais, e também de sentido de permanência e pertencimento a um sistema barroco ainda presente em várias cidades de Minas como demonstrou as informações contidas no dossiê descritivo produzido entre 2001-2009 sobre a coordenação e orientação do Departamento de Identificação e Documentação – DID/IPHAN intitulado: *" O Toque dos Sinos em Minas Gerais: tendo como principal referência a cidade de São João Del-Rei e as cidades de Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina,Sabará, Serro e Tiradentes"*.

Consideramos importante ressaltar neste momento um pouco da história desse registro, lembrando como está registrado no dossiê, que a iniciativa para o registro do *Toque dos Sinos em Minas Gerais* partiu de uma demanda da comunidade são-joanense manifestada por ocasião de conferência sobre o toque

IPHAN
Fl. 453
Rubrica

dos sinos de São João Del – Rei[3], proferida pelo então Secretário de Cultura de Minas Gerais e membro do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do IPHAN, Dr. Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, hoje Prefeito da cidade de Ouro Preto. A formalização do pedido foi encaminhada pela Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais[4] ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em 13 de agosto de 2001 e, naquela ocasião, dizia respeito ao registro dessa forma de expressão na cidade de São João Del – Rei exclusivamente. A pesquisa teve inicio em 2002, sob a coordenação inicial do historiador do IPHAN Jairo Braga Machado, que trabalhou com a colaboração de pesquisadores e consultores especialmente contratados com o apoio da atual UFSJ, conforme já mencionado anteriormente.

A pesquisa foi referenciada inicialmente pelos trabalhos dos pesquisadores: Maria do Carmo Vendramini "Sobre o sino nas igrejas brasileiras" publicado em 1981 no anuário alemão *Musices Aptatio*[5]; o texto do arquiteto e pesquisador do toque dos sinos de São João Del-Rei, prof. Dr. André Guilherme Dornelles Dangelo, da Universidade Federal de Minas Gerais "Os Sinos da Quaresma, Mensageiros da Alma Barroca Mineira"[6], que colaborou também como consultor técnico na elaboração deste parecer e o texto do professor e pesquisador são-joanense Aluízio José Viegas "A Linguagem dos Sinos de São João Del-Rei".

No decorrer da pesquisa, entretanto, verificou-se que apesar de São João Del-Rei guardar o código sonoro na sua versão mais integra e complexa, com uma gama de especificidades e singularidades no que se refere a prática dos seus toques dos sinos (o que foi confirmado ao final do dossiê). Também verificou-se ser essa expressão uma constante em outras cidades do ciclo do ouro em Minas Gerais. Neste sentido, tornou-se claro, portanto, que o território a ser pesquisado necessitaria de uma ampliação, o que foi feito em relação às cidades de Ouro

[3] A grafia correta do nome da cidade de São João Del-Rei, assim como de seu adjetivo gentílico, são-joanense, foi definida pela Lei Municipal 4.253 de 15 de dezembro de 2008 por iniciativa do vereador Adenor Luiz Simões Coelho.

[4] Conforme consta do OF/SEC/GAB/920/01, a palestra foi proferida durante o evento "Inverno Cultural" da Funrei da Universidade Federal de São João Del – Rei e o requerimento apresentado pedia o registro do Toque dos Sinos da cidade de São João Del-Rei, Minas Gerais.

[5] VENDRAMINI, Maria do Carmo. "Sobre os sinos nas igrejas brasileiras." In:*Musicae Sacrae Brasiliensis*. Roma: Urbaniana University Press, 1981.

[6] Texto impresso apresentado ao Iphan em 2002.

IPHAN
Fl. 454
Rubrica

Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes. Nessa ampliação de foco segundo os termos do dossiê:

"a inexistência de informações sistematizadas sobre o tema em outras localidades instou a instituição a decidir pela necessidade de um estudo circunstanciado sobre essa forma de expressão em um território cultural ampliado. Afinal, assim como toda e qualquer prática cultural, o toque dos sinos extrapola, especialmente por sua dimensão sonora, quaisquer fronteiras político-administrativas estabelecidas arbitrariamente pelos homens".

Tendo em vista todas essas circunstâncias e estabelecidos os entendimentos entre o DPI e a Superintendência do IPHAN em Minas Gerais acerca da ampliação do território a ser inventariado, tratou-se de dar continuidade à instrução técnica do processo, procedendo-se à pesquisa e documentação nas cidades selecionadas contando como parceiros nestas fases, tanto a empresa Santa Rosa Bureau Cultural como a ONG Núcleo Brasileiro de Percussão.

Finalizado o processo em 2009, concluiu-se principalmente a cerca de duas observações fundamentais sobre essa importante referência cultural, foco desse parecer,:

"os sinos e seus toques não são uma exclusividade de Minas Gerais e, tampouco, das cidades inventariadas, como já foi observado. Entretanto, foi de São João Del-Rei que partiu a demanda para o seu reconhecimento e nessa cidade as condições de produção, circulação e reprodução dessa tradição cultural são peculiares, especiais, sem paralelo nas demais cidades inventariadas ou em tantas outras no próprio estado de Minas Gerais e no restante do país."

Neste sentido, destacamos o belíssimo e importante dossiê montado pela competente equipe do IPHAN da qual saliento os nomes de Márcia Sant'Anna – **Diretora de Patrimônio Imaterial**; Ana Gita de Oliveira - **Coordenadora Geral de Identificação e Registro;** Cláudia Marina Vasques - **Coordenadora de Registro;** - Leonardo Barreto **- Superintendente do IPHAN em Minas Gerais e** Jairo Braga Machado **do Escritório Técnico do IPHAN em São João Del-Rei;**

Quero ressaltar ainda que na elaboração deste parecer contei com a competente e dedicada colaboração e consultoria técnica do Prof. Dr. André Guilherme Dornelles Dangelo, o qual agradeço profundamente.

IPHAN
Fl. 455
Rubrica

Me permitam agora principalmente como são-joanense, falar do tema tratado nesse parecer com mais emoção e tentar colocar para os meus ilustres companheiros de Conselho, o que significa culturalmente, de uma maneira mais plena, esse ato que o Conselho do IPHAN vem hoje à São João Del-Rei examinar.

Ressaltamos que a história dos sinos dentro das tradições culturais de São João Del-Rei é talvez uma das suas mais importantes identidades culturais. Neste sentido, podemos lembrar que há gerações que São João Del-Rei é conhecida historicamente como ***"a terra onde os sinos falam"***, tendo impressionado desde o século XIX diversos visitantes que posteriormente tornaram-se ilustres memorialistas das tradições da histórica cidade. Entre esses, salientamos primeiro aqui o naturalista inglês Richard Burton que visitou a cidade por volta de 1840 e o jornalista e escritor carioca Carlos de Laet, que passou uma temporada em São João Del-Rei por volta de 1894.

O primeiro deixou registrado o seguinte sobre a tradição da linguagem dos sinos utilizada na cidade: ***"... Em São João Del Rei, ouvimos o toque de sinos de Oxford: durante todo o dia e metade da noite, escutava-se o "dobre", toque vagaroso, quando é usada a corda, e o "repique", toque ligeiro, em que o badalo é manejado com a mão. Era uma "fornalha de música", uma "sinfonia de tempestade..."."*** E o segundo as seguintes constatações: ***" ...Dos sinos de São João não se poderá dizer que como em outras cidades estão emudecidos pelo progresso dos tempos. Soam a miúdo e talvez mais freqüentes que de razão. Todo membro de qualquer irmandade confraria ou ordem terceira tem, quando morre, inconcusso direito a dobres funéreos, que mais crebros se tornam se o defunto exerceu cargo ou dignidade. Ora, como, em geral, o são-joanense faz parte de diversas corporações religiosas, raro é o óbito que durante o dia inteiro não faça gemer o bronze de muitos campanários..."***

Entre os nossos contemporâneos ilustres, ressalto ainda a figura do jornalista. Acadêmico e escritor Otto Lara Resende que lembrando certa vez sua infância em São João Del Rei afirmou: ***"Quem quizer descrever o universo tem que falar da sua própria aldeia. E minha aldeia é formada por sinos, igrejas barrocas e as imagens da infância em São João Del-Rei"*** e também do nosso saudoso tio, o Presidente Tancredo de Almeida Neves, também ex-Ministro da Ordem de São Francisco, que numa das suas últimas entrevistas para televisão antes da sua eleição a Presidente a 15 de janeiro de 1985, enfatizava sobre a

IPHAN
Fl. 156
Rubrica

importância da linguagem dos sinos em São João Del-Rei afirmando ***"... Em São João Del-Rei nos somos dominados por dois sons: primeiro o som dos sinos. São João Del-Rei é a Capital dos sinos, talvez no Brasil ela seja a cidade que mais se toque sinos, e os sinos de lá tem linguagem própria. Lá têm toques de alegria, os toques de tristeza e tem os toques característicos da cidade, de forma que a cidade sabe o que está acontecendo, o que não está acontecendo e o que vai acontecer..."***

Também nos documentos seculares das igrejas são-joanenses, guardados nos registros de antigas atas das Ordens Terceiras e Irmandades e Confrarias da cidade podemos comprovar essa devoção que hoje registramos aqui oficialmente. O Trecho que leio a seguir foi retirado do livro de atas da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis em 1917:

" Quando em 1830 a Mesa administrativa da época tratou de melhorar o nosso majestoso templo, que é um padrão inabalável da fé viva e ardente dos nossos antepassados, ouviu-se logo do alto do campanário o som melodioso e argentino do sino que por 88 anos bimbalhou festivo convocando os fieis ao culto dos altares ou dobrou a finados lamentando a partida de um irmão para a vida do além. Quando em princípios de abril de 1916 correu a noticia que o sino de São Francisco quebrara-se, se entristeceu toda a população que se habituara a ouvir de longa data o sino que presidiu o nascimento dos nossos pais. A mesa administrativa atual querendo preencher essa lacuna fundamental na nossa cultura religiosa, tratou logo de buscar adquirir outro sino que o substituísse..."

Citado esses trechos, tenho a certeza que esse registro que agora fazemos é a valorização de um dos mais ricos patrimônios imateriais brasileiros, pois se trata de valorizar principalmente o que considero como são-joanense a alma da nossa cidade e uma das manifestações culturais mais reconhecidas pela comunidade como sua própria identidade. O verso que leio a seguir foi retirado do poema Procissões, de autoria da são-joanense Profª. Historiadora Lucília de Almeida Neves Delgado:

"Em São João Del Rei, procissões são orações e musicalidade das Minas Gerais.
São murmúrios entoados nos sons policromáticos dos sinos.
São celebrações a fazer da vida elos transcendentais."

IPHAN Fl. 457 Rubrica

Finalizando me veio na lembrança uma frase proferida pelo Dr. Rodrigo Melo Franco de Andrade sobre outro distinto antigo sineiro da cidade nos seus tempos de meninice que foi o nosso também conterrâneo Embaixador Gastão da Cunha. Disse o Dr. Rodrigo sobre o mesmo ao abrir a exposição do seu centenário de nascimento em 1963 em São João Del-Rei:

" A perenidade da pátria mantém-se, acima de tudo, pela memória de seus filhos insignes. São João Del - Rei forneceu à nação brasileira algumas de suas figuras aureoladas. Gastão da Cunha procurou seguir na esteira alvinitente dos pró-homens da nacionalidade. A exposição, que ora vai ser inaugurada, oferece o exemplo de sua vida e sua obra como inspiração à mocidade de São João De l- Rei, de Minas Gerais e de todo o país."

Sobre essa sua reflexão penso hoje, quase 50 anos depois de proferidas essas palavras, onde o patrimônio ampliou seus rumos de ação e a cultura imaterial está hoje entre as manifestações mais valorizadas na política de nossa atuação, que seria correto também afirmar que São João Del-Rei têm sido ao longo desses anos uma cidade de profunda maturidade cultural, tendo recebido recentemente o Título de Capital Brasileira da Cultura e que o ato que aqui hoje se consolida é também (ainda que sob um novo enfoque), uma obra de inspiração à mocidade de São João Del-Rei e de Minas, para que a mesma continue sendo a promotora de um dos símbolos de vitalidade mais importantes e certamente uma das lutas mais bem sucedidas do ponto de vista cultural, da manutenção da preservação do patrimônio imaterial no nosso país.

Pelo exposto, somos de parecer favorável, conforme sugerido pela presidência deste Instituto, ao duplo registro: a inscrição do Toque dos Sinos em Minas Gerais no livro de registros das formas de expressão e a inscrição do Ofício de Sineiro no livro de registros dos Saberes, por ser ele o principal responsável pela transmissão desse saber em bases tradicionais, como patrimônio cultural brasileiro.

São João Del – Rei, 03 de dezembro de 2009.

Breno Bello de Almeida Neves
Conselheiro do Conselho Consultivo do IPHAN

8

ANEXO 2
CERTIDÃO DE REGISTRO DO TOQUE DOS SINOS

Serviço Público Federal
Ministério da Cultura
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN

CERTIDÃO

CERTIFICO que do Livro de Registro das Formas de Expressão, volume primeiro, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Iphan, instituído pelo Decreto número três mil quinhentos e cinqüenta e um, de quatro de agosto de dois mil, consta à folha dez verso, o seguinte: "Registro número oito. Bem cultural: Toque dos Sinos em Minas Gerais, tendo como referência São João del-Rei e as cidades de Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes. Descrição: o Toque dos Sinos em Minas Gerais é uma forma de expressão sonora produzida pela percussão dos sinos das igrejas católicas, para anunciar rituais religiosos e celebrações, como festas de santos e padroeiros, Semana Santa, Natal, casamentos, batizados, atos fúnebres e marcação das horas, entre outras comunicações de interesse coletivo. Esta prática, reiterada cotidianamente, especialmente em São João del-Rei, tem sido sustentada por irmandades religiosas leigas, que se constituíram junto a essas cidades durante o ciclo do ouro, e que se responsabilizam, desde então, pelos ofícios litúrgicos oferecidos à população, dentre estes, o de tocar os sinos. Onde as irmandades deixaram de existir, o toque dos sinos ainda se mantém como atividade afetiva, lúdica e devocional de sineiros voluntários, pois, em geral, não há envolvimento da Igreja com o toque dos sinos. Em contrapartida, naquelas cidades onde a presença desses sodalícios foi maior, o enraizamento da prática sineira é mais forte. Particularmente em São João del-Rei e em Ouro Preto, ainda se conservam diversos toques que existiam em antigas vilas e cidades da América portuguesa, atestando a continuidade histórica de suas expressões na memória coletiva das comunidades identificadas, que ainda hoje são capazes de decodificar a linguagem dos sinos e de entender seus significados. A forma de expressão do toque dos sinos relaciona sua dimensão estética à percepção sensorial e à sua função comunicativa, onde a ocasião e a

estrutura do toque estão necessariamente associadas. A ocasião determina o ritmo a ser impresso ao toque: em celebrações festivas, ritmos acelerados, em ocasiões fúnebres, ritmos mais lentos e solenes. A estrutura dos toques é determinada por sua execução: com o sino paralisado são tocadas *pancadas*, *badaladas* e *repiques;* com o sino em movimento se tocam os *dobres.* A expressão dos sinos em São João del-Rei se constitui em referência para as demais cidades porque seus toques compõem um conjunto complexo não só de badaladas, pancadas, repiques e dobres, todos nomeados e com uma estrutura formal precisa, mas, também, porque apresentam um alto grau de sofisticação em sua forma de execução. Os repiques, geralmente, são executados com um conjunto mínimo de três sinos que "conversam" entre si: o sino menor (mais agudo) faz a marcação, o médio (meião) "pergunta" e o grande (grave) "responde". Uma forte influência da matriz cultural africana se faz presente na forma como os sinos eram e são tocados. Em Minas Gerais o barroco permanece, não apenas como estilo e expressão artística dominante no patrimônio cultural do estado, mas, ainda, como uma espécie de ethos ou visão de mundo que marca as cidades do ciclo do ouro e a expressão contemporânea do toque dos sinos. Esta, por sua vez, envolve uma complexa rede de relações entre irmandades, liturgia católica, religiosidade popular, musicalidade e sineiros, aos quais cabe a missão de manter e transmitir seus conhecimentos, habilidades e repertório de toques às novas gerações. O toque dos sinos é expressão reveladora da identidade das cidades inventariadas e da diversidade cultural brasileira. Seus habitantes se reconhecem e se distinguem daqueles de outras cidades porque atribuem um significado particular ao toque dos sinos, ao repertório dos toques, e ao som diferenciado de cada um dos sinos de bronze das torres das várias igrejas das suas cidades. Esta descrição corresponde à síntese do conteúdo do processo administrativo nº 01450.011821/2009-82 e anexos, no qual se encontra reunido um amplo conhecimento sobre esta Forma de Expressão e sobre os Saberes imbricados no Ofício de Sineiro, contido em documentos textuais, bibliográficos e audiovisuais. O presente Registro está de acordo com a decisão proferida na 62ª reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, realizada no dia 03 de dezembro de 2009". Data do Registro: 3 de dezembro de 2009. E por ser verdade, eu, Márcia Genésia de Sant'Anna, Diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, lavrei a presente certidão que vai por mim datada e assinada. Brasília, Distrito Federal, 4 de dezembro de 2009.

2

ANEXO 3
CERTIDÃO DE REGISTRO DO OFÍCIO DE SINEIRO

Serviço Público Federal
Ministério da Cultura
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN

CERTIDÃO

CERTIFICO que do Livro de Registro dos Saberes, volume primeiro, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Iphan, instituído pelo Decreto número três mil quinhentos e cinqüenta e um, de quatro de agosto de dois mil, consta à folha dez verso, o seguinte: "Registro número sete. Bem cultural: Ofício de Sineiro. Descrição: o Ofício de Sineiro, tendo como referência as cidades de São João del-Rei, Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes, em Minas Gerais, é uma prática tradicional, vinculada ao ato de tocar os sinos das igrejas católicas para anunciar rituais e celebrações religiosas, atos fúnebres e marcação das horas, entre outras comunicações de interesse coletivo. A tradição do toque dos sinos, eminentemente masculina, se mantém viva nessas cidades como referência de identidade cultural da população local, e como atividade afetiva, lúdica e devocional de sineiros voluntários e profissionais. A estrutura, composição e o saber tocar sinos estão na memória e na habilidade dos sineiros, que conhecem de cor um repertório não escrito de toques, constituídos de *pancadas*, *badaladas* e *repiques* (executados com o sino paralisado) e de *dobres* (executados com o sino em movimento), adequados às ocasiões festivas ou fúnebres. Os sineiros são, portanto, os detentores e os responsáveis pela reiteração e transmissão da habilidade e do conhecimento requeridos por essa forma de expressão e do seu repertório, pois essa prática não se aprende na escola. É aprendizado que requer observação, envolvimento e dedicação desde a infância, quando os meninos, que não têm acesso às torres, começam a reproduzir os sons dos campanários em panelas, postes, enxadas, picaretas e em tudo o mais que possa servir como objeto de percussão. Em geral, a partir da adolescência, eles passam a frequentar as torres das igrejas para ouvir, ver e acompanhar a execução dos toques. Aos domingos, na cidade de São João del-Rei, há a chamada *Via Sacra*,

quando os aprendizes de sineiros percorrem as torres das principais igrejas da cidade para aprender e, ocasionalmente, tocar os sinos. Outra característica da formação dos sineiros está na profunda relação que costumam manter com bandas, orquestras, liras, escolas de samba e outros espaços de expressão da musicalidade, seja popular ou erudita. É possível, pelo toque, identificar um sineiro. A atividade de sineiro é uma prática e uma arte que envolve criação e aprimoramento dos toques, indo além, portanto, da mera repetição de um repertório. Sineiros experientes podem criar adereços para os sinos e novas técnicas que são incorporadas ao seu trabalho, como é o caso da colocação de um gancho entre o badalo e a corda. Esta inovação, em especial, proporcionou significativa valorização do toque dos sinos e destaque a seus praticantes. Os sineiros se autoclassificam como *antigos sineiros* - aqueles que tocam os sinos esporadicamente e são chamados para esclarecer dúvidas; *jovens sineiros* - os que tocam os sinos no dia-a-dia; *zeladores sineiros* - os que devem dar condição aos jovens sineiros de executar a sua tarefa e tocar os sinos quando estes não conseguem; e *mestres sineiros* - os sineiros já falecidos que fazem parte da história da localidade e são referências desse saber e do seu ofício. Esta descrição corresponde à síntese do conteúdo do processo administrativo nº 01450.011821/2009-82 e anexos, no qual se encontra reunido um amplo conhecimento sobre este Ofício e sobre o Toque dos Sinos nas cidades mineiras referidas no descritor, contido em documentos textuais, bibliográficos e audiovisuais. O presente Registro está de acordo com a decisão proferida na 62ª reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, realizada no dia 03 de dezembro de 2009". Data do Registro: 3 de dezembro de 2009. E por ser verdade, eu, Márcia Genésia de Sant'Anna, Diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, lavrei a presente certidão que vai por mim datada e assinada. Brasília, Distrito Federal, 4 de dezembro de 2009.

2

ANEXO 4
MODALIDADES DE TOQUES EM SÃO JOÃO DEL-REI

Modalidade de toques	Descrição (quantos sinos são utilizados, como cada sino é utilizado, as partes que compõem os toques, etc.) e função/significado
Repiques comuns: Tencão do Rosário; Tencão da Boa Morte; Tanquins; Tens-Tens; Tens-Tolim; Batucada; Batuquinho; Repique Especial de Nossa Senhora da Boa Morte ou Senhora é Morta	Cada um destes repiques tem sua configuração rítmica própria. Podem ser utilizados em diversas ocasiões à escolha do sineiro um a cada vez, principalmente para chamadas de missas ou novenas. Geralmente são combinados com outros toques
Tencão Festivo	Repique executado na maior parte das festas em homenagem aos santos
Tencão Atravessado	Repique executado somente na Catedral Basílica do Pilar, em todos os sinos
Terentena	Repique usado para finalizar conjunto de repiques. É chamado por alguns de repique conclusivo
Clens	Repique executado em andamento lento, usado após o Ângelus das 18 h durante o mês de Maria (maio) e durante a Bênção solene do Santíssimo Sacramento, nas missas
Canjica Queimou ou Pé-de-Galinha ou Canjiquinha	Repique usado nos finais de festa em todas as igrejas, exceto na Catedral Basílica do Pilar
Principiada	Introduz conjuntos de repiques, com pancadinhas iguais, primeiro no sino pequeno, em seguida no médio, e por último no grande
Toque de Entrada	Dezoito a 80 pancadas espaçadas no sino pequeno da igreja em que se celebrará missa, seguidas por pancadas mais rápidas e menos espaçadas, cujo número indicará quem será o celebrante (se for coadjutor ou o padre, três pancadas; se for o pároco, quatro; se for o bispo, sete; se o arcebispo metropolitano, nove pancadas; se for o papa, 14 pancadas)

Modalidade de toques	Descrição (quantos sinos são utilizados, como cada sino é utilizado, as partes que compõem os toques, etc.) e função/significado
Toque de Chamada de irmãos às eleições e definitórios	Tocam-se nove pancadas no sino grande, uma hora, 30 minutos e 15 minutos antes do horário estabelecido (são executados apenas quando tais eventos se realizam separadamente de outras cerimônias para as quais os irmãos já estejam reunidos)
Toque de Chamada de sineiro e sacristão	Três pancadas fortes que vão se sucedendo em acelerando e decrescendo até chegar-se a pianíssimo. Usado para chamar à igreja sacristão, sineiros ou ajudantes dos sineiros
Toque de Ângelus	Nove pancadas espaçadas no sino principal das igrejas, às 12 h, 18 h e 20 h, durante todo o ano, exceto na Sexta-Feira Santa e no Sábado Santo
Toque de Almas	É o último Ângelus do dia, executado às 21 h no verão e às 20 h no inverno
Toque de Matinas	É o primeiro Ângelus do dia, executado às 6 h
Toque de Ângelus da Páscoa	Toque de Ângelus executado em dois sinos simultaneamente, durante o período pascoal (Domingo de Páscoa até *Corpus Christi*)
Toque de Rebate	Pancadas descompassadas no sino grande, seguidas pelo sino médio. É usado para alertar sobre incêndio ou outra calamidade
Toque de Parto	Sete pancadas espaçadas de meia em meia hora, no sino grande da Igreja das Mercês, até que a criança nasça. Toque executado a pedido, quando de dificuldades de parto. A escolha do sino é devido ao seu nome, São Raimundo Nonato, que teria nascido após a morte de sua mãe, por uma operação de cesariana
Toque de Vésperas	É executado apenas quando se celebra Vésperas solenemente, a partir das 15 h
Toque de Chagas ou Morte do Senhor	Quatro dobres bem espaçados de uma pancada no sino de Nosso Senhor dos Passos (Catedral Basílica do Pilar), seguidas de "descaimento" do sino. É executado às 15 h de todas as sextas-feiras do ano, excetuando-se a Sexta-Feira da Paixão
Toque de Agonia	Nove pancadas no sino principal do sodalício a que pertence o irmão. Normalmente o espaço entre as pancadas corresponde ao tempo de se rezar uma ave-maria. Há a possibilidade desse toque ocorrer na Igreja de Nossa Senhora das Mercês independentemente da filiação a ela
Toque de Chamada de irmãos para enterros	Dezoito pancadas no sino principal do sodalício em que o falecido foi irmão, 45, 30 e 15 minutos antes do horário estabelecido
Dobre Fúnebre para Mulher	Duas séries de dobres simples (de uma pancada), começando pelo sino menor, passando pelo médio e em seguida pelo maior, descaindo-se os sinos após cada série. São executados no sodalício a que pertenceu a irmã

Modalidade de toques	Descrição (quantos sinos são utilizados, como cada sino é utilizado, as partes que compõem os toques, etc.) e função/significado
Dobre Fúnebre para Homem	Três séries de dobres de uma pancada, começando pelo sino menor, passando pelo médio e em seguida pelo maior, descaindo-se os sinos após cada série. São executados no sodalício a que pertenceu o irmão
Dobre Fúnebre para Mulher ex-mesária de sodalício	Duas séries de dobres duplos (de duas pancadas). São executados no sodalício a que pertenceu a irmã
Dobre Fúnebre para Homem ex-mesário de sodalício	Três séries de dobres duplos. São executados no sodalício a que pertenceu o irmão
Dobre Fúnebre para Irmão mesário ou mesária que prestou relevantes serviços ao sodalício	Três ou duas séries de dobres duplos (como os demais ex-mesários), de hora em hora. São executados no sodalício a que pertenceu o irmão
Dobre Fúnebre para Papa	Catorze séries de dobres duplos, em ordem inversa: começando pelo sino maior; descaindo-se os sinos após cada série, em todas as igrejas e capelas
Dobre Fúnebre para Bispo	Sete séries de dobres duplos, em ordem inversa: começando pelo sino maior; descaindo-se os sinos após cada série, em todas as igrejas e capelas
Dobre Fúnebre para Vigário	Cinco séries de dobres duplos, em ordem inversa: começando pelo sino maior; descaindo-se os sinos após cada série, em todas as igrejas e capelas
Dobre Fúnebre para Sacerdote	Quatro séries de dobres duplos, em ordem inversa: começando pelo sino maior; descaindo-se os sinos após cada série, em todas as igrejas e capelas
Toque para Saída do Cortejo Fúnebre	Três dobres duplos, da saída do cortejo até a entrada do féretro na igreja
Clens Fúnebre	É o clens tocado com andamento bem mais lento e em pianíssimo. É usado como toque fúnebre para criança
Tens-Tens Fúnebre	É o Tens-Tens tocado com andamento bem mais lento e em pianíssimo. É usado como toque fúnebre para criança
Terentena Fúnebre	É a Terentena tocada com andamento bem mais lento e em pianíssimo. É usado como toque fúnebre para criança.
Dobre de Trevas	Dobre duplo em cada um dos sinos da Catedral Basílica do Pilar, começando pelo sino das almas. É feito exclusivamente na catedral, somente na Quarta-Feira Santa, depois do Ofício de Trevas
Dobre de Cinzas	Dobre duplo bastante compassado, executado no sino do Santíssimo Sacramento, na Catedral Basílica do Pilar. Esse toque é executado na terça-feira de Carnaval, às 21 h, durante cerca de dez minutos, como aviso de que haverá missa no dia seguinte; e na quarta-feira de Cinzas, para anunciar a missa e durante a missa, desde seu início até após a imposição das cinzas, quando se descai o sino

VISTA GERAL DE DIAMANTINA COM DESTAQUE À IGREJA DO ROSÁRIO E SERRA DO ESPINHAÇO AO FUNDO.
FOTO: CRISTINA LEME, 2009.



ANEXO 5
AFINAÇÃO DO SINO

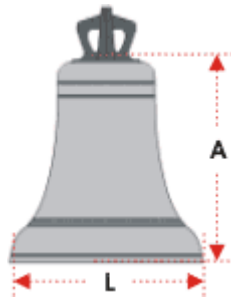
De acordo com o portal http://sinos.cousinha.pt/som, os sinos são sempre afinados em cinco harmônicas, conforme mostra a imagem. Elas são: (1) a nominal (**N**), (2) a quinta da nota fundamental (**Q**), (3) a terceira menor da nota fundamental (**T**), (4) a fundamental, nota da primeira oitava inferior – ou abaixo (**F**), (5) e o bordão, nota da segunda oitava inferior – ou abaixo (**B**).

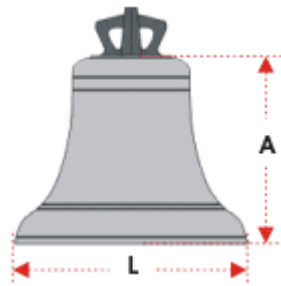
A afinação do sino é dada a partir de algumas características relacionadas à altura, o diâmetro da boca e seu peso. A relação entre esses três elementos determina a nominal do sino. Antigamente, os sinos eram mais altos e sua boca mais larga. Hoje, em dia, são fabricados com menor altura.

Apenas a título de exemplo seguem duas tabelas fornecidas no portal http://sinos.cousinha.pt. Devemos nos lembrar de que os sinos são feitos por encomenda e, portanto, podem variar de tamanho, largura e, consequentemente afinação.

Sistema Moderno – esse tipo de sino caracteriza-se por uma altura (A) muito aproximada ao diâmetro da boca (L). Comparando com um sino do Sistema Antigo, este é mais baixo e largo.

ABAIXO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA
SISTEMA ANTIGO
SISTEMA MODERNO





Altura A (m)	Diâmetro L (m)	Peso (k)	Nota Musical	Altura A (m)	Diâmetro L (m)	Peso (k)	Nota Musical
1.42	1.52	1.840	dó	1.26	1.49	2.160	dó
1.33	1.43	1.570	dó#	1.18	1.40	1.700	dó#
1.25	1.34	1.350	ré	1.15	1.32	1.550	ré
1.18	1.27	1.200	ré#	1.10	1.25	1.280	ré#
1.11	1.20	1.000	mi	1.00	1.19	1.100	mi
1.08	1.14	840	fá	0.95	1.12	920	fá
0.99	1.06	650	fá#	0.89	1.04	720	fá#
0.93	1.02	540	sol	0.84	0.97	620	sol
0.87	0.94	450	sol#	0.78	0.93	520	sol#
0.83	0.91	380	lá	0.75	0.89	450	lá
0.80	0.86	310	lá#	0.71	0.84	380	lá#
0.75	0.80	265	si	0.66	0.79	315	si
0.71	0.76	220	dó	0.63	0.74	260	dó
0.67	0.72	185	dó#	0.59	0.70	210	dó#
0.63	0.68	155	ré	0.55	0.66	190	ré
0.59	0.63	130	ré#	0.53	0.62	150	ré#
0.55	0.60	115	mi	0.50	0.57	135	mi
0.53	0.57	95	fá	0.47	0.55	110	fá
0.50	0.53	80	fá#	0.45	0.52	95	fá#
0.47	0.50	70	sol	0.42	0.49	80	sol
0.44	0.48	60	sol#	0.39	0.46	65	sol#
0.42	0.46	48	lá	0.38	0.44	58	lá
0.40	0.43	42	lá#	0.36	0.42	50	lá#
				0.33	0.40	40	si
				0.31	0.37	32	dó
				0.30	0.34	27	dó#
				0.28	0.33	23	ré
				0.26	0.31	19	ré#
				0.26	0.31	19	ré#

JANELA COM SINO NA IGREJA DE SANTO ANTÔNIO, MARIANA.
FOTO: PEDRO DAVID, 2004.



Este livro foi produzido no outono de 2016 para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Foi composto nas tipografias Rosewood (títulos) e MrsEaves (textos), corpo 12/14.4, em papel couché matte 150 g/m (miolo).

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO (CIP)
BIBLIOTECA ALOÍSIO MAGALHÃES, IPHAN

T675 O Toque dos Sinos e o Ofício de Sineiro em Minas Gerais : tendo como referência as cidades de São João del-Rei, Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes / coordenação, Yêda Barbosa. – Brasília, DF : Iphan, 2016.
152 p. : il. color. ; 25 cm. – (Dossiê Iphan ; 16)

ISBN: 978-85-7334-293-2

1. Patrimônio imaterial – Minas Gerais (MG). 2. Sino. 3. Sineiro. 4. Artes e Ofícios. I. Barbosa, Yêda. II. Série.

CDD 390.4

IPHAN